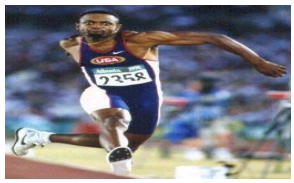
Mestrado em Psicologia Desportiva

Vitor Alexandre Belo de Moura Pereira Coelho

Estilo Atribuicional e sua relação com a Auto-Estima: Um estudo com atletas de élite portugueses e eslovenos

Estilo Atribuicional e sua relação com a Auto-Estima:
Um estudo com atletas de élite portugueses e eslovenos



Universidade do Minho
Braga
2004

Dissertação apresentada à Universidade do Minho, para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia Desportiva, sob a orientação do Professor Doutor Leandro Almeida.

Resumo

Apesar de a atribuição causal ter sido um dos assuntos mais estudados em Psicologia Desportiva durante os anos 80, várias lacunas foram apontadas à investigação realizada: falta de investigação sobre estilo atribucional em contexto desportivo, sobre egoísmo atribucional, sobre atletas de élite e sobre o efeito que factores culturais têm sobre as atribuições são vários dos aspectos apontados por Biddle (1994). Este trabalho tem como objectivos analisar se a nacionalidade é um factor a ser considerado quando analisamos o estilo atribucional, clarificar que papel é que este factor desempenha, quando comparado com outros bem identificados na literatura, como o género e o tipo de modalidade praticada. Outro objectivo é analisar as relações entre estilo atribucional e auto-estima, particularmente o egoísmo atribucional, e verificar que papel tem os três factores identificados anteriormente nesta relação.

Após a análise dos resultados obtidos podemos concluir que não só nacionalidade deve ser um fator a ter em conta na análise do estilo atribucional, como se constitui como um factor mais relevante do que o género e o tipo de modalidade praticada. Encontrámos diferenças significativas em cinco dimensões do estilo atribucional (internalidade em eventos positivos e eventos negativos, estabilidade em eventos positivos e negativos, globalidade em eventos negativos), enquanto que apenas encontrámos diferenças significativas numa dimensão devida ao género (internalidade em eventos negativos) e em três devidas ao tipo de modalidade praticada (internalidade de eventos positivos e em eventos negativos, globalidade em eventos negativos). Além disso, os resultados mais significativos derivam da interacção entre os vários factores.

Enquanto que ao analisarmos a auto-estima não encontramos nenhuma diferença significativa, relativamente ao egoísmo atribucional verificámos que este enviezamento ocorre com bastante força entre atletas de élite, incluindo todas as dimensões do estilo atribucional analisadas (internalidade, estabilidade, globalidade, controlabilidade e intencionalidade). Verificamos que a nacionalidade influencia a dimensão da internalidade, o género a internalidade e a globalidade, enquanto que o tipo de modalidade praticada exercer influência sobre a globalidade. Uma outra conclusão importante refere-se ao facto de não encontrarmos egoísmo atribucional na dimensão da internalidade entre as atletas femininas.

Abstract

While causal attribution was one of most studied subjects in Sport Psychology during the 80´s, the studies that were developed were considered as lacking in some areas. According to Biddle (1994), there wasn´t enough attention being paid to several issues including attributional style in sports, the consequences of the self-serving bias in sport, as well as a lack of studies with top or elite athletes, and the role that nationality may have upon attribution. The objective of this study is to analyse the role that nationality may have upon attributional style, and to compare it to other well identified factors that influence attributions such as gender, and the type of sport practised (individual vs colective sports). Another objective of this study is to understand the relations between attributional style and self-esteem, particularly the self-serving bias, and to analyse the role that nationality, gender and type of sport fulfill upon this bias.

After analysing the data gathered we can conclude that nationality is a factor to be reckoned when discussing attributional style, even a more relevant factor than gender and type of sport practised. We found significative differences in five dimensions of attributional style (internality in positive and negative situations, stability in positive and negative situations and globality in negative situations), while we only found one significative difference due to gender (internality in negative situations) and three due to type of sport practised (internality in positive and negative situations and globality in negative situations). It is worth to mentions that more significative results derive from the interaction between the three factors.

While the analysis regarding self-esteem we found no significative difference, the analysis of self-serving bias show us that this bias is quite strong among elite athlete, including all five dimension of attributional style (internality, stability, globality, controlability and intencionality). Nationality was found to influence internality, gender to influence internality and globality, while the type of sport practised influenced globality. Another important conclusion regards the fact that no self serving bias was found in the internality dimension among women athletes.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Leandro de Almeida, pela coordenação, acompanhamento, orientação e contributos para o melhoramento deste trabalho. E, em especial, por ter aceite coordenar uma tese que já se encontrava em andamento.

À Tanja Kajtna, elemento essencial na realização desta investigação, coordenando a aplicação de questionários na Eslovénia e criando contactos para que eu os pudesse aplicar. Ao professor Milan Kuc e à Universidade de Ljubliana pela disponibilidade que demonstraram relativamente ao desenvolvimento da investigação.

Às pessoas (Ana Margarida e Raquel Raimundo, Lara Vieira, Vera Leitão, Gonçalo Ribeiro, Paulo Manica) que, de uma forma altruísta e imaginativa, me ajudaram na aplicação e recolha dos questionários, dando-me uma ajuda crucial para este trabalho pudesse ser realizado.

À Bernarda Nemec e à família Nemec, Alexandra Santos, Ana Margarida e Iria Raimundo pela hospitalidade e pela facilidade com que criaram "lares" à medida que esta tese se ia movimentando no plano geográfico.

Ao Carlos Leitão, João Rodrigues, e Pedro Neves pela ajuda que me deram no desenvolvimento do pensamento estatístico. Ao Hugo Mónica pela ajuda na finalização da parte gráfica da tese.

À Professora Doutora Isabel Soares por ter conseguido encontrar uma solução adequada para um problema complicado.

Aos atletas e treinadores que tornaram realmente possível a realização através da dedicação do seu tempo precioso. Aos clubes que permitiram a realização do estudo.

À Universidade do Minho e, em particular, ao Professor Doutor José Cruz pela experiência única que foi este mestrado.

Finalmente, mas muito importante, à minha família e à minha namorada, Raquel Raimundo, pelo apoio que me deram durante os longos altos e baixos que constituiram este mestrado.

Índice

	Introdução	1
	Capítulo 1: Atribuições e Estilo Atribucional	7
1.1	Introdução	8
1.2	Teoria da Atribuição	8
1.2.1	Evoluição da Teoria da Atribuição	9
1.2.2	Os contributos de Weiner	12
1.3	Estilo Atribucional	19
1.4	A avaliação das atribuições e do estilo atribucional	21
1.4.1	Instrumentos de avaliação das atribuições em contexto desportivo	25
	Causal Dimension Scale (CDS)	25
	Causal Dimension Scale II (CDS II)	28
	Performance Outcome Survey (POS)	29
1.4.2	Instrumentos de medida do estilo atribucional em contexto desportivo	29
	Attributional Style Questionnaire (ASQ)	29
	Wingate Sport Achievement Responsability Scale (WSARS)	31
	Sport Attributional Style Scale (SASS)	31
1.5	Investigação sobre atribuições em contexto desportivo	33
1.5.1	Investigação sobre estilo atribucional em contexto desportivo	41
1.5.2	Diferenças atribucionais entre homens e mulheres	45
1.6	Síntese	51
	Capítulo 2: Auto-Estima e Auto-Conceito	54
2.1	Introdução	55
2.2	Os conceitos de auto-estima e de auto-conceito	55
2.3	A evolução dos modelos de auto-conceito e auto-estima	61
2.3.1	O modelo multidimensional hierárquico de Shavelson, Hubner e Stanton	64
2.4	A avaliação da auto-estima e auto-conceito físico em contexto desportivo	67
2.4.1	Instrumentos de medida da auto-estima e do auto-conceito físico	69
	Physical Self-Perception Profile (PSPP)	69
	Physical Self-Description Questionnaire (PSDQ)	70
2.5	Investigação sobre a auto-estima em contexto desportivo	72
2.5.1	Relações entre atribuições e a auto-estima	72
2.6	Síntese	76

Capítulo 3: Metodologia do estudo empírico 78

3.1 Introdução 79
3.2 Objectivos 79
3.3 Amostra 80
3.4 Instrumentos 83
3.5 Procedimentos 86

Capítulo 4: Resultados: Apresentação e Discussão 88

4.1 Introdução 89
4.2 Estilo Atribucional, Auto-Estima e Egoísmo Atribucional 89
4.3 Testagem das hipóteses 94
4.4 Discussão dos resultados 109

Capítulo 5: Conclusão 117

Bibliografia 127

Anexos
Anexo A: Questionários biográficos
Anexo B: SASSp
Anexo C: SASSs
Anexo D: PSDQp
Anexo E: PSDQs
Anexo F: Índices da MANOVA relativa ao estilo atribucional
Anexo G: Índices da MANOVA relativa ao egoísmo atribucional

Lista das figuras

1.1	Modelo dos elementos atribucionais (Weiner *et al.*, 1972)	13
1.2	Modelo tridimensional das atribuições, aplicado ao contexto desportivo (Weiner, 1979)	14
1.3	Teoria atribucional da motivação e emoção (Weiner, 1986)	15
2.1	Modelo hierárquico multidimensional (Shavelson e colaboradores, 1976)	64

Lista dos quadros

3.1	Atletas, distribuídos pela idade	82
3.2	Atletas, distribuídos pelos anos de prática	83
4.1	Resultados na dimensão do estilo atribucional	90
4.2	Resultados nas dimensões do estilo atribucional, repartidos por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada	91
4.3	Resultados da auto-estima, repartidos por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada	93
4.4	Resultados nas dimensões do egoísmo atribucional, repartidos por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada	93
4.5	Resultados nas dimensões do estilo atribucional, organizadas por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada	102
4.6	Diferenças de auto-estima, em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada	103
4.7	Correlações entre auto-estima e dimensões do estilo atribucional	104
4.8	Análise sobre a existência de egoísmo atribucional	105
4.9	Correlações entre auto-estima e dimensões do estilo atribucional (egoísmo atribucional)	108

Lista dos gráficos

4.1	Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da internalidade em eventos positivos	95
4.2	Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da internalidade em eventos negativos	96
4.3	Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da controlabilidade em eventos negativos	97
4.4	Interacção entre nacionalidade e género, para a dimensão da estabilidade em eventos positivos	98
4.5	Interacção entre nacionalidade e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da intencionalidade em eventos negativos	99
4.6	Interacção entre género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da controlabilidade em eventos positivos	100
4.7	Interacção entre género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da globalidade em eventos positivos	101
4.8	Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da controlabilidade em termos de egoísmo atribucional	106
4.9	Interacção entre género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da globalidade em termos de egoísmo atribucional	107

O estudo dos factores e competências psicólogicas relevantes para o desempenho no contexto desportivo, particularmente em alta competição, tem se tornado mais importante à medida que o desporto se vai tornando cada vez mais competitivo, e o domínio de todas as áreas do desempenho físico e psicológico se torna uma quase necessidade para obter sucesso.

Diariamente, todos nós nos vemos confrontados com a necessidade de justificar as nossas acções e as dos outros, de uma forma que nos pareça coerente, procurando causas ou razões para todos os acontecimentos que nos afectam, directa ou indirectamente. Nos vários contextos em que nos vimos envolvidos, quer seja de trabalho, escolar ou familiar, esta busca por explicações tende a desenrolar-se.

No contexto desportivo, esta busca por explicações torna-se crucial devido à constante necessidade de avaliação do desempenho, e ao facto do desempenho dos atletas constantemente resultar em resultados de sucesso e insucesso, o que potencia o desencadear do processo atribucional. Alguns exemplos que ilustram bem esta situação pode ser observados no Europeu de Futebol que está a decorrer no nosso país. Após falhar o penalty contra Portugal, Beckham atribuiu o insucesso à relva O guarda-redes Ricardo ao explicar porque é que optou por defender o penalty decisivo sem luvas, explica que precisava de fazer algo diferente, visto que não estava a conseguir defender os anteriores. A mesma competição fornece um bom exemplo de que o processo atribucional é potenciado após um insucesso ou um resultado inesperado, após a eliminação da equipa inglesa, os jornalistas desse país questionavam o treinador da equipa portuguesa Luis Filipe Scolari, se não se deveria à sorte a vitória obtida sobre a Inglaterra, ao que este respondeu humoristicamente que os 16 títulos que tinha obtido na sua carreira se deviam à sorte.

Assim, no contexto desportivo, esta necessidade de encontrarmos causas que expliquem os comportamentos mais inesperados é perfeitamente vísivel e notória no dia-a-dia, quando o Futebol Clube do Porto se sagrou comportamento europeu, a falta de festejos por parte do seu treinador suscitou bastante surpresa e imediatamente desencadeou uma frenética busca por explicações. Durante a semana seguinte as explicações apresentadas desmultiplicaram-se na Comunicação Social, com variações mais ou menos mirabolantes: dois jornais diários desportivos referiam que a família do treinador tinha sido ameaçada, uma revista apontava-lhe um caso extra conjugal com a mulher de um jogador, outra revista com a mulher de elemento da claque de apoio ao clube, dois jornais diários apresentavam a sua postura como

elmento de ruptura de forma a fazer passar a mensagem de que queria sair do clube. Tantas e tão variadas explicações são um bom exemplo da necessidade que os indivíduos apresentam de conferir significado coerente ao mundo que os rodeia. Quanto mais inesperado o acontecimento, maior a necessidade atributiva.

Visto que a nacionalidade é um dos aspectos menos estudados e apontado como merecedor de maior atenção no processo atribucional por Biddle (1994), era importante encontrar um país que permitisse realizar comparações relevantes. Relativamente à Eslovénia, podemos afirmar que se trata de um país interessante para analisar em termos desportivos. País recente, independente da Jugoslávia desde 1991, a Eslovénia tem marcado presença constante nas grandes provas desportivas desde então. Quando iniciei este estudo, a Eslovénia apresentava um maior número de medalhas olímpicas do que Portugal desde os primeiros Jogos Olímpicos no qual o país competiu enquanto independente. Como exemplo, podemos tomar os últimos Jogos Olímpicos (Sidney, 2000) como referência, nestes Jogos os atletas da Eslovénia ganhou 2 medalhas de ouro, colocando-se no 35º lugar, e Portugal obteve 2 medalhas de bronze, ficando colocados no 68º lugar. Para que a comparação tenha algum sentido, é necessário comparar apenas Jogos Olímpicos de Verão. A Eslovénia apresenta um maior número de presenças em Europeus e Mundiais de modalidades colectivas do que Portugal, tanto em masculinos como em femininos em várias modalidades (basquetebol, voleibol, andebol). Portugal apresenta melhores resultado no futebol masculino. Também ao analisarmos algumas modalidades individuais apresenta resultados bastante superiores aos de Portugal: apresenta oito vezes mais presenças em finais de Mundiais de natação nos últimos dois eventos; tem três tenistas colocadas no top100 feminino, contra nenhuma portuguesa.

A teoria da motivação e da emoção de Weiner (1985, 1986) esclarece a importância dos processos atribucionais relativamente à motivação e às emoções. O estilo atribucional tem um papel estruturante na forma como os indivíduos estruturam o mundo que os rodeia. Em contexto desportivo é necessário analisar o papel do estilo atribucional, e identificar e descrever os factores que podem influir sobre este, de forma a estruturar programas de treino atribucional que se revelem mais adequados durante a formação e vida profissional dos atletas. Este estudo visa também desenvolver um tema que não tem sido tão pesquisado em Portugal como em outros países, tendo sido apenas desenvolvidos alguns estudos durante a década de 90 por Fonseca, e em 2001 por Neves.

Relativamente à organização dos conteúdos, esta tese apresenta-se dividida em 5 capítulos: os dois primeiros compõem a revisão teórica e bibliográfica dos conceitos a serem abordados no estudo; o terceiro capítulo descreve a metologia empregue no estudo empírico; o quarto capítulo corresponde à apresentação e discussão dos resultados obtidos durante o estudo; e finalmente o quinto capítulo relata a conclusão inerente ao estudo, e a sua articulação com a teoria e instrumentos existentes, bem como sugestões para futuros estudos a serem desenvolvidos nesta área de investigação.

Assim, no primeiro capítulo, serão definidos os conceitos de atribuição causal e de estilo atribucional e será apresentada uma revisão sobre a evolução das teorias e modelos que, ao longo dos 60 anos de investigação sobre esta temática, se mostraram mais relevantes na investigação. O ênfase desta revisão incidirá sobre os modelos de Weiner, dado que estes são os mais utilizados em contexto desportivo. De seguida, serão analisados os aspectos relativos à avaliação das atribuições e do estilo atribucional, passando em revista os diversos instrumentos utilizados na investigação na tentativa de medir estes dois conceitos, será naturalmente prestada particular atenção à avaliação destes conceitos em contexto desportivo. Será dada uma atenção particular à investigação desenvolvidada em contexto desportivo que se apoia aos instrumentos de avaliação analisados anteriormente. Este capítulo conterá ainda uma revisão sobre factores descritos na literatura como susceptíveis de provocar diferenças em termos de atribuições e estilo atribucional, como o género e o tipo de modalidade praticada. No final do capítulo está presente uma síntese dos elementos essenciais abordados.

O segundo capítulo foca-se sobre a auto-estima, bem como sobre o auto-conceito (particularmente o auto-conceito físico). Durante o capítulo é traçado o percurso das definições destes conceitos, ao longo da investigação, com a sua separação e diferenciação. Será também analisada a evolução dos modelos da auto-estima e do auto-conceito, sendo dada particular atenção ao modelo hierárquico multidimensional de Shavelson, Hubner e Stanton (1976), que serve de base para o nosso estudo. A avaliação da auto-estima e do auto-conceito físico será um outro

ponto analisado durante este capítulo, acompanhada de uma análise mais detalhada dos instrumentos de medida da auto-estima e do auto-conceito físico mais utilizados em contexto desportivo. De seguida são apresentadas uma série de investigações relevantes, realizadas com os instrumentos analisados e com base no modelo hierárquico multidimensional, focando principalmente no aspecto das relações entre auto-estima e atribuições, e analisando um enviezamento denominado egoísmo atribucional. No final do capítulo está presente uma síntese dos elementos essenciais abordados.

A metodologia do estudo empírico é o tema do terceiro capítulo, nele são descritas as hipóteses e as premissas que orientaram este estudo, bem como as características da amostra que constituiu o estudo (características que incluem a idade, os anos de prática, bem como a repartição por nacionalidade, por género e por tipo de modalidade praticada). São também descritos os instrumentos que foram utilizados no nosso estudo, sendo descritas a sua composição e qualidades psicométricas. A finalizar o capítulo são descritos os procedimentos utilizados para a realização do estudo, tanto em Portugal como na Eslovénia, e para levar a cabo as análises dos resultados obtidos.

O quarto capítulo centra-se na apresentação e discussão dos resultados obtidos após a aplicação dos instrumentos. Em primeiro lugar são apresentadas as estatísticas descritivas relativas às dimensões do estilo atribucional, à auto-estima, e ao egoísmo atribucional, repartidas pelos vários factores. Após isto são apresentadas as estatísticas realizadas para a testagem das hipóteses enumeradas no terceiro capítulo. No final do capítulo são discutidos os resultados obtidos, analisada a implicação dos resultados relativamente às hipóteses levantadas, e são oferecidas algumas explicações para os resultados obtidos, a partir das premissas teóricas que orientaram este estudo.

A conclusão do estudo compõe o quinto capítulo. Neste capítulo são analisados os principais resultados obtidos, e as suas consequência dos resultados relativamente ao quadro teórico e aos instrumentos que orientaram este estudo. São também referidas as principais limitações encontradas aquando da realização deste estudo e

são sugeridas futuras linhas de investigação sobre esta temática para futuras investigações nesta área.

1.1 Introdução

Este capítulo irá abordar a evolução da teoria da atribuição, bem como a evolução da noção de estilo atribucional. O capítulo servirá também para estabelecer as bases teóricas, e o respectivo modelo, que orientam este estudo em termos de atribuições, bem como para analisar investigações relevantes para este tema.

De início, será abordada a evolução da teoria da atribuição e os contributos para esta de vários autores de referência, como Heider, Kelley, Jones e Davis. Será dada maior atenção aos contributos de Weiner e à evolução dos modelos por si criados, dado que estes são os mais utilizados em investigações em contexto de desempenho e, mais concretamente, em contexto desportivo. Começaremos pela análise do modelo bidimensional das atribuições, passando pelo modelo tridimensional das atribuições, até à teoria atribucional da motivação e emoção em contextos de desempenho. Serão também analisadas as contribuições de outros autores relativamente aos modelos de Weiner, concretamente na integração das dimensões da intencionalidade e da globalidade.

Outro aspecto importante será a introdução da noção de estilo atribucional, e os contributos de diversos autores que trabalharam este conceito, nomeadamente em contextos desportivos.

De seguida, será dada atenção aos aspectos de avaliação das atribuições e do estilo atribucional, acompanhando a evolução da avaliação neste domínio e descrevendo os vários instrumentos existentes para a avaliação das atribuições e do estilo atribucional, com enfâse na *Sport Attributional Style Scale*, o instrumento utilizado neste trabalho.

Serão ainda revistas algumas investigações, relativamente ao contexto desportivo, sobre atribuições causais e, posteriormente, sobre estilo atribucional.

1.2 Teoria da Atribuição

As atribuições têm sido alvo de um estudo sistemático e continuado por parte de investigadores de vários quadrantes da Psicologia, a nível social, educativo, clínico ou desportivo. Contudo, apesar de serem muitos os autores que deram o seu contributo para a formação de uma teoria geral da atribuição, os trabalhos de Kelley,

de Jones e Davis, e de Weiner são habitualmente assumidos como principal, ou primeira, referência neste campo de investigação (Biddle, 1993; Harvey & Weary 1984; Hewstone, 1989; Ross & Fletcher, 1985). De acrescentar que, de acordo com alguns autores (Kelley & Michela, 1980; Ross & Fletcher, 1985) não se pode falar apenas de uma teoria da atribuição, mas devem considerar-se várias teorias da atribuição, enquanto outros (Harvey & Weary, 1984) defendem uma teoria da atribuição geral, composta por uma variedade de abordagens teóricas.

1.2.1 Evolução da teoria da atribuição

Pode afirmar-se que Fritz Heider é o fundador da teoria da atribuição na Psicologia, com a publicação do seu artigo "*Social perception and phenomenal causality*", em 1944. Neste artigo apresentou, pela primeira vez, as suas ideias relativamente à atribuição causal, tendo tido forte influência na origem e definição da teoria da atribuição. O autor tentou explicar os processos de pensamento que as pessoas utilizam para retirarem sentido dos acontecimentos quotidianos que ocorrem no mundo que as rodeia, salientando a relevância de os psicólogos entenderem a psicologia do senso comum, ou "psicologia ingénua" (Heider, 1958). Segundo este autor, existe alguma semelhança entre os processos utilizados pelos cientistas e os utilizados pelo homem comum para explicar os acontecimentos que procura analisar, destacando elementos subjectivos ou de senso comum que guiam a percepção das pessoas sobre os outros ou sobre si mesmas.

Heider acreditava que o comportamento era o resultado da interacção de duas forças: a) os factores pessoais ou internos, que se referem à capacidade dos indivíduos escolherem os seus comportamentos, estes incluem a habilidade, o esforço e o cansaço, por exemplo; b) os factores ambientais ou externos, ou seja, as pressões que o meio ambiente exerce sobre o comportamento dos indivíduos, nas quais se incluem a dificuldade da tarefa, a oportunidade ou a sorte (Heider, 1958). Assim, seria a percepção das relações entre estas duas forças que levaria o indivíduo, que faz a atribuição, a escolher o seu comportamento. Este autor afirma também que a intenção é o factor principal da causalidade individual. Desta forma, se, ao observarmos os comportamentos de alguém, considerarmos que as causas que estiveram na sua origem resultam exclusivamente da maneira de ser dessa pessoa, atribuí-los-emos apenas a ela. Por outro lado, se entendermos que as causas se relacionam exclusivamente com as influências do meio, isentamos a pessoa de

responsabilidades, visto esta não poder escolher os seus comportamentos; logo não podemos considerar que teve intenção de se comportar assim. Hewstone e Fincham (1996) afirmam que esta divisão de Heider sobre as potenciais fontes de realização de uma acção, considerando umas como relativas à pessoa (internas) e outras como relativas ao meio ambiente ou situação (externas), foi, provavelmente, a sua principal contribuição para a teoria da atribuição.

Além disso, Heider (1958) afirmou que se verifica nas pessoas, de um modo geral, uma predisposição para a realização de atribuições a causas estáveis. Esta estabilidade representa para o indivíduo alguma vantagem quer num melhor controlo do ambiente que o rodeia, quer na aquisição de uma maior capacidade preditiva de antecipação do comportamento dos outros. Segundo Heider, as pessoas tentam encontrar condições invariantes que as ajudam a explicar o que se passa à sua volta. Nesta situação, o sujeito pode assumir responsabilidade pela sua conduta, quando: (1) conhece, ou pode prever, as consequências do seu comportamento; e (2) tem capacidades para realizar aquele comportamento ou acção, isto é, quando ela foi intencional ou não resultou de um acaso (Hewstone, 1989; Ross & Fletcher, 1985).

Não obstante a falta de recepção positiva inicial às suas ideias, os trabalhos de Heider são de tal forma importantes que Fonseca (1999) relata que o livro de Heider, "*The psychology of interpersonal relations*" (1958), quinze anos após ter sido publicado, continuava ainda a ser referido por Kelley (1973) como a fonte mais relevante de ideias relativas ao tema. Outros autores nacionais (Garcia-Marques (1991; Vala, 1991) reafirmam a utilidade actual de se pensar a atribuição causal a partir dos seus textos. Os trabalhos de Heider abriram caminho para os trabalhos de outros autores, apesar de, segundo Weiner (1992), conterem premissas difíceis de testar. Referimos, aqui, os trabalhos de Jones e Davis (1965) e Kelley (1973), a título de exemplo. Assim, Jones e Davis (1965) apresentaram um modelo centrado nas atribuições disposicionais para explicar a teoria das "inferências correspondentes", ou seja, a inferência dos traços de outras pessoas a partir dos seus comportamentos. Este modelo é uma tentativa de explicar o modo como as pessoas inferem características disposicionais ou de personalidade recorrendo somente ao comportamento apresentado. O sucesso na inferência de traços, motivos e intenções dos outros é visto por estes autores como resultado da atenção prestada a certos aspectos fundamentais do seu comportamento. A informação disponível sobre as

consequências das várias alternativas de acção será utilizada para inferir a intenção que subjaz a um acto particular.

Jones e Davis (1965) introduziram o princípio do efeito não comum. Este princípio pressupõe que a intenção por trás de um acto voluntário é mais evidente quando tem um pequeno número de efeitos ou consequências que são exclusiva desse acto. Desta forma, o observador procura discernir uma intenção do actor, advindo daqui uma predisposição para o comportamento desse mesmo actor. As inferências acerca dos traços dos outros que são alcançados com um alto grau de confiança são intituladas "inferências correspondentes" (Fiske & Taylor, 1984). A probabilidade de fazer uma inferência correspondente aumenta, devido: (1) à desejabilidade social da acção em causa, pois quanto menor seja esta e mais inesperado for o comportamento, mais informativo será acerca do actor e, então, maior será a probabilidade de serem privilegiados os factores pessoais; (2) aos efeitos não comuns do comportamento observado, sendo que quanto menos frequentes forem, de entre as alternativas possíveis, maior é a probabilidade de o observador realizar uma inferência correspondente sobre o autor; e (3) aos factores motivacionais, os efeitos da acção do actor face ao quadro de valores do observador, que os pode ver como benéficos ou prejudiciais, no caso do observador inferir que o comportamento lhe era dirigido.

Ainda, segundo Fiske e Taylor (1984), efeitos que são comuns entre todas as opções não nos fornecem informação acerca de atributos disposicionais. Assim, quando existem poucos efeitos não comuns, e o comportamento das pessoas é visto como indesejável ou não-normativo, aumenta a probabilidade de ocorrer uma inferência. Por outro lado, se uma opção de acção tem uma grande quantidade de efeitos não comuns, a disposição atribucional também é fraca. As inferências mais fortes são feitas quando uma opção de acção tem apenas um ou dois efeitos não comuns.

O modelo das inferências correspondentes proposto por Jones e Davis (1965) é uma extensão significativa do modelo de Heider. Este modelo demonstra a importância das opções disponíveis para o indivíduo, especifica variações de processos que irão afectar a força das atribuições, e providencia um modelo globalmente mais testável. Este modelo, no entanto, não se refere às auto-atribuições e é limitado a explicações pessoais do comportamento, como tal as forças ambientais não são adequadamente consideradas.

Kelley (1967, 1972), por seu lado, optou por desenvolver o princípio da covariação. A presença deste princípio no processo de atribuição já tinha sido referida por Heider (1958), afirmando a causalidade latente. A partir deste princípio, este autor afirma que as pessoas atribuem uma causa a uma situação processando informação sobre a variação situacional, ou não das condições e circunstâncias que acompanham a situação. Mais tarde Kelley e Michela (1980) afirmaram que o efeito é atribuído ao factor com o qual covaria.

1.2.2 Os contributos de Weiner

Segundo Biddle, Hanrahan e Sellars (2001), a contribuição de Weiner para a teoria da atribuição foi muito importante. Os seus trabalhos (Weiner, 1979, 1980, 1985a, 1986, 1992, 1995; Weiner *et al*., 1972) centraram-se inicialmente sobre o processo de atribuição relativo ao sucesso e ao insucesso académico na sala de aula. De seguida, passou a estudar as ligações entre atribuições e emoções, correlatos comportamentais da relação atribuição-emoção, a espontaneidade do processo atribucional no quotidiano e as consequências do pensamento atribucional sobre a conduta social.

Baseados nas teorias de Heider, Weiner e colaboradores (1972) formularam um primeiro modelo (fig. 1.2), identificando quatro elementos atribuicionais fundamentais, utilizados em contextos de desempenho: a habilidade, o esforço, a dificuldade da tarefa e a sorte. Estes elementos seriam utilizados pelos indivíduos tanto para interpretar como para predizer resultados. Estes quatro elementos foram enquadrados em duas dimensões atribuicionais: *locus* de controlo (referente ao facto da causa ser interna ou externa ao indivíduo) e estabilidade (relacionada com a forma como a causa varia ao longo no tempo).

Assim, relativamente ao *locus* de controlo, as atribuições relacionadas com habilidade e esforço eram classificadas como internas ao indivíduo, enquanto que aquelas que se referiam à dificuldade da tarefa e à sorte eram classificadas como externas ao indivíduo. A fundamentação para a criação desta dimensão encontra-se nas ideias de Heider (1958) que refere, como já salientámos, que o resultado de uma acção é consequência da interacção entre duas forças distintas: as relacionadas com a pessoa e as relacionadas com o ambiente.

No que diz respeito à segunda dimensão, atribuições relacionadas com a habilidade e dificuldade da tarefa eram classificadas como estáveis, ao passo que factores mais variáveis, como o esforço e a sorte eram considerados instáveis. A dimensão da estabilidade também surge na sequência das ideias de Heider (1958), ao referir que algumas causas, independentemente de poderem evidenciar semelhanças em função do seu nível de internalidade, diferem, no que concerne à sua constância ao longo do tempo.

		Estabilidade	
		Instável	Estável
***Locus* de Controlo**	Interno	Esforço	Habilidade
	Externo	Sorte	Dificuldade da tarefa

Fig 1.1 – Modelo dos elementos atribuicionais, adaptado de Weiner et al. (1972)

Em 1979, Weiner acrescenta uma terceira dimensão ao seu modelo, a controlabilidade (Fig. 1.2). A controlabilidade distinguia os factores que eram percebidos como estando sobre o controlo do sujeito (ex. esforço) dos que não estavam (ex. habilidade natural). Esta reformulação visava clarificar a confusão, entretanto gerada, entre o *locus* de controlo e a controlabilidade das causas. Assim, Weiner mudou a designação da dimensão *locus* para *locus* de causalidade passando então as dimensões do modelo tridimensional (Weiner, 1979) a adoptar as seguintes denominações: *locus* de causalidade, estabilidade e controlabilidade. O autor reagia, assim, às conclusões de investigações que apontavam para o facto de uma causa poder ser externa mas controlável, ou interna mas incontrolável.

Locus de causalidade	Estabilidade	Controlabilidade	Exemplos de causas
Internas	Estáveis	Controláveis	Não treinar
		Incontroláveis	Habilidade
	Instáveis	Controláveis	Faltar ao jogo
		Incontroláveis	Lesão pequena
Externas	Estáveis	Controláveis	Opções do treinador
		Incontroláveis	Valor dos adversários
	Instáveis	Controláveis	Acções dos colegas
		Incontroláveis	Sorte

Fig 1.2 – Modelo tridimensional das atribuições, aplicado ao contexto desportivo, adaptado de Weiner (1979)

Em 1985 Weiner expandiu ainda o seu modelo tri-dimensional de atribuições para uma teoria atribucional da motivação e emoção em contextos de desempenho. Na figura 1.3 encontra-se o esquema da teoria que Weiner (1985, 1986) apresenta sintetizando as relações entre atribuições e emoções. A teoria de Weiner parte da noção de que certos resultados geram pensamentos atribuicionais que, por sua vez, se encontram organizados em dimensões. Estas têm consequências particulares psicológicas (a nível cognitivo e emocional) e comportamentais (Weiner, 1986, 1992, 1995). O autor propõe que as pessoas, de uma forma geral, para além de se sentirem alegres (quando o acontecimento é percepcionado como positivo) ou frustradas e tristes (quando o acontecimento é percepcionado como negativo), relativamente ao que lhes acontece no dia-a-dia, irão procurar as causas que estão por detrás desses resultados. Esta procura é mais provável se se tratar de um resultado negativo, inesperado ou importante.

Um resultado poderá, assim, gerar uma emoção positiva ou negativa (dependente do resultado e independente da atribuição), particularmente se estiver de acordo com as expectativas. A estabilidade percebida será então, um facto que influencia as expectativas de sucesso futuro, reconhecendo-se que as atribuições poderão ser afectadas por vários antecedentes. Por outro lado, quando o resultado é negativo, inesperado e/ou importante, tenta identificar-se a causa que o originou, a qual determinará o tipo de emoção que se vai sentir. Assim, um atleta que vê o seu

resultado positivo como consequência da sorte sentir-se-á surpreendido, sendo esta emoção dependente da atribuição e não do resultado (Fonseca, 1999).

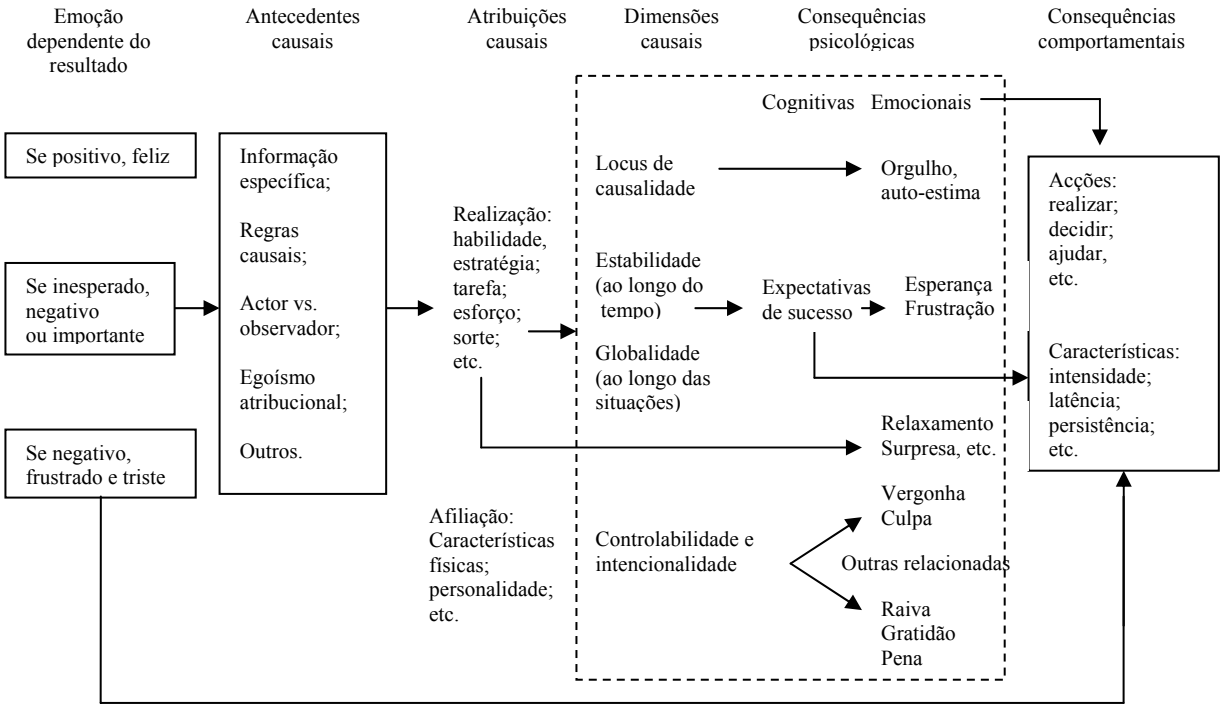


Fig. 1.3 – Teoria atribuicional da motivação e emoção, adaptado de Weiner (1986)

Para este modelo é essencial a ideia de que as pessoas organizam o seu pensamento atribucional à volta das dimensões de lócus de causalidade, estabilidade e controlabilidade (apesar das causas poderem variar de contexto para contexto) as quais, por sua vez, influenciam as consequências psicológicas das atribuições. Assim, a cada uma das três dimensões associa-se um certo tipo de consequências comportamentais e emocionais, tais como a mudança de expectativas ou o estado emocional (emoção dependente da atribuição). Por exemplo, o atleta que alcançou a meta para a qual se havia preparado mas que, em vez de atribuir esse sucesso à sorte, o atribui ao esforço que investiu nos treinos que antecederam a competição, tenderá a sentir um sentimento acrescido de orgulho em si (Fonseca, 1999).

Segundo este modelo, a dimensão da estabilidade estaria directamente ligada às expectativas de sucesso. Assim, Weiner (1985) enuncia o princípio da expectativa, no qual afirma que a estabilidade percebida das causas influencia as expectativas individuais de sucesso futuro, as quais, por sua vez, influenciam futuros

desempenhos. Assim, se o resultado de um acontecimento é atribuído a uma causa estável, então existirá uma expectativa mais elevada desse resultado voltar a ocorrer. Por outro lado, se o resultado de um acontecimento é atribuído a uma causa instável, então criar-se-á a expectativa desse resultado poder ser alterado, ou de o futuro poder ser antecipado de uma forma diferente do passado. Logo, resultados atribuídos a causas estáveis serão antecipados como tendo um maior grau de certeza de ocorrência no futuro do que os resultados atribuídos a causas instáveis (Weiner, 1986). Uma consequência importante deste princípio é a de que as atribuições influenciam as expectativas dos atletas para sucessos futuros os quais, por sua vez, podem determinar se uma pessoa opta, ou não, por continuar a participar numa determinada actividade (Weiner, 1985).

Da mesma forma, determinadas emoções, como as relacionadas com a auto-estima, não dependem da causa percebida, mas sim das suas propriedades dimensionais. Estudos realizados por Russel e McAuley (1986) vêm apoiar a importância das dimensões causais na relação entre atribuição e emoção. Segundo Biddle (1993) pode assim considerar-se que a uma crescente complexidade cognitiva corresponde uma maior diferenciação das emoções experienciadas. Além disso, a percepção dos indivíduos sobre as causas atribuídas a um resultado pode influenciar não só as expectativas futuras relativamente a acontecimentos similares, mas também as emoções após a obtenção desse resultado (Weiner, 1992).

Como consequência, ao influenciarem as emoções, as atribuições influenciam também os comportamentos em situação de desempenho (Weiner, 1985). Quando um resultado positivo é atribuído internamente, um atleta habitualmente sente orgulho e auto-estima positiva. Quando o atleta se sente bem consigo mesmo em situações particulares, tem uma forte probabilidade de se manter envolvido nessas actividades. Quando um resultado negativo é atribuído internamente, um atleta habitualmente sente auto-estima negativa, o que, por sua vez, pode levar a uma diminuição do envolvimento voluntário na actividade.

No entanto, segundo Weiner (1992), não é apenas a dimensão da internalidade que influencia as emoções. O desânimo, a culpa e a vergonha estarão também relacionadas com as atribuições. Se um resultado negativo é atribuído a causas estáveis, frequentemente o resultado é o desânimo. As emoções relacionadas com o desânimo podem resultar na desistência. Emoções relacionadas com a vergonha tendem também a resultar numa diminuição da participação e desistência, sendo a

vergonha é sentida quando um resultado negativo é atribuído a causas internas e incontroláveis. A culpa, no entanto, decorre de um resultado negativo atribuído a causas internas e controláveis. Emoções relacionadas com a vergonha, muitas vezes, resultam numa motivação acrescida e em reatribuição. Em suma, as atribuições influenciam as emoções que influenciam futuros comportamentos (como os relacionados com a motivação e participação) em contextos de desempenho (Weiner, 1985).

Na teoria da atribuição, tem existido alguma discussão sobre a natureza das dimensões atribuicionais. Segundo Biddle e Hanrahan (1998), o maior problema talvez se encontre no facto de muita da pesquisa realizada se basear na categorização dimensional determinada pelos investigadores em vez dos indivíduos relatarem a sua categorização das atribuições que produzem em termos de propriedades dimensionais. McAuley e Duncan (1990) chamam a atenção para a necessidade de tornar mais útil esta categorização para a compreensão dos comportamentos evidenciados pelos praticantes desportivos. Além disso, Biddle e Hanrahan (1998) afirmam que a natureza das dimensões atribuicionais no desporto ainda não foi exaustivamente investigada e que muitos investigadores da Psicologia do Desporto aceitaram, sem análise crítica, as dimensões de lócus de causalidade, estabilidade e controlabilidade. Fonseca (1999) levanta uma questão similar: existirão aquelas três dimensões, ou serão elas em maior ou menor número? De facto, não parece haver consenso relativamente ao número de dimensões atribuicionais. Alguns autores seguem o modelo proposto por Weiner. No entanto os trabalhos de outros autores (ex. Elig & Frieze, 1979; Hanrahan, Grove & Hattie, 1989) têm apontado para a existência e relevância de várias outras dimensões. Entre estas, destacam-se, com maior suporte, a da intencionalidade e a da globalidade.

A dimensão da intencionalidade, proposta por Elig e Frieze (1979), refere-se ao grau de intenção voluntária que existirá num acto. A sua origem vêm já desde os escritos de Heider (1958), no entanto, na investigação, não é unânime a aceitação da sua validade enquanto dimensão autónoma. Kelley e Michela (1980) salientaram a confusão existente entre intencionalidade e o *locus* de causalidade, ao passo que Russel (1982) alertou para a semelhança com a dimensão da controlabilidade. O próprio Weiner (1980; 1989), por seu lado, vem reconhecer a importância de se distinguir entre controlabilidade e intencionalidade. Segundo ele, efectivamente, a intencionalidade não só não significa o mesmo, como inclusivamente nem sempre

covaria com a controlabilidade. Num outro texto, Weiner (1986a), chama a atenção para o facto de se poder reportar uma intenção a uma acção, por exemplo, mas não a uma causa. Nesse sentido, defendeu que a intencionalidade e a controlabilidade devem ser incluídas sob a designação de controlabilidade.

Relativamente ao contexto desportivo, Biddle (1993) afirma que as dimensões da intencionalidade e controlabilidade devem ser consideradas em separado. A sua sugestão baseia-se no reconhecimento da existência, neste contexto, de causas que podem ser percepcionadas como controláveis, mas não intencionais (ex. falta de concentração). Outros investigadores em contexto desportivo têm apoiado essa distinção e analisado separadamente as duas dimensões no que concerne ao estilo atribucional dos atletas (Hanrahan & Grove, 1990 a, b; Hanrahan, Grove & Hattie, 1989) ou à recuperação de lesões desportivas (Grove, Hanrahan & Stewart, 1990).

A dimensão da globalidade baseia-se nos estudos sobre desânimo aprendido de Abramson, Seligman e Teasdale (1978). Esta dimensão, originalmente utilizada na investigação, em relação com a depressão, refere-se à percepção dos indivíduos sobre a generalização do impacto das causas do resultado de um determinado acontecimento nos resultados de outros acontecimentos distintos. Apesar de algumas críticas apresentadas por Weiner (1979; 1986) à falta de clareza desta dimensão, a aceitação da dimensão da globalidade, enquanto dimensão ligada ao estilo atribucional, tem sido comum. Por exemplo, McAuley e colaboradores (1992) afirmam que só não inseriram a dimensão de globalidade na CDS II, por terem a convicção de que ela se relaciona com o modo como as pessoas geralmente percebem os resultados, o que a aproxima mais das abordagens dos estilos atribuicionais dos indivíduos e se afasta do âmbito da escala, a qual consiste na análise das atribuições relativas a acontecimentos particulares. Este aspecto é também focado por Prapavessis e Carron (1988). Weiner (1986) chama a atenção para uma série de estudos em contextos de desempenho escolar e desportivo sustentarem uma correspondência entre as dimensões propostas e o pensamento causal utilizado diariamente pelos indivíduos no seu quotidiano.

A linha de investigação e os modelos de Weiner têm sido os mais utilizados em contexto desportivo, daí a sua importância para a análise das atribuições neste contexto.

1.3 Estilo atribucional

Já Heider, em 1958, chamava a atenção para a tendência de as pessoas procurarem essencialmente efectuar atribuições com o objectivo da identificação das estruturas permanentes (que não são directamente identificáveis, mas que estão subjacentes aos efeitos directamente perceptíveis), ao analisar os comportamentos de uma pessoa ou um acontecimento. Esta atribuição permitiria construir um meio circundante estável e coerente.

Este pressuposto de Heider mereceu mais atenção a partir do final da década de 70. Assim, Ickes (1980) diz que existem diferenças individuais, relativamente estáveis, no tipo de atribuições causais que as pessoas realizam. Nesta linha, um indivíduo tem tendência a efectuar o mesmo tipo de atribuições em situações distintas. Esta tendência para realizar certas atribuições em várias situações e ocasiões tem sido denominada de estilo atribucional (Metalsky & Abramson, 1981). Em situações que sejam consideradas familiares, o padrão de atribuição causal está particularmente presente.

O estilo atribucional foi investigado em várias áreas. Há investigações que o associam a níveis de saúde física (Peterson, Seligman & Valiant, 1988), a níveis de *stress* pós-traumático decorrente de situações de combate (Mikulincer & Solomon, 1988), à saúde mental geral (Ostell & Divers, 1987), e à auto-estima (Belgrave, Johnson & Carey, 1985; Vaz Serra, 1988). O estilo atribucional foi classificado como uma característica distintiva em alcoólicos (Dowd, Lawson & Petosa, 1986; Goldstein, Abela, Buchanan & Seligman, 2000), apostadores (McCormick & Taber, 1988) e *cowboys* de rodeo (McGill, Hall, Ratliff & Moss, 1986).

Um grande número de investigações sobre estilo atribucional foi desenvolvido na área da depressão, decorrendo da reformulação do modelo do desânimo aprendido (Abramson, Seligman & Teasdale, 1978). Uma série de investigadores encontraram uma relação significativa entre estilo atribucional e depressão (Feather, 1983; Seligman, Abramson, Semmel & von Baeyer, 1979). As conclusões destes autores apontam para a existência de diferenças individuais de estilo atribucional, e da maior vulnerabilidade de alguns estilos atribuicionais face ao desenvolvimento de características depressivas. Um forte apoio a esta conclusão é dado pelo estudo de Peterson e Seligman (1984) os quais, após terem examinado 22 trabalhos realizados neste domínio, confirmaram a existência de um forte suporte empírico para os

modelos atribuicionais da depressão em vários contextos. Esta linha de investigação teve, aliás, grande importância na investigação nesta área. Sweeney, Anderson e Bailey (1986), quando realizaram uma meta-análise sobre este tema, encontraram 104 estudos desenvolvidos em cinco anos relacionados com os padrões atribuicionais da depressão.

Diferenças individuais no estilo atribucional têm sido também associadas com outras variáveis psicológicas, para além da depressão. Snodgrass, em 1987 (cit. por Biddle & Hanrahan, 1998), constatou que a duração da solidão está relacionada com o estilo atribucional. Anderson e Arnoult (1985) constataram que não apenas a solidão, mas também a timidez e (de novo) a depressão estariam relacionadas com o estilo atribucional. O estilo atribucional foi o melhor preditor destas variáveis quando medido em situações relevantes; por exemplo, em situações interpessoais, o estilo atribucional foi o melhor preditor da timidez. A conclusão que se pode retirar deste estudo é que, por exemplo, uma medida de estilo atribucional para situações desportivas seria mais útil do que uma medida geral de estilo atribucional, se quisermos analisar a investigação de comportamentos relacionados com o desporto.

No entanto, Biddle (1993) chama a atenção para o facto de, apesar dos estudos apresentados anteriormente, o estilo atribucional ainda não ter sido aceite como um constructo significativo ou útil por todos os investigadores. Cutrona, Russel e Jones (1985), em dois estudos em que utilizaram o *Attributional Style Questionnaire* (ASQ, desenvolvido por Peterson *et* al., 1982), chegaram à conclusão que este questionário não tinha grande poder preditivo para atribuições realizadas para acontecimentos negativos. Encontraram igualmente um fraco suporte para o conceito de estilo atribucional, nomeadamente em termos da sua consistência de contexto para contexto. No mesmo sentido, também Coyne e Gotlib (1983, cit. por Fonseca, 1999), após analisarem 20 estudos acerca deste tema, concluíram que existia uma ausência de suporte empírico para os modelos atribuicionais da depressão. Talvez o maior apoio ao conceito de estilo atribucional provenha da meta-análise realizada por Sweeney, Anderson e Bailey (1986), envolvendo 104 estudos e 15000 sujeitos, a qual visava esclarecer a inconsistência dos diferentes resultados que tinham surgido. Esta análise permitiu concluir que as atribuições de causas internas, estáveis e globais a acontecimentos negativos; e que as atribuições de causas externas, instáveis e específicas a resultados positivos, estavam consistentemente relacionadas com a depressão e, como tal, suportavam o conceito de estilo atribucional. Outras

investigações posteriores (Fincham, Diener & Hokada, 1987; Mikulincer, 1988) apontam também para uma relação entre estilo atribucional e desânimo aprendido.

1.4 A avaliação das atribuições e do estilo atribucional

Em termos de avaliação de atribuições, importa distinguir as medidas de estado e traço. As primeiras referem-se às atribuições realizadas pelo indivíduo numa altura e situação específica, e são utilizadas quando se quer investigar respostas emocionais ou comportamentais a situações específicas por reflectirem crenças do momento. Neste caso o contexto é uma variável importante. Por seu turno, as medidas de traço em atribuições dizem respeito ao modo, geralmente consistente, como as pessoas tendem a explicar determinados acontecimentos. Frieze, McHugh e Duquin (1976) afirmam que as pessoas têm padrões bem estabelecidos de realizar atribuições causais em situações familiares, de forma a que não seja necessário um processamento demorado da informação. Ao contrário das medidas de estado de atribuições (que envolvem normalmente uma situação em que é pedido ao sujeito para fazer atribuições sobre determinado acontecimento), as medidas de traço precisam que o sujeito realize atribuições sobre vários acontecimentos, de forma a poder contemplar diferentes situações (Peterson & Seligman, 1984). Isto vai assegurar que seja alcançadoa uma medida mais representativa do estilo atribucional. Se se tratasse de um questionário com uma situação única poderia existir algo relativo a essa situação a representar erroneamente o estilo atribucional do indivíduo (Peterson, Buchanan & Seligman, 1995).

Os investigadores das atribuições em contextos desportivos têm-se baseado fundamentalmente na teoria de Weiner (Biddle, 1993; Biddle & Hanrahan, 1998) e procurado, na maioria dos casos, avaliar as causas que os atletas indicam, após a realização das suas provas, como sendo determinantes para os resultados nelas obtidos. Ao longo da evolução da investigação levantaram-se e analisaram-se vários pressupostos que contribuiram para a melhoria do processo de avaliação atribucional.

Em grande parte da investigação sobre atribuições, os acontecimentos relativamente aos quais são realizadas atribuições têm um carácter positivo ou negativo. A investigação demonstra que é falso assumir que a atribuição que um indivíduo faria para um acontecimento positivo seria a mesma que faria para um

acontecimento negativo (Biddle & Hanrahan, 1998). Assim, vários autores (Ickes, 1980; Tenenbaum, Furst & Weingarten, 1984) criticaram o facto de não se ter distinguido claramente entre atribuições realizadas para acontecimentos positivos e negativos nos primeiros estudos atribuicionais no desporto. Actualmente, a investigação realizada já estabelece essa distinção e na avaliação das atribuições e estilo atribucional.

Feather e Tiggeman (1984) afirmam que na avaliação do estilo atribucional importa contemplar situações positivas e negativas, e fazer equivaler o conteúdo das situações positivas e negativas, relativamente às quais as atribuições serão produzidas. Se, por exemplo, um atleta atribui as suas más relações sociais com os companheiros a causas externas e os bons resultados competitivos a causas internas, torna-se então díficil aferir se as diferenças atribuicionais se devem aos diferentes domínios ou à positividade ou negatividade da situação.

Note-se ainda que, apesar de alguns dos primeiros estudos desenvolvidos em contextos desportivos terem tido como objectivo a comparação das atribuições elaboradas por atletas vencidos e vencedores (ex. Bukowski & Moore, 1980), ou bem sucedidos e mal sucedidos (ex. Spink & Roberts, 1980), a percepção de sucesso e insucesso para o indivíduo é distinta dos resultados objectivos de sucesso e insucesso. Uma derrota pode não ser sempre encarada pelo indivíduo como um insucesso e uma vitória pode não ser sempre vista como um sucesso (Brawley, 1984; Ickes, 1980; Kimiecik & Duda, 1985; McAuley, 1985; Tenenbaum & Furst, 1985). Assim, as percepções de sucesso e insucesso são estados psicológicos que podem divergir de indivíduo para indivíduo, ou num mesmo indivíduo, de situação para situação. Esta percepção subjectiva do sujeito incide sobre as consequências que o resultado têm nas suas qualidades pessoais desejáveis (Maehr & Nichols, 1980), não correspondendo sempre, por isso mesmo, ao resultado objectivamente obtido. Fonseca (1999) ilustra esta situação com um exemplo: um nadador cujas expectativas mais elevadas consistiam simplesmente na qualificação para uma final A de um campeonato europeu ou mundial e que, conseguiu obter um 2º ou 3º lugar nessa final. Nesta situação, não é correcto considerá-lo como derrotado, porque não é natural que ele se sinta assim. Logo, de um modo geral, é consensual na literatura a sugestão para o recurso às interpretações subjectivas de sucesso e insucesso. Como é evidente, estas interpretações devem ser utilizadas na avaliação das atribuições. Exceptua-se, no entanto, uma investigação desenvolvida por Leith e Prapavessis

(1989), envolvendo um grupo de 52 tenistas de ambos os sexos, com idades entre os 14 e os 16 anos, em que apenas se detectaram diferenças significativas na dimensão da estabilidade, nas atribuições efectuadas pelos sujeitos para resultados avaliados de forma objectiva ou subjectiva.

A eventual inconsistência na investigação pode decorrer das diferentes metodologias empregues nos estudos (Fonseca, 1999). Já McAuley, Russell e Duncan (1992) tinham alertado para a questionabilidade das metodologias de avaliação das atribuições de grande parte da investigação atribucional. Muita da investigação inicial em contexto desportivo (Iso-Ahola, 1975, 1977; Roberts, 1975; Scanlan & Passer, 1980) consistia em pedir aos sujeitos para indicar a importância que, na sua opinião, cada um dos quatro elementos causais (inicialmente propostos por Weiner *et al.*, 1972) havia assumido no resultado obtido. Depois, antes do desenvolvimento de escalas estandardizadas psicometricamente, os investigadores de atribuições em contexto desportivo utilizavam uma abordagem baseada em *checklists* para avaliar atribuições individuais (Vallerand, 1987). Estas eram analisadas pelo próprio investigador que, ao recolher as atribuições causais elaboradas pelos respondentes, as classificava nas dimensões de acordo com os princípios veiculados na teoria. Russell (1982) chamou a atenção para os problemas que podem surgir, quando os investigadores tentam classificar as atribuições realizadas pelos indivíduos ao longo das dimensões atribuicionais. Uma conclusão que emergiu da investigação refuta a ideia segundo o qual psicólogos e homens comuns classificam do mesmo modo as causas dos acontecimentos (Russell, 1982; McAuley & Gross, 1983).

Weiner (1986) afirmou que a habilidade, o esforço e a dificuldade da tarefa podem ser consideradas como estáveis e instáveis, e que a sorte pode ser vista como interna ou externa à pessoa. Assim, se alguém afirma que a causa de um acontecimento foi a falta de esforço, é difícil para o investigador determinar se essa causa é estável ou instável. Também se um indivíduo diz que a causa de um mau desempenho se deveu aos adversários terem jogado melhor, não se pode determinar se se refere a uma causa externa ou interna. De facto, a partir do momento em que o processo de atribuição de causalidade depende da percepção individualizada de um determinado resultado, torna-se necessário que seja o próprio indivíduo a caracterizar as causas ao longo das diferentes dimensões. Fonseca (1999) exemplifica esta situação aludindo a um atleta que, ao ser questionado, justificou o pior resultado da sua carreira desportiva com a sua má condição física. De acordo com o método de

avaliação das atribuições anteriormente indicado a causa deveria ser classificada como interna, instável e controlável. No entanto, o atleta considerava que a sua má forma física reflectia, fundamentalmente, uma planificação deficiente do seu processo de treino por parte do treinador. Nessa medida, a classificação da causa indicada foi, naturalmente, diferente da que seria realizada com base na teoria. Assim, ao classificar as causas apresentadas pelos atletas, o investigador incorreria assim no que Russell (1982) denominou "erro fundamental do investigador de atribuição", já que a classificação da causa dependia sempre do significado subjectivo dado pelo investigador.

Existem vários estudos que demonstram este erro. Chandler e Spies (1984, cit. por Fonseca, 1999) pediram a 200 indivíduos de ambos os sexos, com diferentes níveis de habilitação académica para classificarem 11 causas (estado de espírito, habilidade, conhecimento, sorte, esforço, competência, tarefa, acaso, capacidade, influência, ajuda), ao longo de cinco dimensões (*locus* de causalidade, estabilidade, controlabilidade, preditibilidade, globalidade). A análise dos resultados evidenciou que oito das causas foram classificadas de forma diferente da proposta por Weiner (1979), e a concordância entre as diferentes classificações atingiu apenas os 62%. Num estudo elaborado em contexto desportivo, Lau e Russell (1980), ao investigarem as atribuições efectuadas por atletas em situações de sucesso e insucesso, analisaram 33 artigos de jornais desportivos diários dos EUA, tendo concluído que a maior parte das atribuições que eles próprios classificaram como internas poderiam ser reformuladas como externas, e vice-versa. Os autores utilizam o exemplo das declarações de um jogador dizendo que *"eles jogaram melhor do que nós"*, pois pode ser facilmente transformada em "*nós jogamos pior do que eles*". Estas duas declarações tanto podem ser codificadas em externas como em internas no esquema de codificação utilizado. Noutro estudo realizado com 62 atletas envolvidos numa competição de ténis, McAuley e Gross (1983) verificaram que as classificações de dois juízes independentes, das atribuições causais indicadas pelos atletas, apesar de estarem altamente correlacionadas entre si (r=0,88), eram bastante diferentes da classificação dos próprios atletas (as correlações variavam entre r=0,02 e r=0,34).

1.4.1 Instrumentos de avaliação de atribuições em contexto desportivo

Os instrumentos de avaliação das atribuições podem ser classificados com base no tipo de abordagem que privilegiam, ou seja, com base nas causas de um determinado acontecimento ou no resultado por oposição ao estilo atribucional dos indivíduos. Vários autores (Cutrona, Russell & Jones 1985; Tenenbaum, Weingarten & Furst, 1984) sugeriram que as atribuições elaboradas por cada indivíduo variam em função do contexto em que o indivíduo está inserido. Tal implica a necessidade da construção e instrumentos de medida das atribuições, específicos para cada domínio. Biddle e Hanrahan (1998) afirmaram que a ausência desses instrumentos específicos e válidos na recolha e classificação das atribuições efectuadas em contextos de realização (académico, desportivo, profissional) é um obstáculo à evolução da avaliação das atribuições.

Anshel (1987), numa compilação dos instrumentos psicológicos utilizados na investigação publicada (entre 1970 e 1987), nas cinco principais revistas que incluiam artigos relacionados com a Psicologia do Desporto, referiu apenas a CDS para atribuições para um determinado acontecimento ou resultado. Também Biddle e Hanrahan (1998) afirmam que existem poucos instrumentos específicos de atribuições para o contexto desportivo. Todavia, na segunda edição do *Directory of Psychological Tests in the Sport and Exercise Sciences*, Ostrow (1996) identifica a existência de vários instrumentos: *Causal Attributions in Team Sports Questionnaire* (CATSQ); *Performance Outcome Survey* (POS) ou o *Softball Outcome Inventory* (SOI). Note-se que o *SoftBall Outcome Inventory* foi apenas apresentado numa comunicação numa convenção, nunca tendo sido publicado.

Causal Dimension Scale (CDS)

Russell (1982) desenvolveu a *Causal Dimensional Scale* (CDS) com base no modelo tridimensional de Weiner (1979), permitindo aos respondentes a classificação das suas próprias atribuições ao longo das dimensões causais deste modelo (locus de causalidade, estabilidade e controlabilidade). Este procedimento deveria reduzir ou eliminar os problemas decorrentes da interpretação das atribuições feitas pelos investigadores, visto que seria o sujeito, e não o experimentador, a decidir sobre as propriedades dimensionais dos elementos atribuicionais. Assim, ao preencher a CDS, o indivíduo começa por indicar qual a causa (ou causas) que considera ter estado na base do seu resultado; em seguida, analisando cada causa

individualmente, responde a nove questões, numa escala de *likert* de nove pontos, de forma a possibilitar a classificação da causa indicada em função do modelo tridimensional de Weiner. No entanto, nesta escala os itens da controlabilidade incluem factores internos e externos. Assim, a controlabilidade pode reflectir controlo pessoal ou por outros (ex. adversário).

Na elaboração da CDS, Russell (1982) realizou dois estudos. No primeiro, três itens compunham a dimensão de locus de causalidade, três itens a estabilidade e seis itens a controlabilidade. Os estudantes respondiam depois à escala, de acordo com oito situações hipotéticas de realização. As análises psicométricas iniciais apoiaram a validade das subescalas de locus e de estabilidade. No entanto, a subescala de controlabilidade sobrepunha-se à subescala de locus, o que lhe retirava validade descriminativa. Russell (1982) considerou que apenas o item "intencional" ou "não intencional" podia ser considerado uma medida adequada da controlabilidade.

No segundo estudo, Russell reteve os itens de locus de causalidade e de estabilidade do primeiro estudo, acrescentando dois novos itens de controlabilidade ao item que avaliava a intencionalidade. Assim, a escala passou a ser composta por nove itens, três por dimensão. Apesar de os resultados obtidos confirmarem a validade da escala, esta reformulação da controlabilidade foi posta em causa por vários autores (Biddle, 1988; Biddle & Jamieson, 1988; McAuley & Gross, 1983; Vallerand & Richer, 1988). Estes chamaram a atenção para o facto de, após a reformulação os três itens se reportarem m a controlabilidade, intencionalidade e responsabilidade. No entanto, Biddle (1988) sugere algumas evidências que apontam para a separação destes constructos. Vallerand e Richer (1988), por seu lado, sugerem até que que estes itens se referem a três constructos diferentes: controlabilidade, intencionalidade e responsabilidade. Além disso, Russell (1982) modificou a definição de controlabilidade de Weiner (1979) de forma a incluir fontes internas e externas de controlo, o que resultou na produção de afirmações contraditórias pelos três itens da controlabilidade. Assim, ser controlável pelo sujeito pode ser bastante diferente de ser controlado por outros, e alguém ser responsável pode significar que eu sou responsável ou que o meu adversário é responsável, o que é bastante diferente.

A CDS foi uma escala bastante utilizada no contexto desportivo (Fonseca, 1993; Grove, Hanrahan & McInman, 1991; Mark, Mutrie & Brooks, 1984; McAuley & Duncan, 1989; McAuley & Gross, 1983; McAuley, Russell & Gross, 1983; Morgan,

Griffin & Heyward, 1996; Robinson & Howe, 1987). LeUnes e colaboradores (1990) chamam a atenção para a importância da CDS, chegando a considerar o artigo em que ela foi apresentada como um clássico moderno da literatura da psicologia do desporto. No entanto, esta grande utilização da CDS em contexto desportivo tem desencadeado uma série de críticas ao instrumento: McAuley e Gross (1983), por exemplo, afirmam que a subescala da controlabilidade apresentou uma baixa consistência interna; Van Raalte (1994) encontrou o mesmo problema tanto na subescala de controlabilidade, como na de locus de causalidade; Russell, McAuley e Tarico (1987), e Vallerand e Richer (1988), encontraram uma elevada correlação entre as dimensões de locus de causalidade e de controlabilidade.

Tenenbaum e Furst (1985, 1986) afirmam que Russell não indicou claramente se se deve tomar em consideração a média das causas apontadas ou apenas a mais importantes delas. Para os autores, esta omissão pode constituir um problema pois enquanto alguns dos inquiridos podem optar por classificar apenas a causa mais importante, outros podem considerar todas as causas no seu conjunto para proceder à sua avaliação dimensional. Estudos desenvolvidos por estes autores puseram em evidência as diferenças entre ambas as situações, por exemplo, pedindo aos atletas a causa que consideravam ter sido mais importante na ocorrência dos seus resultados e depois a segunda e a terceira causas mais importantes. Em muitos casos, as diferenças só foram significativas quando consideradas as causas mais importantes.

Biddle e Hanrahan (1998) afirmam que o desenvolvimento da CDS foi um avanço em termos da avaliação das atribuições a partir do ponto de vista do participante, permitindo um maior rigor na avaliação das atribuições causais. No entanto, apontam uma série de problema, segundo eles, notórios desde a sua concepção. A CDS foi concebida utilizando unicamente situações hipotéticas de realização, assumindo-se que as conclusões extraídas se aplicavam a situações reais. As propriedades psicométricas da CDS foram apenas analisadas em termos de atribuições apresentadas aos participantes, não sendo realizada uma comparação entre estas e respostas livres dadas pelos sujeitos. As instruções dadas aos sujeitos são para que "pensem nas razões que deram", o que pode ser problemático se mais do que uma atribuição for escolhida ou se a razão não for clara (Leith & Prapavessis, 1989). Adicionalmente, não foi demonstrado se todos os sujeitos são capazes de descrever adequadamente os seus pensamentos causais, ou se realmente lhes dedicam alguma atenção.

Causal Dimension Scale II (CDS II)

Numa tentativa de resolução dos problemas identificados na CDS, McAuley, Duncan e Russell (1992) criaram a CDS II. Estes autores testaram a CDS II em quatro estudos, três dos quais em contexto desportivo. Embora tenha alterado os itens de controlabilidade, a revisão da CDS manteve intactas as escalas de *locus* de causalidade e de estabilidade. Assim, estes autores propuseram a divisão da dimensão da controlabilidade em duas dimensões, aparentemente próximas, mas diferentes: controlo pessoal e controlo externo. Nenhum dos seis itens que passaram a constituir aquelas duas subescalas é equivalente aos da subescala da controlabilidade da CDS.

Para desenvolverem a nova escala, os autores começaram por pedir a estudantes para preencher a CDS original e dez itens adicionais. Estes itens reflectiam controlo pessoal e controlo externo, com cinco itens cada, sendo três itens desses cinco retidos após análise dos dados. Assim, todos os itens originais de controlabilidade da CDS foram abandonados. A CDS II é composta, então, por quatro subescalas de três itens cada.

Para testar a estrutura factorial da CDS II, foi utilizada uma análise factorial confirmatória, tendo em conta os resultados dos vários estudos. Estes resultados adequam-se bem no modelo tetra-factorial utilizado, ao passo que testes alternativos que utilizaram modelos bi e tridimensionais não se ajustaram tão bem. Como três dos quatro estudos utilizado no desenvolvimento da CDS II pertencem ao contexto desportivo, a validade do instrumento para este contexto é bastante forte.

Assim, este instrumento tem sido bastante utilizado em contexto desportivo (Fonseca, 1993; Graham & Crocker, 1996; Rethorst & Duda, 1993), sendo mesmo considerado como o instrumento de avaliação das atribuições mais utilizado neste contexto actualmente. No entanto, segundo Biddle e Hanrahan (1998), apesar da sua superioridade relativamente à CDS, a CDS II tem algumas questões ainda por resolver. De acordo com estes autores, o preenchimento da escala não é muito fácil, sendo possível que diferentes grupos interpretem os itens que a constituem de um modo distinto. Apesar disso, a CDS II foi traduzida e adaptada para Portugal por Fonseca (1992), que verificou a sua estrutura factorial e validade transcultural em vários estudos (Fonseca, 1993; Fonseca & Maia, 1994, 1995), tendo apresentado resultados satisfatórios de validade e adequação da estrutura factorial na versão portuguesa.

Performance Outcome Survey (POS)

O POS (Leith & Prapavessis, 1989) é uma versão da CDS para o contexto desportivo. Este instrumento permite aos inquiridos indicar as causas que consideram ter estado na origem dos seus resultados e classificá-las ao longo das dimensões de locus de causalidade, estabilidade e controlabilidade. Como diferenças relativamente à CDS, o POS apresenta uma escala de resposta menos ampla (isto é, *likert* de sete pontos em vez de nove). No que concerne às suas propriedades psicométricas, os autores apenas calcularam os valores relativos à sua fiabilidade, os quais, a exemplo do verificado com a CDS, revelaram uma reduzida consistência interna na dimensão da controlabilidade (alfa = 0,63). Note-se, no entanto, que Biddle e Hanrahan (1998) afirmam não perceber a relevância de adaptar a CDS a um determinado contexto, quando a versão original permite a indicação de quaisquer atribuições por parte dos inquiridos e os termos que enquadram os seus itens não são específicos para nenhum contexto em particular.

1.4.2 Instrumentos de medida do estilo atribucional em contexto desportivo

Apesar do estilo atribucional ser uma medida de traço, que requer avaliação específica de domínio (Cutrona, Russell & Jones, 1984), Anderson, Jennings e Arnoult (1988) afirmam que a investigação no âmbito do comportamento social demonstrou alguma especificidade situacional, o que sugere a importância de distinguir os diferentes tipos de situação. Quando se estuda o estilo atribucional em contexto desportivo será, assim, apropriado a utilização de uma medida específica de estilo atribucional.

Anshel (1987), na sua revisão sobre os instrumentos psicológicos utilizados na investigação no desporto, refere o *Attributional Style Questionnaire* (ASQ; Seligman *et al*., 1979) e o *Wingate Sport Achievement Responsability Scale* (WSARS; Tenenbaum & Weingarten, 1983) como os únicos instrumentos de avaliação dos estilos atribuicionais dos indivíduos neste contexto. Em 1996, Ostrow adiciona-lhes a *Attributional Style for Physical Activity Scale* (ASPAC), a *Sport Attributional Style Questionnaire* (SASQ) e a *Sport Attributional Style Scale* (SASS).

Attributional Style Questionnaire (ASQ)

O ASQ (Peterson, Semmel, Von Bayer, Abramson, Metalsky & Seligman, 1982) é um instrumento proveniente da área da psicologia clínica, nomeadamente dos

estudos sobre a depressão. Este instrumento é composto em 12 situações hipotéticas: seis acontecimentos positivos e seis acontecimentos negativos. É pedido aos sujeitos que imaginem viver cada situação intensamente e que, depois, indiquem a causa mais provável para a sua ocorrência. Cada causa é então classificada numa escala de sete pontos relativamente à internalidade, estabilidade e globalidade.

As respostas ao ASQ são organizadas em seis resultados, relativos às dimensões, e em três resultados compósitos. Relativamente aos resultados dimensionais, calculam-se os resultados médios para cada uma das dimensões, ao longo dos seis acontecimentos respectivos. Quanto aos compósitos, dois são calculados somando todos os resultados relativos a cada um dos tipos de acontecimentos (isto é, positivos e negativos) e dividindo-os pelo número de acontecimentos (CP: compósito positivo; e CN: compósito negativo), o outro (CPCN: compósito positivo menos compósito negativo) obtém-se com o cálculo da diferença entre os dois primeiros.

Peterson e colaboradores (1982) relataram uma validade adequada de constructo, critério e conteúdo. No entanto, também afirmam que a validade descriminativa entre as diferentes dimensões do ASQ é menos precisa, particularmente no que se refere a acontecimentos positivos. No entanto, outros autores (Reivich, 1995; Sweeney, Anderson & Bailey, 1986) têm questionado a consistência interna do ASQ, já que os valores encontrados em várias dimensões pelos diversos investigadores nos estudos têm sido muitas vezes baixos ($\alpha<0,60$). Não obstante, Reivich (1995) salientou que quando se consideram os resultados compósitos, e não os resultados das dimensões tomadas individualmente, os índices de consistência interna são substancialmente melhorados. Da mesma forma, Reivich afirma a estabilidade dos resultados do ASQ, e a relativa estabilidade do conceito de estilo atribucional, comprovando a validade de constructo e de critério do ASQ em vários contextos como o académico, o militar, o prisional, o laboral e o desportivo.

Fonseca (1999) chama a atenção para o facto de, no contexto desportivo, o valor preditivo do ASQ aparentemente não ser tão elevado como o desejável. Invoca o estudo longitudinal realizado por Hale (1993), com 92 atletas/estudantes em situações académicas e desportivas, no qual o autor afirma que os instrumentos específicos apresentavam uma maior validade preditiva do que o ASQ. De salientar que, para aumentarem a consistência interna do instrumento, Peterson e Seligman (1984) decidiram proceder à sua reformulação, aumentando o número de acontecimentos nele descritos para 24 e considerando somente acontecimentos

negativos. Assim sendo, esta versão do ASQ só permite avaliar o estilo atribucional para acontecimentos negativos.

Wingate Sport Achievement Responsability Scale (WSARS)

A *Wingate Sport Achievement Responsability Scale* (WSARS; Tenenbuam, Furst & Weingarten; 1984; Tenenbaum & Weingarten, 1983) foi um dos primeiros instrumentos criados para medir atribuições de traço em contexto desportivo, pretendendo assim, segundo os seus autores, colmatar um vazio existente na área. Esta escala foi criada para medir a responsabilidade percebida em situações desportivas, no entanto, contempla unicamente a dimensão de *locus* de causalidade.

A WSARS consiste na descrição de 22 hipotéticos acontecimentos desportivos (11 positivos e 11 negativos). Para cada acontecimento, são indicados dois tipos de respostas (a, b) que os autores consideraram estar relacionadas, de forma inversa, com a dimensão do locus de causalidade: interna ou externa. Os inquiridos respondem numa escala bipolar de cinco pontos. Existe uma versão da escala para atletas de desportos individuais e outra para atletas de desportos colectivos.

Os seus autores referem as seguintes vantagens da WSARS, relativamente aos métodos de avaliação anteriores: maior especificidade que os questionários até então utilizados em investigações no desporto; possibilidade de análise separadas das atribuições de atletas de desportos individuais e colectivos, reclamada por alguns investigadores (Scanlan & Passer, 1980); separação de situações de êxito e inêxito, sugerida por vários estudos (Rejewski & Brawley, 1983); e, complementariedade em relação à CDS, já utilizada em investigações em contexto desportivo como um instrumento de avaliação das atribuições situacionais.

Sport Attributional Style Scale (SASS)

A *Sport Attributional Style* Scale (SASS) foi construída por Hanrahan, Grove e Hattie (1989) e desenvolveu-se com base nas seguintes premissas: 1) devem ser utilizadas interpretações subjectivas de sucesso e insucesso em vez dos resultados de vitória e derrota (Bird & Williams, 1980; Ickes, 1988); 2) o instrumento deve permitir uma grande variedade de atribuições causais (Bukowski & Moore, 1980; Gill, Ruder & Gross, 1982); 3) as atribuições podem ser classificadas em 5 dimensões: locus de causalidade, estabilidade, globalidade, controlabilidade e intencionalidade; 4) devem ser permitidas atribuições separadas para acontecimentos

positivos e negativos (Corr & Gray, 1996; Xenikou, Furnham & McCarry, 1997), que devem estar equiparados em termos de conteúdo; 5) não se deve assumir que os investigadores são capazes de colocar correctamente as atribuições em dimensões causais (Mark *et al*., 1983; McAuley & Gross, 1983; Russell, 1982); 6) é necessário um questionário com vários itens para medir o estilo atribucional. Assim, a SASS pretende ser mais completa do que outros instrumentos, integrando características da WSARS, tais como a descrição de várias situações desportivas positivas e negativas, e da CDS, como o facto de serem os próprios indivíduos a indicar e classificar as causas de cada uma das situações consideradas.

A SASS continha inicialmente 12 situações desportivas positivas e 12 negativas equiparadas em termos de conteúdo. As situações originais eram baseadas em modificações de itens presentes em outras escalas de estilo atribucional. Aos respondentes era pedido para apontarem a causa mais provável para cada acontecimento, se lhes tivess acontecido a eles, e depois para a classificar ao longo de escalas de sete pontos, avaliando cada uma das cinco dimensões e duas escalas acerca da situação. Assim, 288 estudantes de educação física do ensino superior preencheram a SASS no estudo inicial (Hanrahan *et al.*, 1989). A análise factorial confirmatória forneceu suporte para as cinco dimensões tanto para acontecimentos negativos, como positivos. As correlações entre as dimensões para os itens negativos foram relativamente baixas, sendo a mais elevada (r=0,38) entre a internalidade e a controlabilidade. No entanto, para estas duas dimensões, para itens positivos a correlação foi elevada (r=0,67). Os valores de consistência interna foram superiores a .70, tanto para os acontecimentos positivos (.74) como para os negativos (.72). A estabilidade também apresentou um valor aceitável (o valor de teste-reteste situou-se em .58). A validade de constructo ficou demonstrada pelas correlações significativas com a motivação para a realização e com a auto-estima física, convergindo na direcção de acordo com as indicações da literatura. Após a análise psicométrica, apenas 16 das situações inicias foram retidas, devido à existência de correlações item-total relativamente baixas, à presença de valores muito baixos em mais do que uma dimensão e ao facto de certos acontecimentos serem percebidos pelos sujeitos como pouco importantes.

Assim, a SASS é constituída pela descrição de 16 hipotéticos acontecimentos desportivos (oito positivos e oito negativos) que os inquiridos imaginam vivenciar e para os quais oferecem a causa mais provável, como se os acontecimentos se

passassem com eles. Refira-se que, mais tarde, Hanrahan e Grove (1990b) realizaram vários estudos em que forneceram evidências adicionais relativamente à fiabilidade e validade da SASS. No primeiro deles, com 41 estudantes de Educação Física, verificou-se que a fiabilidade teste-reteste da SASS é idêntica à do ASQ para o mesmo período de tempo entre medidas (cinco semanas). No segundo estudo, com 55 estudantes de Educação Física, verificou-se a existência de correlações significativas (entre .24 e .61) entre a SASS e o ASQ nas dimensões correspondentes, o que indica que a SASS mede o mesmo constructo que o ASQ mas numa área específica, não sendo assim uma duplicação desnecessária (com base nas correlações moderadas, mas não muito elevadas). O terceiro estudo foi realizado com ambas as amostras dos dois primeiros e demonstrou a consistência entre as respostas às situações descritas na SASS e as respostas a situações realmente ocorridas em contextos desportivos. No último estudo foi testada a adequabilidade da SASS a atletas de alta competição. Para o efeito, 61 atletas de *cricket* preencheram a SASS. A análise factorial confirmatória apoiou a estrutura factorial da SASS com resultados mais fortes em oito das dez sub-escalas. Estes resultados indicam que a SASS é apropriada também para uso com amostras não universitárias.

No entanto, como a versão de 16 itens da SASS demorava entre 20 e 30 minutos a preencher, os autores decidiram investigar a possibilidade de uma forma mais curta com 10 itens. Utilizando quatro amostras diferentes e três formas de 10 itens, os autores encontraram elevados níveis de validade e fiabilidade. Os resultados apontam para que todas as 3 versões reduzidas da SASS possam ser utilizadas na investigação em contexto desportivo (Hanrahan & Grove, 1990a). Mesmo assim, importa reconhecer que a SASS tem sido utilizada essencialmente pelos seus autores (Grove, Hanrahan & Stewart, 1990; Hanrahan, 1993; Hanrahan & Grove, 1989, 1990a, b; Hanrahan, Grove & Hattie, 1989), embora também tenham sido realizados alguns estudos em Portugal com esta escala (Fonseca, 1993b, 1995; Neves, 2001).

1.5 Investigação sobre as atribuições em contexto desportivo

A investigação das atribuições no contexto desportivo desenvolveu-se essencialmente a partir da 2ª metade da década de 70 (Biddle, 1993). Numa análise de todos os artigos relacionados com o tema da motivação publicados entre 1979 e

1991, nas duas mais importantes revistas de Psicologia do Desporto da altura: o "*Journal of Sport (and Exercise) Psychology* e o *International Journal of Sport Psychology*", Biddle (1994) afirma que os trabalhos sobre atribuição eram os mais frequentes (12,9% dos 224 artigos publicados).

É consensual dizer que investigação realizada em teoria atribucional no contexto desportivo tem utilizado predominantemente os modelos de Weiner (Biddle, 1993; Biddle & Hanrahan, 1998; Biddle, Hanrahan & Sellars, 2001; Fonseca, 1999; Guallar, Ballaguer & Garcia-Merita, 1993; Mc Auley, 1992; McAuley & Duncan, 1990). Guallar, Ballaguer e Garcia-Merita (1993), numa revisão acerca dos estudos de atribuições em contexto desportivo, realizados entre 1980 e 1991, verificaram que 61 dos 86 estudos publicados relacionados com esta temática (o que significa 71% dos estudos) utilizavam um dos três modelos de Weiner (1979; 1985; Weiner *et al*., 1972).

Relativamente aos modelos utilizados ao longo dos anos, destaca-se o predomínio do modelo bidimensional no início dos anos 80, sendo depois gradualmente substituído pelo modelo tridimensional ao longo da década. Nos últimos anos a que se reporta o estudo, o modelo mais utilizado passa a ser o da teoria atribucional da motivação e da emoção, tendo este servido como base a 17 artigos entre 1987 e 1991 (Guallar *et al*.,1993).

Assim, os elementos causais do modelo bidimensional de Weiner e colaboradores (1972), estiveram na base da pesquisa inicial sobre atribuições no contexto desportivo. No entanto, esta abordagem originou alguns problemas: embora os quatro factores não tenham sido encontrados através de pesquisa experimental, muitos investigadores em contexto desportivo adoptaram apenas estes factores nos seus estudos iniciais (Brawley & Roberts, 1984; Rejeski & Brawley, 1983). Parece que, neste tipo de contexto, nem sempre se puderam enquadrar no modelo dimensional original de Weiner. Num dos primeiros estudos sobre atribuições no desporto, ao investigar jogadores de basebol de campeonatos de júniores, Iso-Ahola (1977) propôs que o esforço tinha um diferente significado atribucional nos casos de sucesso e nos de insucesso. Os resultados associavam o esforço à habilidade nas vitórias; no caso de derrota, aparecia associado à sorte e à dificuldade da tarefa. Assim, segundo este autor, o esforço é visto como um factor interno no caso de vitória, mas como um factor externo em caso de derrota.

Também Deaux (1976) afirma que a dificuldade da tarefa pode não ser sempre estável, visto poder estar dependente da qualidade do adversário ou de condições ambientais, como a temperatura, a chuva ou o vento. A instabilidade da dificuldade da tarefa em contextos desportivos é lógica, apesar de existirem desportos em que a dificuldade da tarefa se poderá manter relativamente constante. Por sua vez, Carron (1984) sugeriu que a habilidade associada à forma do atleta, pode ser vista como relativamente instável. Por exemplo, a capacidade de nadar uma certa distância depende da forma física que pode não ser estável ao longo do tempo. Weiner, em 1983, reconheceu as limitações do modelo, admitindo que habilidade, esforço e dificuldade da tarefa podem ser percebidos como internos ou externos ao indivíduo.

Além de os elementos básicos nem sempre se enquadrarem bem nas dimensões de o *locus* de controlo e da estabilidade, vários estudos realizados em contexto desportivo indicaram que o uso exclusivo destes elementos era limitativo. Biddle e Hanrahan (1998) apoiam esta conclusão, afirmando que os contextos desportivos apresentam uma certa probabilidade de elicitar atribuições diversificadas devido à sua natureza interactiva. Por exemplo, num estudo de laboratório investigando atribuições relativas a desempenho numa tarefa de labirinto, Iso-Ahola e Roberts (1977) utilizando oito elementos atribuicionais nos seus estudos e chegaram à conclusão que a falta de prática e a categoria dos adversários eram razões externas mais relevantes no insucesso do que os elementos tradicionais de dificuldade da tarefa e sorte. Por sua vez, Roberts e Pascuzzi (1979), utilizaram um questionário aberto a universitários americanos, em que estes tinham de responder a uma série de situações desportivas hipotéticas fornecendo possíveis atribuições para os diferentes cenários, constataram que os quatro elementos tradicionais foram usados em apenas 45% das situações, concluindo assim que a utilização de apenas estes elementos era excessivamente restritiva. Também Bukowski e Moore (1980) relataram que a dificuldade da tarefa e a sorte eram percebidas por rapazes como tendo pouca importância em eventos desportivos. Para além das atribuições tradicionais de esforço e habilidade, a arbitragem e o interesse na competição foram referidas como importantes causas para o sucesso e insucesso no desporto.

Um estudo realizado no Japão por Yamamoto (1983), onde foram investigadas as atribuições realizadas relativamente a desempenhos em partidas de ténis, revelou que são necessárias mais do que quatro atribuições para explicar o sucesso e insucesso no desporto. Neste estudo 13 factores foram encontrados nos vencedores e 14 nos

derrotados. O próprio Weiner, em 1980, afirmou que estes quatro elementos atribuicionais não eram suposto ser os únicos presentes em situações de desempenho. E chegou mesmo a assumir, parcialmente, a responsabilidade pelo que classificou de carácter redutor e incompleto da investigação realizada até então (Weiner, 1983). Outros autores, como Hanrahan e Grove, (1990) ou Tenenbaum, Furst e Weingarten (1984) também consideraram esta abordagem redutora. Dentro da mesma linha de pensamento, Gill, Ruder e Gross (1982) afirmam que, devido à diversidade de situações existente em contexto desportivo, a pesquisa deveria focar-se em dimensões causais, mais do que nos quatro elementos de atribuição.

Seguindo esta linha de investigação, McAuley e Gross (1983) utilizaram a *Causal Dimension Scale* (Russel, 1982) para analisar as atribuições realizadas por 62 estudantes universitários que participavam num torneio de ténis de mesa para uma disciplina de Educação Física. Aos sujeitos era pedido para realizar atribuições relativamente aos seus resultados nas partidas de ténis de mesa. Os resultados indicaram que os vencedores tendiam a fazer atribuições mais internas, estáveis e controláveis do que os derrotados. McAuley (1985) realizou um outro estudo em contexto desportivo com ginastas, mas em vez de serem pedidas atribuições após uma vitória ou derrota, era solicitado às atletas que realizassem atribuições após um desempenho considerado bem ou mal sucedido. O estudo mostrou que as ginastas que apresentavam um desempenho bem sucedido faziam atribuições mais internas, estáveis e controláveis do que aquelas que apresentavam um desempenho mal sucedido.

Os resultados obtidos por Furst (1989) apontam no mesmo sentido. Além de ter pedido a corredores fundistas para realizarem atribuições para cada prova durante uma época, este autor pediu aos sujeitos para classificarem o nível de sucesso obtido em cada uma das provas. Os resultados mostram que os atletas que se achavam melhor sucedidos tendiam a fazer atribuições mais internas e estáveis do que os atletas que se consideravam menos bem sucedidos. Num outro estudo com fundistas, em que foi utilizada a CDS-II, com a participação de 38 atletas de ambos os sexos, Santamaria e Furst (1994) encontraram um padrão de resultados semelhante. Quando se recordavam das suas provas mais bem sucedidas, os atletas realizavam atribuições mais internas e de maior controlabilidade pessoal do que para as suas provas de menor sucesso. Há que notar que, neste estudo, não foram encontradas diferenças

significativas, nas dimensões da estabilidade (ao contrário de investigações anteriores) e da controlabilidade externa, entre as provas de maior e menor sucesso.

Quanto à aplicação da teoria atribucional da motivação e da emoção de Weiner (1985) aos contextos de desempenho, também têm existido contributos resultantes da investigação realizada no contexto desportivo. A relação entre atribuição e expectativas de sucesso futuro é um dos aspectos que tem sido mais analisado. Alguns autores encontraram este padrão mesmo em outros contextos de realização, como o escolar. Por exemplo, Singer e McCaughan (1978) afirmam que estudantes de liceu apresentam mais expectativas positivas após o sucesso do que após o insucesso, e que estas expectativas eram potenciadas por atribuições associadas a factores estáveis. No entanto, no contexto desportivo, alguns autores apresentam resultados algo diferentes. Rudisill (1989), num estudo no qual era comunicado um insucesso a 84 estudantes, após realizarem uma tarefa motora, afirma que as expectativas, a persistência na tarefa e o desempenho foram potenciados, para aqueles que apresentavam atribuições de natureza interna, controlável mas instável. Na sequência deste e de outros estudos (Rudisill, 1988, 1989), o autor conclui que, após um insucesso, será mais benéfico sentir que um sucesso futuro é possível, o que implica que as atribuições possam ser feitas a factores controláveis e que possam ao mesmo tempo ser instáveis.

Uma série de três outros estudos realizados por Grove e Pargman (1986), envolvendo o lançamento de dardos por cerca de 200 alunos, demonstraram que as expectativas dos sujeitos para futuras competições estavam mais ligadas ao esforço do que à habilidade. Baseado nestes resultados, Biddle (1993) chama a atenção para a hipótese de a dimensão da controlabilidade desempenhar um papel mais importante nas expectativas de sucesso futuro do que a dimensão da estabilidade.

Também a relação entre atribuições e emoções tem sido alvo de diversas investigações no contexto desportivo. Ainda antes de Weiner apresentar a sua teoria, McAuley, Russell e Gross (1983) realizaram um estudo, com a CDS, com 62 estudantes universitários numa partida de ténis de mesa, em que analisaram a relação entre atribuições e emoções, após as partidas. Os seus resultados apresentava um suporte fraco para a relação entre atribuições e emoções nos vencedores, e não foram encontradas relações entre as duas variáveis nos derrotados. Neste estudo a dimensão atribucional da controlabilidade aparecia como a mais relacionada com as emoções.

Um outro estudo de McAuley e Duncan (1989) visava testar a premissa de Weiner (1986), segundo a qual os indivíduos apresentam maior tendência a realizar atribuições quando os seus resultados são inesperados. Assim, num estudo utilizando a CDS e uma lista de emoções, com 55 estudantes universitários, pediram aos participantes que indicassem as suas expectativas relativas a uma prova num ergómetro. Àqueles que esperavam vencer foi-lhes dito que tinham perdido, aos que esperavam ganhar foi lhes dito que tinham ganho. Os resultados demonstram que, para os sujeitos da condição de sucesso, apenas uma relação é significativa, a confiança é prevista pelas dimensões da internalidade, estabilidade e controlabilidade. Na condição de insucesso, a depressão e o desconforto são previstos pela internalidade, estabilidade e controlabilidade. A surpresa e a competência são previstas pela internalidade, ao passo que a culpa e a vergonha estão relacionadas com a estabilidade. Assim, os autores concluiram que os resultados deste estudo apoiam as premissas de Weiner relativamente ao facto de resultados inesperados potenciarem o processo atribucional e, consequentemente, a relação entre atribuições e emoções, especialmente após um insucesso.

Biddle e Hill (1988, 1992a, b) realizaram uma série de estudos que apoiaram o papel das atribuições internas nas emoções, em contexto desportivo. Biddle e Hill (1988) analisaram o efeito moderado da importância da vitória numa corrida com um ergómetro. Antes da corrida, os participantes (n=74) classificavam a importância que atribuiam à vitória, após a corrida preenchiam uma medida atribucional e respondiam a uma lista de afectos. Os resultados mostram que a atribuição de esforço estava relacionada com a boa disposição, o orgulho, a confiança, a alegria; a gratidão surgia apenas quando a vitória era vista como importante. Assim, vencer devido à personalidade (atribuição interna e estável) aparecia associado ao bem estar, ao orgulho e à felicidade apenas quando era importante ganhar. No entanto, atribuir uma vitória à disposição relacionava-se com os sentimentos de alegria e de agrado, independentemente da importância da vitória. A atribuição de habilidade correlacionava-se com sentimentos de confiança, competência e contentamento, independentemente da importância do resultado. No entanto, atribuir uma vitória à disposição associava-se ao sentimento de orgulho e felicidade apenas quando a vitória era importante. Estes resultados revelam que a importância tem tanto um efeito directo como uma influência moderadora sobre as emoções.

Mais recentemente, Biddle e Hill (1992b) relataram outros resultados sobre a importância percebida da vitória. Num estudo laboratorial com uma situação de partidas singulares de esgrima, estes autores analisaram a ligação entre importância percebidas da vitória e emoções (através de uma lista de 28 adjectivos). A importância percebida da vitória foi o segundo preditor mais importante das emoções auto-relacionadas (após a análise intuitiva, mas antes das atribuições).

Robinson e Howe (1989), numa análise do aplicação do modelo de Weiner a jovens desportistas, afirmam também que o efeito das dimensões atribuicionais sobre as emoções é variável. A internalidade parece ter um efeito potenciador tanto em situações de sucesso como de insucesso. A estabilidade parece ter apenas um efeito significativo em situações de sucesso, ao passo que a controlabilidade apenas terá efeito em situações de insucesso.

McAuley, Poag, Gleason e Wraith (1990) analisaram as atribuições de adultos de meia idade quando desistiam de programas de exercício e como estas estavam associadas com as emoções resultantes desta desistência. Os resultados apontam para uma modesta ligação entre atribuições e emoções. A culpa e a vergonha eram previstas pelas atribuições internas, o desconforto por atribuições relacionadas com a controlabilidade pessoal e a frustração por atribuições estáveis e incontroláveis.

Um modelo alternativo de relação entre atribuições e emoções foi proposto por Vallerand (1987). Este modelo, denominado de análise intuito-reflectivo, para emoções no contexto desportivo, sugere a existência de dois tipos de processamento emocional. Primeiro teria lugar a análise intuitiva, ou imediata, isto é, uma análise relativamente automática do resultado; depois teria lugar a análise reflectiva, na qual tem lugar um maior processamento cognitivo. O resultado é analisado e aparece, então, o processo atributivo. Biddle, Hanrahan e Sellars (2001) afirmam que a análise intuitiva seria similar às emoções dependentes dos resultados, independentes das atribuições propostas por Weiner (1986), ao passo que a avaliação reflectiva seria similar às emoções dependentes das emoções, independentes do resultado.

Vallerand (1987), num estudo com jogadores de basquetebol, pedia aos atletas a impressão geral sobre o jogo, se tinha sido bom ou mau. As atribuições e emoções foram também analisadas. Os jogadores que consideravam o seu desempenho bem sucedido tinham como melhor preditor das emoções a análise intuitiva, potenciadas pelas atribuições. Para os jogadores que viam os seus resultados como mal sucedidos os resultados obtidos foram mais fracos. Após os dois estudos, Vallerand conclui que

um dos resultados mais interessantes foi o de que a análise intuitiva teria mais influência sobre as emoções do que o resultado objectivo (sucesso ou fracasso). Assim, sugere que não é o resultado, mas sim a sua interpretação subjectiva, que é mais importante. Em segundo lugar, a análise intuitiva foi considerada o preditor mais importante, quer das emoções gerais, quer das relacionadas com o *self*, por comparação com a análise reflectida. Em terceiro lugar, a análise atribucional (reflectida) teve, ainda assim, um impacto importante sobre as emoções, pois as atribuições estáveis e controláveis apresentam efeitos potenciadores e minimizadores. Assim, se o indivíduo se sentir responsável por um sucesso, aumenta os seus sentimentos de orgulho e competência, ao passo que se se sentir responsável por um insucesso diminui esses sentimentos.

Vários estudos testaram o modelo de Vallerand (1987). Num deles McAuley e Duncan (1990) investigaram a relação entre a análise intuitiva e reflectida e as emoções, após uma prova de ginástica. A análise intuitiva previu ambos os tipos de afecto e o impacto da análise reflectiva foi bastante menos importante, já que apenas a dimensão da estabilidade permitiu prever ambos os tipos de afecto. Resultados similares foram obtidos por Biddle e Hill (1992) num estudo com participantes de uma liga regional de *squash*. Noutro estudo, Vlachopoulos e colaboradores (1997) estudaram as reacções emocionais positivas e negativas de rapazes e raparigas dos 11 aos 14 anos que participavam numa corrida de 400 metros ou numa corrida de resistência numa aula de Educação Física. A dimensão interna das atribuições foi um dos factores que contribuiu para a previsão das emoções positivas, não sendo no entanto o mais relevante. Não foram encontrados resultados relevantes de atribuições para as emoções negativas. Os autores concluiram que as atribuições têm um papel secundário no processo emocional.

Apesar de todas estas críticas e acrescentos, Vallerand e Blanchard (2000) afirmam que a investigação realizada em contexto desportivo providenciou algum apoio à teoria da Weiner (1986). Os autores afirmam que a teoria atribucional da motivação e emoção de Weiner se constitui como uma estrutura conceptual sobre as atribuições bastante válida, quer na investigação, quer na prática. A quantidade de investigadores que a têm utilizado como suporte teórico dos seus estudos parece apoiar as conclusões destes autores, o que é enfatizado pela crescente utilização deste modelo durante a década de 90 (Biddle, 1994).

1.5.1 Investigação sobre estilo atribucional no contexto desportivo

Na opinião de Rettew e Reivich (1995), o contexto desportivo constituiria um óptimo contexto para o estudo dos estilos atribuicionais, devido à boa definição das diferenças entre sucesso e insucesso (Leith & Prapavessis, 1989; Rejewski & Brawley, 1983; Spink & Roberts, 1980). No entanto, Biddle (1993) afirma que pouca investigação foi realizada sobre o estilo atribucional em contexto desportivo, nomeando esta área como uma das áreas a merecer maior investimento em termos de investigação futura.

Os primeiros estudos realizados nesta área foram desenvolvidos por Tenenbaum, Furst e Weingarten (1984) que desenvolveram uma escala, a "*Wingate Sport Achievement Responsability Scale*" (WSARS). Esta escala avalia o estilo atribucional, mas apenas na dimensão de internalidade, pedindo aos sujeitos para reagirem a situação desportivas individuais e colectivas de sucesso e de insucesso. Tenenbaum e colaboradores (1984) levaram a cabo análises psicométricas que validaram o uso da escala. Depois, Tenenbaum e Furst (1985, 1986) utilizaram esta escala para realizar vários estudos, em que investigaram como atletas israelitas, praticantes de várias modalidades desportivas individuais e colectivas, tendiam a justificar os seus resultados desportivos. Estes autores concluíram que os atletas de desportos individuais assumiam maior responsabilidade (atribuições mais internas) pelos seus resultados negativos, do que os atletas de desportos colectivos. Foram também detectadas ligeiras diferenças entre as respostas de homens e de mulheres, com estas a assumirem maior responsabilidade sobre os seus resultados negativos. Para além destas, foram encontradas outras diferenças entre as respostas dos atletas com diferentes níveis de competência percebida. Os atletas que se consideravam mais competentes assumiam maior responsabilidade face aos seus resultados. No entanto, não foi encontrada qualquer relação entre os scores obtidos na WSARS e as atribuições realizadas para acontecimentos reais, relatados através da *Causal Dimension Scale*.

Seguiram os estudos de Seligman e colaboradores que analisaram os estilos atribuicionais de atletas de natação e *baseball*. Em 1987, utilizando uma técnica de análise de conteúdo denominada CAVE (Peterson, Luborsky & Seligman, 1983), Peterson e Seligman analisaram citações de jogadores de basebol de elite, entre 1900 e 1950, e concluiram que os atletas que realizavam atribuições internas, estáveis e globais para resultados negativos tendiam a viver menos tempo. O mesmo ocorria

para aqueles que realizavam atribuições externas, instáveis e específicas para acontecimentos positivos.

Em 1990, Seligman, Nolen-Hoeksema, Thornton e Thornton publicam um artigo em que analisaram dois estudos, desenvolvidos com o ASQ. No primeiro, realizado com 47 nadadores (21 masculinos, 26 femininos) da Universidade de Berkeley, na Califórnia, os autores chegaram à conclusão que os atletas que possuíam um estilo atribucional pessimista tendiam a render abaixo das expectativas dos seus treinadores, ao longo de uma época. Foram encontradas também diferenças entre ambos os sexos, tendo os homens apresentado, no geral, um estilo atribucional mais optimista, o que para os autores significava que as mulheres teriam um estilo atribucional mais pessimista (mesmo tratando-se de mulheres com alto *status* e alto rendimento). No segundo estudo, com os melhores 33 atletas (14 masculinos, 19 femininos) do estudo anterior (os quais se preparavam para os Jogos Olímpicos de 1988) verificou-se que, numa situação em que foi induzida nos atletas uma percepção de insucesso (ou seja, os tempos que lhes foram comunicados pelos treinadores foram piores do que os realmente obtidos), os que tinham um estilo atribucional mais pessimista evidenciaram decréscimos nos seus níveis de rendimento, ao contrário do verificado com os seus outros colegas que mantiveram os seus níveis regulares.

Rettew e Reivich (1995) realizaram dois estudos sobre o estudo do estilo atribucional grupal de equipas, bem como o efeito deste sobre futuros resultados. No primeiro estudo, desenvolvido no basquetebol, os autores utilizaram a técnica CAVE para analisar citações de cinco equipas da NBA durante duas épocas consecutivas, no sentido de vertificarem se o estilo atribucional poderia ser utilizado para prever a capacidade de uma equipa recuperar após uma derrota. Foram recolhidas 825 citações que, como critério, deveriam ser feitas a partir de um acontecimento positivo ou negativo e da sua explicação, proferidas por atletas que se iriam manter nessa equipa na época seguinte. A partir destas citações foi estabelecido um estilo atribucional para cada uma das equipas, e foi utilizada uma técnica estatística para controlar o valor do adversário com factores que podiam ter influência sobre o resultado, por exemplo o facto de jogar em casa ou fora. Os autores chegaram assim à conclusão de que equipas com um estilo atribucional mais optimista para acontecimentos negativos apresentavam significativamente melhores resultados após uma derrota do que equipas com estilo atribucional pessimista. No entanto, neste estudo, o estilo atribucional não permitiu prever o sucesso na época seguinte. O

factor mais relevante encontrado para esse efeito foi o sucesso encontrado na época anterior.

Num outro estudo que teve como objectivo testar a validade preditiva do estilo atribucional no rendimento desportivo, Rettew e Reivich (1995) analisaram citações de 12 equipas de basebol, utilizando a técnica CAVE, e basearam-se no estilo atribucional da época anterior para prever o sucesso na época seguinte, durante três épocas consecutivas. A análise dos dados demonstrou que as equipas com um estilo atribucional mais optimista apresentaram um melhor rendimento do que as equipas com um estilo atribucional pessimista, nos jogos que se seguiram às derrotas. Assim, os resultados obtidos permitiram afirmar que o estilo atribucional é tão bom preditor do sucesso na época seguinte como do sucesso na época actual, apesar de existir também uma elevada correlação entre o nível de sucesso entre épocas.

De acordo com o conjunto de resultados destes estudos, os autores concluiram que o estilo atribucional pessimista permitia prever desempenhos futuros negativos, mesmo quando era tomada em conta e controlada a habilidade. Rettew e Reivich (1995) afirmam ainda que a informação obtida do estilo atribucional não é redundante face à informação disponível, utilizada por atletas, técnicos e outros elementos, quando tentam prever futuros resultados. Assim, um mau desempenho leva atletas com um estilo atribucional mais pessimista a recuperar com maior dificuldade, o que aumenta a probabilidade de apresentarem futuros desempenhos negativos, reforçando assim o seu estilo atribucional e gerando um ciclo de desmotivação.

Seligman (1992), no entanto, chama a atenção para alguns constrangimentos neste tipo de estudos. Em primeiro lugar, para falarmos de estilo atribucional de uma equipa será sempre necessário recolher grande número de atribuições, de vários elementos (atletas, treinadores, etc.) ao longo de um período considerável de tempo, o que se torna complicado não só devido ao grande número, mas também devido à inacessibilidade. Assim, por outro lado, as declarações analisadas serão as emitidas aos órgãos de comunicação social, o que representa uma série de problemas: o que os elementos da equipa referem à comunicação social pode não reflectir o que os elementos da equipa realmente pensam; o que dizem pode ser mal interpretado pelos jornalistas; as afirmações podem, ainda, ser descontextualizadas já que nem sempre tudo o que os elementos dizem chega a ser publicado.

Outro estudo em contexto desportivo que apoia o conceito de estilo atribucional foi apresentado por Prapavessis e Carron (1988). Estes autores recorreram a uma amostra de 50 jovens jogadores de ténis de élite. Os atletas que manifestavam padrões de desempenho disfuncionais associados ao desânimo aprendido apresentavam um estilo atribucional diferente dos jogadores sem desânimo aprendido. Especificamente, os jogadores que apresentavam desânimo aprendido realizavam atribuições para fracasso de uma natureza interna, estável e global.

Outras investigações não encontraram resultados tão conclusivos. Hale (1993) não encontrou resultados significativos quando, utilizando o ASQ, numa amostra de 84 estudantes atletas, procurou replicar os estudos de Seligman (1990). No seu estudo, os atletas que não pertenciam à elite apresentaram valores mais altos para resultados positivos compositos no ASQ do que os atletas de élite, o que contraria os resultados e as conclusões apresentadas por Seligman (1990). Por sua vez, Thomas (1996) realizou um estudo em que testou a aplicabilidade do modelo do desânimo aprendido a jogadores de basquetebol profissional da NBA durante o *play-off* da competição. Este autor partiu da hipótese de que os jogadores que tinham tido melhores desempenhos durante a fase anterior estavam imunes ao efeito do desânimo aprendido. No entanto, após analisar o rendimento de 134 jogadores, encontrou apenas suporte parcial para a teoria do desânimo aprendido, não encontrando diferença entre jogadores de vários níveis de desempenho na fase anterior. O autor justifica isto com o efeito de topo numa competição tão exigente como a NBA.

O desenvolvimento da SASS por Hanrahan, Grove e Hattie (1989) desencadeou uma série de estudos, com a intenção de validar a utilização desta escala com atletas e não com amostras universitárias. Num deles, Hanrahan e Grove (1990) aplicaram a escala a uma amostra de 61 jogadores de *cricket* de competição, encontrando valores mais altos de internalidade, estabilidade, intencionalidade e controlabalidade nesta amostra do que na amostra de atletas universitários que tinha sido utilizada inicialmente para validar a escala. Em Portugal, a SASS tem sido utilizada numa série de estudos, após a sua tradução e validação por Fonseca (1993a). O próprio autor encontrou diferenças entre futebolistas profissionais e universitários em termos de atribuições efectuadas. Segundo Fonseca (1993b), os profissionais realizavam atribuições significativamente mais estáveis, internas e controláveis nas situações de sucesso do que nas de insucesso, ao passo que os futebolistas universitários não apresentavam a mesma tendência, não existindo diferenças significativas para as

atribuições realizadas em situações de sucesso e de insucesso. Num outro estudo, com uma amostra maior e mais diversificada, Fonseca (1995) voltou a encontrar o mesmo padrão de resultados.

Mais recentemente, Neves (2001) utilizou a SASSp num estudo envolvendo 167 atletas de judo de vários escalões competitivos, desde os juvenis aos seniores. Os resultados demostram que os atletas séniores realizam atribuições para resultados positivos que são significativamente mais estáveis, globais e intencionais do que os atletas de escalões de formação, não sendo encontradas diferenças significativas de internalidade entre escalões. Estes resultados são consistentes com os obtidos por Fonseca (1993b, 1995), excepto os obtidos para a internalidade. Ao mesmo tempo, outros resultados deste estudo sugerem que os atletas mais auto-confiantes realizam atribuições mais estáveis e intencionais para resultados positivos, e que as atribuições realizadas para os resultados positivos são mais importantes para a auto-confiança do que as realizadas para resultados negativos.

1.5.2 Diferenças atribuicionais entre homens e mulheres

A investigação realizada relativamente aos efeitos do género sobre as atribuições, tanto em contextos desportivos como em outros contextos, tem produzido resultados contraditórios. Para Biddle (1993) parece evidente que homens e mulheres explicam o que lhes acontece de uma forma diferenciada, não só em contextos desportivos, mas também noutro tipo de contextos (Anshel, 1994; Vallerand, 1994; Weiner, 1980, 1989). Estudos destes autores realizados em contextos fora do desporto relatam que os homens tendem a atribuir o sucesso mais internamente e o insucesso mais externamente do que as mulheres. Também Carron (1980, 1984), com estudos realizados em contexto desportivo, relata que os homens, de uma forma geral, atribuem os sucessos a causas mais internas e estáveis do que as mulheres.

A existência desta "modéstia atribucional" da parte das mulheres em relação aos homens não é suportada em todos os estudos realizados em contexto desportivo. Em vários estudos os investigadores não encontraram diferenças significativas nas atribuições realizadas por homens e mulheres (Biddle & Hill, 1992; McAuley & Duncan, 1989; Robinson & Howe, 1989; Rudisill, 1988a, b). Mark, Mutrie, Brooks e Harris (1984), num estudo utilizando a CDS, em que se focavam sobre o egoísmo atribucional numa amostra de jogadores de *squash* e de *racketball*, também não

encontraram diferenças significativas entre as atribuições realizadas por homens e mulheres.

Weiss, McAuley, Ebbeck e Wiese (1990) analisaram as atribuições elaboradas por crianças, com idades entre os 8 e os 13 anos, para acontecimentos ocorridos em diferentes contextos (académico, desportivo e social). Os resultados demostram que as crianças não apresentaram diferenças relativas ao sexo, tanto nas atribuições causais como em termos de auto-estima, embora houvesse uma relação entre atribuição causal e auto-estima tanto no domínio físico como social. Também Morgan, Griffin e Heyward (1996) apresentam resultados similares num estudo que realizaram com 755 estudantes de liceus que faziam parte de equipas de atletismo. Os resultados deste estudo indicam que o género não está relacionado com as dimensões atribuicionais, quer se trate de sucesso como de insucesso, tendo as autoras justificado tal resultado com a ideia de que uma atleta feminina que atribua os seus sucessos externamente e os insucessos internamente teria menos de probabilidade de se manter na prática desportiva.

No entanto, grande parte dos estudos realizados em contexto desportivo apontam para a existência de diferenças entre as atribuições efectuadas por homens e as efectuadas por mulheres. Bird e Williams (1980) realizaram um estudo com jovens de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, utilizando imagens de três desportos distintos, com atletas masculinos e femininos, em situações de sucesso e de insucesso; constataram que os mais jovens (entre os 10 e 15 anos) atribuíram os resultados sobretudo ao esforço dispendido pelos atletas na realização das tarefas, independentemente do seu sexo. No entanto, entre os 16/18 anos, os autores notam que já começam a aparecer os estereótipos sexuais, sendo que a *performance* de um atleta masculino era atribuída ao esforço, ao passo que a *performance* de uma atleta feminina era vista como mais relacionada com a sorte.

Biddle (1993) chama a atenção para o facto de os resultados de Bird e Williams (1980) parecerem convergir com os resultados da investigação realizada no âmbito de outros contextos na psicologia, indiciando que as diferenças sexuais ao nível de autopercepções, como as atribuições, ocorrem com a idade. Este autor afirma, ainda, que este estudo apresenta alguns problemas a nível metodológico, devido ao uso de apenas quatro atribuições, e à escolha de situações hipotéticas, em detrimento de situações reais.

Diferenças atribuicionais entre atletas dos dois sexos foram igualmente detectadas em estudos realizados por Tenenbaum e Furst (1985). Estes autores verificaram que os atletas do sexo masculino que participaram no estudo classificavam as causas dos seus resultados como mais internas, estáveis e controláveis do que os atletas do sexo feminino. Também Riordan e colaboradores (1985), depois de compararem as atribuições efectuadas por indivíduos de ambos os sexos, participantes num torneio local de *raquetball*, encontraram algumas diferenças. Os homens classificaram as causas dos seus resultados como mais instáveis do que as mulheres em situações de insucesso, o que apoiaria a noção de que as mulheres são atribucionalmente mais modestas do que os homens.

Num outro estudo, realizado por Zientik e Breakwell (1988), solicitou-se a um conjunto de estudantes universitários para verem excertos de jogos de hóquei no gelo, e para indicarem qual consideravam ser o desenvolvimento da jogada observada. Antes de se comunicar aos sujeitos se haviam acertado, foi-lhes pedido para indicarem as razões porque consideravam ter acertado ou falhado. Os resultados apontam para a existência de diferenças entre as atribuições de homens e mulheres. As mulheres atribuíram os seus sucessos à sorte de forma mais frequente do que os homens. Quanto ao insucesso, os homens atribuíram-no mais à falta de concentração, ao passo que as mulheres os atribuíam mais à sua própria incapacidade.

Dabrowska (1993a, cit. por Fonseca, 1999), num estudo com 28 atletas de ambos os sexos (os 17 atletas masculinos de futebol e 11 atletas femininos de basquetebol), encontrou diferenças significativas em situações de insucesso. Enquanto os homens atribuem essencialmente os seus insucessos a esforço insuficiente (44%), e à falta de capacidade da sua parte (35%), as mulheres indicaram principalmente a sua falta de capacidade (50%) como causa dos insucessos desportivos. O esforço insuficiente só foi indicado por 24% das atletas. Existiria, assim, uma maior atribuição de insucesso a causas mais estáveis e menos controláveis por parte das atletas femininas. A autora indica que isto iria reforçar sentimentos de desânimo aprendido nas atletas, o que se poderia reflectir numa maior possibilidade de insucessos futuros.

Num outro estudo, Dabrowska (1993b, cit. por Fonseca, 1999), tomando 85 remadores polacos de ambos os sexos (60 do sexo masculino e 25 do sexo feminino), constatou que ambos os sexos atribuíram causas internas aos seus insucessos. No entanto, as mulheres indicaram, muito mais frequentemente que os homens, o esforço insuficiente como a principal causa dos seus insucessos. A autora sugere que

o padrão atribucional apresentado pelas mulheres (causas internas, instáveis e controláveis) pode-se considerar como vantajoso num desporto considerado masculino, visto que, em tarefas que impliquem essencialmente força e resistência, o esforço pode ser mais importante do que a competência.

Diferenças no padrão de atribuições foram também encontradas por White (1993). Esta autora realizou um estudo com 44 praticantes de *softball* de 2 escalões (júnior e sénior) de ambos os sexos, aplicando a CDS após uma competição e pedindo para classificar as causas do resultado obtido. Os resultados mostram que os atletas masculinos classificaram as causas dos seus sucessos de uma forma mais interna do que as atletas femininas, tendo estas apresentado atribuições mais controláveis do que os atletas masculinos. Dois estudos em Portugal desenvolvidos por Fonseca (1993, 1995) com futebolistas, também apontam para a existência de diferenças entre as atribuições realizados por atletas masculinos e femininos relativamente aos resultados mais significativos das suas carreiras desportivas. O autor relata que os atletas do sexo masculino tendiam a dissociar-se dos seus resultados negativos de um modo mais pronunciado do que as atletas do sexo feminino.

A existência de resultados divergentes sobre a existência de diferenças atribuicionais entre homens e mulheres tem merecido, assim, a atenção de vários autores. Existem, então, diversas perspectivas acerca das diferenças encontradas em termos de atribuições quanto ao sexo. Uma possível explicação foi proposta por Maehr e Nichols (1980). Estes autores postulam que, ao analisar as cognições das mulheres a partir de um ponto de vista masculino, emergem resultados falsos, já que as mulheres, na sua participação desportiva, teriam objectivos diferentes e definiriam a sua realização de uma forma diferente da dos homens.

Fonseca (1999) afirma que a explicação que parece reunir mais consenso na literatura é a de Deaux (1976, 1984). Esta autora propõe que as diferenças entre as atribuições de atletas masculinos e femininos decorrem, essencialmente, da influência de variáveis situacionais (ex. dificuldade relativa da tarefa) e não das suas características sexuais. Para Deaux (1984), o factor mais importante para a realização de atribuições diferentes, por parte de homens e mulheres, é a sua relação com o tipo de tarefa a executar, bem como o modo como esta influencia as expectativas de cada um dos sexos. Neste sentido, afirma que se devia prestar mais atenção à natureza da tarefa que está a ser realizada já que, segundo ela, a expectativas pré-competitivas

semelhantes corresponderão atribuições similares. A variável sexo deveria ser vista, neste contexto, fundamentalmente como uma categoria social, pois influencia não só as opiniões dos observadores, como também o modo como os atletas escolhem as actividades em que se envolvem. Para a autora, a questão fundamental não deve ser em que medida os homens diferem das mulheres, mas até que ponto as pessoas julgam que eles diferem.

A análise proposta por Deaux tem enquadramento nas teorias de Jones e Davis (1965) ou Kelley (1967). Para estes autores, quando analisam uma determinada acção, as pessoas utilizam dados recolhidos de acções anteriores realizadas pelos actores ou por elementos da mesma categoria. Assim, se virmos o género de um atleta que realiza uma determinada tarefa como uma parte do conhecimento que temos sobre ele, isto será um dado utilizado para estruturar as expectativas sobre a forma como esse atleta desempenha as tarefas.

Também Biddle (1993) afirma que assim é possível esperar que as expectativas acerca das capacidades dos homens e das mulheres sejam distintas, nos muitos desportos considerados tipicamente masculinos. Vários autores ressalvam, no entanto, que quando as tarefas e o envolvimento são vistas como apropriadas ao género, homens e mulheres apresentam semelhantes atribuições, expectativas e confiança (Biddle, 1993; Gill, 1993; Morgan, Griffin & Heyward, 1996; Riordan, Thomas & James, 1985).

Deaux e colaboradores apresentam vários estudos que fornecem apoio aos seus pressupostos. Deaux e Farris (1977), após a realização por um grupo de homens e mulheres de uma tarefa apresentada como masculina (que, na realidade, era neutra), verificaram que as mulheres tenderam a atribuir o seu sucesso mais à sorte e menos à habilidade do que os homens. Este padrão de resultado não ocorreu na realização de uma tarefa neutra apresentada como feminina; neste caso não foram detectadas diferenças significativas nas atribuições realizadas entre homens e mulheres. Resultados similares já tinham sido encontrados noutro estudo realizado por Deaux e Emswiller (1974). No fundo, os resultados destes estudos apontam para uma relação entre atribuições e as opiniões acerca do homem e da mulher (Deaux, 1984).

Fonseca e Coelho (1998) realizaram um estudo que veio dar algum suporte à teoria de Deaux. Estes autores pediram a 55 atletas de atletismo de fundo e meio-fundo (classificados entre os 100 melhores atletas nacionais) para explicarem os resultados mais significativos das suas carreiras desportivas. O atletismo é uma

modalidade que, em Portugal, se reconhece como requerendo uma elevada competência desportiva (tanto em homens, como em mulheres). Os resultados não demonstram nenhuma diferença significativa entre as atribuições dos atletas de ambos os sexos, quer em situações de sucesso, quer em situações de insucesso. As únicas diferenças encontradas foram entre as respostas de atletas do mesmo sexo, mas com diferentes classificações no *ranking*, o que aliás está de acordo com o pressuposto de Deaux (1984) e apoia a noção de que as diferenças entre as atribuições dos atletas dos sexos feminino e masculino decorrem dos seus diferentes enquadramentos sociais e não tanto das suas diferenças sexuais. O autor refere que as expectativas de sucesso dos atletas classificados nos primeiros lugares do *ranking* são provavelmente diferentes das dos atletas pior classificados (não só pelas outras pessoas mas, principalmente por eles próprios), sendo de esperar que as suas atribuições sejam igualmente diferentes.

Biddle, Hanrahan e Sellars (2001) afirmam que além das diferenças atribuicionais verificadas entre os homens e mulheres poderem ser o produto de diferentes expectativas de sucesso face à sua participação desportiva (como sugerem Deaux, 1984; Weiner, 1986), é preciso analisar outras características do contexto desportivo. Para estes autores, na maioria das modalidades desportivas, não é possível homens e mulheres competirem uns contra os outros, ao contrário do que se verifica noutros contextos de realização (como, por exemplo, o académico). Isto pode contribuir para a formulação, por parte de atletas de ambos os sexos, de expectativas de sucesso relativamente semelhantes, o que, desse modo, poderia ser a razão para a aparente falta de diferenças sexuais entre as atribuições.

Neste sentido Morgan, Griffin e Heyward (1996) chamam também a atenção para o facto de as atletas femininas geralmente apresentarem as qualidades necessárias ao sucesso no contexto desportivo. Adicionalmente, a circunstância de tanto homens como mulheres decidirem iniciar e/ou manter a prática de um mesmo desporto pode significar que as semelhanças entre eles, do ponto de vista do perfil psicológico, são mais consistentes do que as diferenças que derivam do seu carácter sexual (Biddle, 1993). Ainda segundo Greendorfer (1983), os factores necessários à participação bem sucedida no desporto seriam os mesmos, independentemente do género.

Parece resultar, portanto, do anteriormente exposto, que a noção de que os homens e as mulheres explicam os seus resultados desportivos de forma diferenciada precisa de fundamentação mais consistente (Biddle, Hanrahan & Sellars, 2001). Não

surpreende, por isso mesmo, que diversos autores (Blucker & Hershberger, 1983; Tenenbaum & Furst, 1985) tenham sublinhado a importância e a necessidade de mais investigação nesta área, na tentativa da aquisição de um conhecimento mais profundo sobre o assunto.

1.6 Síntese

O estudo das atribuições foi um tema que suscitou muito interesse durante as décadas de 70 e 80. Assim, partindo dos trabalhos de Heider (1944, 1958), a teoria da atribuição evoluiu em direcções diversas. As contribuições teóricas e os modelos de Weiner têm sido os mais utilizados em contexto desportivo: com efeito, 71% dos estudos realizados entre 1980 e 1991 baseavam-se num dos três modelos de Weiner (Guallar, Ballaguer & Garcia-Merita, 1993), sendo que a teoria atribucional da motivação e da emoção o modelo mais utilizado.

O estilo atribucional é um conceito que provem da investigação em psicologia clínica, estando relacionado com a reformulação do modelo do desânimo aprendido (Abramson, Seligman & Teasdale, 1978). A utilidade do conceito foi alvo de discussão na primeira metade da década de 80, mas a meta-análise realizada por Sweeney, Anderson e Bailey (1986), envolvendo 104 estudos e 15000 sujeitos, veio confirmar a sua validade.

A avaliação das atribuições dos estilos atribucionais evoluiu, incorporando sugestões provenientes das investigações realizadas. Os instrumentos actuais, da qual a SASS e a CDS II são exemplos, apresentam boas qualidades psicométricas e utilizam interpretações subjectivas de sucesso e insucesso, em vez dos resultados de vitória e derrota (como sugerido por Bird & Williams, 1980; Ickes, 1988). São instrumentos que permitem uma grande variedade de atribuições causais (como sugerido por Bukowski & Moore, 1980; Gill, Ruder & Gross, 1982) e não assumem que os investigadores são capazes de colocar correctamente as atribuições em dimensões causais (como sugerido por Mark *et al*., 1983; McAuley & Gross, 1983; Russell, 1982). Assim, a SASS permite classificar atribuições em 5 dimensões: internalidade, estabilidade, globalidade, controlabilidade e intencionalidade, permitindo atribuições separadas para acontecimentos positivos e negativos que estão

equiparados em termos de conteúdo (como sugerido por Corr & Gray, 1996; Xenikou, Furnham & McCarry, 1997).

Boa parte da investigação inicial realizada com atribuições analisava a adequação da dimensões, ou dos elementos atribucionais, propostos por Weiner nos seus modelos bi e tridimensional das atribuições. A partir do momento em que a teoria teoria atribucional da motivação e da emoção passou a ser mais utilizada, a investigação começou a focar-se sobre antecedentes e consequentes da atribuição, assim como sobre os pressupostos estabelecidos pelo modelo para a relação entre atribuições e emoções, atribuições e auto-estima, ou atribuições e expectativas de sucesso futuro.

A investigação sobre estilo atribucional, tem-se focado nas diferenças encontradas nos atletas relativamente aos padrões atribucionais. Tenenbaum e Furst (1985, 1986) encontraram distinções entre praticantes de modalidades desportivas individuais e colectivas. Os atletas de desportos individuais assumiam maior responsabilidade (atribuições mais internas) pelos seus resultados negativos, do que os atletas de desportos colectivos. Detectaram, também, ligeiras diferenças entre as respostas de homens e mulheres, com estas a assumirem maior responsabilidade sobre os seus resultados negativos. Seligman e colaboradores (1990) afirmam que atletas que possuíam um estilo atribucional pessimista tendiam a render abaixo das expectativas dos seus treinadores e a apresentar decréscimo de rendimento numa situação de fracasso induzido. Estes autores encontraram, ainda, diferenças entre ambos os sexos, tendo as mulheres apresentado um estilo atribucional mais pessimista (mesmo sendo mulheres com alto *status* e alto rendimento). Também Prapavessis e Carron (1988) afirmam que os jogadores que apresentavam desânimo aprendido realizavam atribuições para o fracasso de natureza interna, estável e global.

Outra linha de investigação compara atletas com diferentes níveis competitivos ou de experiência. Hanrahan e colaboradores (1990) encontraram níveis mais altos de internalidade, estabilidade, intencionalidade e controlabilidade numa amostra de atletas profissionais, face a uma amostra de atletas universitários. Em Portugal, os estudos de Fonseca (1993, 1995) e de Neves (2001) revelam que atletas com mais experiência e maior nível de competição apresentam atribuições mais estáveis, controláveis e, no estudo de Fonseca, também mais internas (no estudo de Neves

mais globais), para resultados positivos. No entanto, este padrão não foi encontrado nos atletas de experiência ou nível de competição inferior.

No entanto, existem duas linhas de pensamento sobre as diferenças atribucionais entre homens e mulheres. Deaux (1984) defende que o factor mais importante para a realização de atribuições diferentes, por parte de homens e mulheres, é a sua relação com o tipo de tarefa a executar, bem como o modo como esta influencia as expectativas de cada um dos sexos. Várias investigações (Deaux & Emswiller, 1974; Deaux & Farris 1977; Fonseca & Coelho, 1998; Morgan, Griffin & Heyward, 1996) suportam esta posição. Outra linha é defendida por Biddle e colaboradores (2001) que defendem que também é necessário analisar outras características, que são específicas no contexto desportivo, como o facto de, na maioria das modalidades desportivas, homens e mulheres não competirem uns contra os outros, o que pode contribuir para a formulação de expectativas de sucesso relativamente semelhantes. Assim, será necessário maior análise à forma como homens e mulheres explicam os seus resultados desportivos, para que possa existir uma fundamentação mais consistente (Biddle, Hanrahan & Sellars, 2001).

2.1 Introdução

Neste capítulo será abordada a evolução e diferenciação dos conceitos de auto-estima e auto-conceito. O capítulo apresentará também o modelo de Shavelson, Hubner e Stanton, que suporta o instrumento utilizado neste trabalho. Serão também analisados instrumentos de medida da auto-estima para o contexto desportivo e a ligação entre atribuições e auto-estima. Assim, de início, irá ser analisado o longo percurso já existente na tentativa de delimitação dos conceitos auto-estima e auto-conceito. De seguida será analisada a evolução dos modelos explicativos do auto-conceito e da auto-estima, desde os modelos unidimensionais até ao modelo multidimensional hierárquico que suporta o instrumento aplicado neste estudo.

Este capítulo abarca, ainda, a análise da avaliação da auto-estima e auto-conceito físico realizada em contexto desportivo, com uma especial atenção aos instrumentos que se baseam no modelo multidimensional hierárquico, o *Physical Self-Perception Profile (PSPP)* e o *Physical Self-Description Questionnaire (PSDQ)*. Para além disso, são revistas as investigações mais relevantes com estes constructos, em contexto desportivo, dando-se maior ênfase às investigações realizadas sobre a relação entre atribuições e auto-estima, assim como às que analisam diferenças entre atletas e não atletas. Com este capítulo pretendemos, assim, descrever os factores que podem influenciar a auto-estima em contexto desportivo e analisar as relações existentes entre padrões atribucionais e auto-estima.

2.2 Os conceitos de auto-estima e de auto-conceito

Fox (1998) afirma que, no mundo ocidental, o *self* tem-se tornado o elemento central da existência individual. Tal seria a nossa necessidade de estabelecer e projectar uma identidade única e individual, que tenderia a dominar a maior parte da nossa vida activa. Assim, a importância atribuída ao auto-conceito e à auto-estima parece derivar do facto de ser uma variável importante para explicar muitas outras variáveis psicológicas.

Neste sentido, vários investigadores vêem a auto-estima e o auto-conceito como indicadores críticos do ajustamento à vida e ao bem estar emocional, interferindo em outras formas de manifestação de um indivíduo sejam elas académicas, sociais ou

desportivas (Marsh & Jackson, 1986; Marsh, Richards & Barnes, 1986; Shavelson *et al.*, 1976). O auto-conceito e a auto-estima influenciam o modo como os indivíduos estão motivados, persistem, adquirem e atingem os níveis de sucesso desejados nas mais diversas áreas de actividade (Fontaine, 1991; Weiss, 1987).

A investigação do *self* tem uma longa tradição tendo-se iniciado nos finais do século passado. Combs e Snygg (1959, cit. por Marsh & Jackson, 1986) chegam a afirmar que, para a maioria dos psicólogos, o *self* é o ponto central de todo o comportamento do ser humano. Para Willis e Campbell (1992), a maior parte da personalidade de um indivíduo pode ser inferida através da forma como ele se comporta consigo próprio, estando o comportamento dependente da forma como um indivíduo se percepciona a si próprio, da forma como se avalia e se comporta consigo mesmo. No caso particular da aptidão física, a percepção que possuímos da nossa aptidão física e da nossa saúde, parece ser um indicador importante para que as pessoas reavaliem as suas atitudes e comportamentos relativamente à prática de actividade física (Fox, 2000).

O auto-conceito e a auto-estima são alvo de investigação desde o final do século passado (1890), com os trabalhos de William James (Epstein, 1973; Fox, 1998; Vaz Serra, 1986). No seu livro *"The Principles of Psychology"* (1890, cit. por Epstein, 1973) este autor estabeleceu princípios que influenciam, ainda, algumas modernas teorias do auto-conceito. Segundo James, a abordagem deste tema poderia ser conduzido de duas formas distintas: a) em que o *self* era entendido como conhecedor, ou como uma função executiva; b) em que o self visto como um objecto, aquilo que é conhecido.

William James distingue um grande número de *selves* (Harter, 1988), dos quais se destacam: (1) *Self* material, que é uma extensão do próprio sujeito, que contém para além dele a sua família e as suas posses; (2) *Self* social, que inclui aquilo que os outros pensam do próprio sujeito; (3) *Self* espiritual, que inclui os desejos e as emoções individuais. Estes diferentes aspectos do *self* seriam capazes de evocar sensações de auto-estima elevados e de bem-estar e, por outro lado, sensações de baixa auto-estima e de insatisfação.

Uma outra perspectiva é oferecida por Rogers (1951, cit. por Epstein, 1973) que afirma que o auto-conceito de um indivíduo inclui somente as características sobre as quais o indivíduo pensa poder exercer controlo. Isto seria, aliás, uma das

necessidades básicas para manter e melhorar o auto-conceito. Toda e qualquer ameaça à organização do auto-conceito produziria ansiedade.

Tal como James, também Vaz Serra (1986) defende a existência de três tipos de auto-conceito distintos: a) auto-conceito real, a forma como uma pessoa se percebe e se avalia tal como é na realidade; b) auto-conceito ideal, aquilo a que a pessoa aspira, sente que deveria, ou gostaria, de ser; c) auto-conceito aspirado, representa aquilo que uma pessoa aspira, com uma percepção mais realista e ligada à situação das aspirações da própria pessoa.

Assim, são vários os termos utilizados para fazer referência ao *self* na investigação, ao longo dos tempos (Arndt, 1974). Termos como auto-conceito, auto-estima, auto-imagem, auto-valiação, auto-julgamento e auto-confiança têm surgido na literatura. Esta grande variedade de termos, e a forma como são utilizados, representam um dos maiores problemas para o estudo e compreensão do *self*. Actualmente parece que se assiste a uma tendência para a utilização de dois termos: auto-conceito e auto-estima (Fleming & Courtney, 1984; Fox, 1998). Apesar desta concordância, relativa aos termos mais utilizados, a tentativa de uma delimitação conceptual, quer do auto-conceito, quer da auto-estima, não tem sido fácil, nem consensual.

Apesar da longa tradição de investigação, só nos últimos 25 anos se começou a tomar uma consciência progressiva da importância que o auto-conceito reveste em diferentes domínios da actividade humana, assistindo-se a um ressurgimento da investigação ao nível do auto-conceito e da auto-estima a partir dos anos 80 (Marsh & Hattie, 1996; Perry & Marsh, 2000). Isto deveu-se, segundo Marsh (1997) ao facto da da auto-estima e do auto-conceito, tal como outros constructos psicológicos, apresentarem um grande problema, que se refere a "toda a gente parecer saber o que são", e assim não fornecem uma definição teórica inequívoca e consensual daquilo que se pretende medir. Tal como Marsh, também Berger e McInman (1993), salientam a dificuldade em chegar-se a um modelo teórico de referência que apresente uma definição teórica clara e precisa destes constructos, e os defina operacionalmente. Assim, muitos dos estudos realizados são afectados pelo facto de muitos investigadores não terem fornecido qualquer definição teórica do que estavam a medir. Segundo estes autores, isto constituiu um sério problema, visto que se os investigadores não conseguem definir esses constructos com segurança, não terão a certeza de que os estão a medir com precisão.

Para alguns autores (Faria & Fontaine, 1990; Marsh, Parker & Smith, 1983; Rosenberg, 1986; Shavelson *et al.*, 1976; Willis & Campbell, 1992) a implicação desta imprecisão é que o auto-conceito ainda não tenha sido totalmente entendido. No entanto, e devido à sua influência em outros construtos distintos, torna-se indispensável tentar definir e avaliar o auto-conceíto (Faria & Fontaine, 1990). Da mesma forma, a relação entre auto-estima e auto-conceito é muito próxima, levando a que sejam, muitas vezes, utilizados de uma forma indistinta e indiferenciada por vários autores. Esta situação levou a que, em anos recentes, vários investigadores se tivessem preocupado em definir e delimitar ambos os constructos. De seguida, são apresentadas interpretações distintas fornecidos por diferentes autores relevantes, relativamente ao auto-conceito e à auto-estima.

Vaz Serra (1986; 1988) considera que a auto-estima é uma faceta do auto-conceito, considerando o auto-conceito como um constructo mais abrangente, que está relacionado com a percepção que o indivíduo tem de si próprio, e com as bases adjacentes à avaliação que efectua do seu próprio comportamento. O autor refere que, entre os constituintes intrínsecos do auto-conceito, se realça a auto-estima, e que esta deriva dos processos de avaliação que o indivíduo faz das suas qualidades ou dos seus desempenhos. Nesta perspectiva, auto-estima consiste no processo avaliativo que o indivíduo faz das suas capacidades ou dos seus desempenhos, virtudes ou valor moral, podendo ser conceptualizada como a componente avaliativa do auto-conceito, e ser considerada a sua faceta mais importante.

Weiss (1987) descreve o auto-conceito como descrições, ou etiquetas, que um indivíduo confere a si mesmo, referentes a atributos físicos, qualidades emocionais ou características do comportamento. Para este autor, a auto-estima seria a componente avaliativa e afectiva do auto-conceito, referindo-se aos julgamentos qualitativos e às sensações que estão ligadas à descrição do eu.

Também Fox (1988) distingue claramente estes dois constructos. Para este autor, quando um indivíduo produz afirmações de identidade do tipo “sou estudante” ou “sou branco”, está a utilizar uma capacidade descritiva e, como tal, refere-se ao domínio do auto-conceito. Desta forma, o auto-conceito refere-se à auto-descrição de uma pessoa, à auto-descrição de competências, atributos, traços e de papéis desempenhados na vida. Por outro lado, quando um indivíduo produz afirmações como “sou o melhor corredor da minha turma”, fala de auto-estima, entendida como a avaliação do *self*. Assim, a auto-estima poderia ser considerada como um elemento

avaliativo do auto-conceito, em que os indivíduos formulam um julgamento do seu próprio valor.

Para Baumeister (1994), a auto-estima é a dimensão avaliativa do auto-conhecimento, referindo-se à forma como uma pessoa se auto-avalia. A auto-estima pode ser usada para se referir à auto-avaliação de um indivíduo como um todo (auto-estima global), ou em relação à avaliação do *self* em determinada dimensão, ou domínio. Por sua vez, Harter (1998) reserva o termo auto-conceito para julgamentos avaliativos de atributos em domínios como competência cognitiva, aceitação social ou aparência física, considerando a auto-estima como a componente avaliativa do auto-conceito, numa vasta parte do *self* que inclui aspectos cognitivos e comportamentais, assim como sociais e afectivos.

Para Arndt (1974), o auto-conceito é a percepção e concepção de uma pessoa a respeito dela própria. Para Shavelson e colaboradores (1976) é a percepção que um indivíduo tem de si mesmo. Estas percepções são formadas através das experiências com o envolvimento, com outros significativos e com as atribuições do seu próprio comportamento. Byrne (1984) afirma que é a percepção de nós próprios envolvendo as nossas atitudes, sensações e conhecimentos sobre as nossas habilidades, capacidades, aparência e aceitação social. Faria e Fontaine (1990) referem que, em termos gerais, o auto-conceito é a percepção que o sujeito tem de si próprio. Em termos específicos, o auto-conceito é o conjunto de atitudes, sentimentos e conhecimentos acerca das capacidades, competências, aparência e aceitabilidade social próprias

Coopersmith (1967) define a auto-estima como o julgamento pessoal das suas próprias capacidades, significação, sucesso e valorização que cada um transporta para os outros em palavras e acções. Para Fleming e Courtney (1984), Vaz Serra (1986) e Weiss (1987), a auto-estima é uma faceta do auto-conceito, é a sua componente avaliativa. É, possivelmente, a sua faceta mais importante (Vaz Serra, 1986). Segundo Wells e Marwell (1976), grande parte da investigação sobre o auto-conceito diz respeito, também, à investigação sobre auto-estima.

Em resumo, actualmente podemos destacar uma certa congruência, senão mesmo um consenso, relativamente à delimitação dos conceitos de auto-estima e de auto-conceito: o auto-conceito consiste nas percepções ou imagens que o indivívuo tem de si próprio, das suas qualidades e características. Por sua vez, a auto-estima é a avaliação, julgamento ou sentimento do indivíduo acerca de si próprio, ligando

sentimentos positivos e negativos às suas diferentes qualidades e características, dos quais resultam sentimentos de satisfação, ou insatisfação, consigo próprio. Contudo, segundo Perry e Marsh (2000), dada a aparente natureza inseparável da auto-estima e do auto-conceito, estes termos são ainda, infelizmente, usados de forma permutável na literatura.

No entanto, há que referir que uma perspectiva diferente é defendida por Shavelson e colaboradores (1976) que referem pouco suporte empírico para realizar uma distinção inequívoca entre auto-conceito e auto-estima, visto que o auto-conceito seria simultaneamente avaliativo e descritivo. A reforçar esta ideia, Weiss (1987) refere que, na maioria dos casos, os termos auto-conceito e auto-estima são usados de forma indistinta porque a avaliação e afecto parecem ser uma consequência natural da auto-descrição. Já Rogers (1947), na sua definição de auto-conceito, refere a atribuição de valores positivos e negativos que uma pessoa faz das suas características. Por outras palavras, existe uma avaliação das suas características. Com efeito, vários autores (Byrne, 1984; Fox, 1998; Haywood, 1993; Marsh & Jackson, 1986; Shavelson & Bolus, 1982; Shavelson et al., 1976; Weiss, 1987) defendem que o auto-conceito é formado através da experiências e interpretações do envolvimento do indivíduo, e através das interacções sociais. O grupo, ao qual um indivíduo pertence, pode influenciar o seu auto-conceito, bem como a aceitação ou punição dos comportamentos pelo grupo (Shavelson et al., 1976; Weiss, 1987). As auto-percepções são influenciadas especialmente pela avaliação de pessoas significativas, em especial nas crianças (Vaz Serra, 1986; Smith, 1986), através do reforço e das atribuições do seu próprio comportamento, e através da comparação com os colegas da mesma idade e do mesmo sexo (Haywood, 1993; Marsh, 1993; Weiss, 1987).

O auto-conceito também é um aspecto importante a considerar no contexto desportivo. As percepções ao nível corporal do indivíduo (percepção que um indivíduo possui das suas capacidades físicas e do seu corpo) são um elemento importante no sistema de auto-conceito, porque o corpo, através da sua aparência, atributos e capacidades, é o *interface* entre o indivíduo e o mundo que o rodeia (Fox, 2000). Haywood (1993) refere que o desenvolvimento motor e a participação em actividades físicas e desportivas estão dependentes da forma como um indivíduo adquiriu parte da sua socialização através do desporto. Este processo depende de três factores, sendo um deles, os atributos pessoais (percepção da habilidade possuida

para realizar actividades físicas). Estes atributos pessoais referidos por Haywood correspondem, assim, às percepções que o indivíduo possui relativamente às suas capacidades, isto é, ao seu auto-conceito. Além disso, Guilherme (2002) chama a atenção para o facto de ser através do corpo que o indivíduo explora, aprende, se apresenta e expressa as suas capacidades, o seu estado de saúde e a sua aparência. Assim, compreende-se que vários investigadores tenham dado um relevo particular ao auto-conceito físico como um elemento fundamental a ser considerado no contexto do desporto (Fox, 1990; Fox & Corbin, 1989; Haywood, 1993; Marsh, Richards, Johnson, Roche & Tremayne, 1994; Marsh & Redmayne, 1994).

2.3 A evolução dos modelos de auto-conceito e auto-estima

Segundo Fox (1997), podem-se distinguir várias fases na investigação contemporânea da auto-estima e do auto-conceito. No início, os investigadores lidaram com a auto-estima e com o auto-conceito como entidades unidimensionais. Os investigadores avaliavam a auto-estima como uma medida global sem atenderem às diferentes percepções do *self* que compõem este constructo (Mutrie & Biddle, 1995). Assim, a posição unidimensional sugere que existe só um factor geral ou global, que esse factor geral domina factores mais específicos e que os diversos factores não poderiam ser adequadamente diferenciados (Marsh, 1997). São defensores desta perspectiva investigadores como Piers e Harris (1977) ou Coopersmith (1967) que, segundo Marsh e Hattie (1996), foi o maior proponente desta visão.

Fox (1997) afirma que, apesar de terem existido várias tentativas, durante os anos 60 e 70, para produzir modelos conceptuais do *self*, estes foram raramente adoptados na pesquisa empírica. O resultado disto foi, segundo o autor, o aparecimento de instrumentos simplistas cujo resultados, obtidos em centenas de estudos, registam um valor muito limitado. Instrumentos usados regularmente como o *Coopersmith Self-Esteem Inventory* (Coopersmith, 1967) e o *Piers-Harris Children´s Self-Concept Scale* (Piers, 1984), pediam aos participantes que se avaliassem a si próprios numa grande variedade de situações gerais e específicas da vida com base em qualidades e características pessoais. As respostas aos itens nestas escalas (por vezes simples escalas dicotómicas, de tipo sim/não), eram depois somados para produzir um único

resultado de auto-estima. Assim, a abordagem unidimensional podia ser caracterizada como um somatório de auto-descrições positivas e negativas. Assumia-se que o indivíduo atribuia a mesma importância a todos os elementos específicos do auto-conceito, ou da auto-estima presentes no questionário (Fox, 1998), e que a cotação total podia ser interpretada como o nível individual de auto-estima (Baumeister, 1994).

Existe há algum tempo um consenso que a abordagem unidimensional sobre a avaliação da auto-estima é limitada. Marsh e Hattie (1996) dizem que a avaliação destes estudos revelou que as conclusões reflectiam problemas de mensuração e de análise estatística que não suportavam a unidimensionalidade do auto-conceito e da auto-estima. Fox (1997) defende que a operacionalização do auto-conceito e da auto-estima revelou-se pouco satisfatória, não permitindo investigar os mecanismos subjacentes às mudanças da auto-estima, o autor diz também que não existiu uma tentativa sistemática para medir auto-percepções nos vários domínios da vida. Ferreira (1997) refere que esta abordagem não contempla o facto de cada indivíduo ter sentimentos distintos sobre si próprio, em diferentes aspectos da sua vida, e que essa contribuição pode fazer variar a sua auto-estima global. Em suma, parece não existir suporte para a perspectiva unidimensional do auto-conceito e da auto-estima.

Além disso, poucos aspectos relativos à componente física do auto-conceito puderam ser analisados nesta abordagem, que impedia o reconhecimento do auto-conceito físico como um elemento distinto e mensurável. Alguns investigadores estavam interessados há algum tempo em aspectos isolados e específicos do auto-conceito físico. Sonstroem (1976) desenvolveu a *Physical Estimation Scale*, uma avaliação da habilidade e destreza física percebida no desporto, para acompanhar o seu modelo psicológico de participação em actividade física. No entanto, não existiram grandes avanços na avaliação do auto-conceito físico até ao início dos anos 80.

Marsh e Shavelson (1985) advogam mesmo que o auto-conceito não pode ser adequadamente entendido se a sua multidimensionalidade for ignorada. As conclusões de vários estudos (Fox, 1988; Fox & Corbin, 1989; Harter, 1988, 1996; Marsh *et al.*, 1994; Marsh & Redmayne, 1994; Willis & Campbell, 1992) fizeram com que o centro da investigação sobre o auto-conceito mudasse de ênfase na direcção da multidimensionalidade. Assim, na investigação passaram a ser utilizados modelos multidimensionais. Estes revelam-se mais adequados na descrição das auto-

avaliações, dando um maior relevo a aspectos particulares e específicos, ao contrário de uma atenção centrada essencialmente na generalidade deste conceito (Marsh, 1994).

Segundo Fox (1997), uma segunda fase na investigação da auto-estima inicia-se com a operacionalização dos modelos multidimensionais, surgindo o modelo multidimensional de factores independentes e não correlacionados, este é um modelo que requer que todos os factores sejam absolutamente não correlacionados. Se é possível afirmar que existem uma série de estudos que fornecem apoio a um modelo multidimensional de auto-conceito e de auto-estima, Marsh e Hattie (1996) reportam que, aparentemente, não existe suporte para este modelo de factores independentes. Para Marsh (1994a), apesar de existirem vários modelos de estrutura de auto-conceito, o mais importante é o multidimensional hierárquico. A operacionalização deste modelo deu origem a diversos instrumentos. Segundo Correia (1989), esta diversidade de instrumentos espelha as diferentes concepções dos diferentes autores que têm vindo a abordar esta temática, assim como a variedade de teorias sobre a natureza do auto-conceito e da auto-estima.

Assim pode-se afirmar que uma terceira fase tem início quando o enfâse é dado aos mecanismos da mudança envolvidos no sistema do *self*, como acontece no caso do modelo hierárquico multidimensional (Fox, 1997). Este modelo incorpora elementos de cada um dos outros modelos (Marsh & Hattie, 1996). Assim, preconiza um factor geral, tal como no modelo unidimensional, que neste modelo hierárquico dimensional é colocada como uma componente global no cume do modelo hierárquico. Neste sentido, o suporte para o modelo de factor global (unidimensional) pode ser interpretado como suporte também para o modelo hierárquico dada a sua consistência neste aspecto. Os modelos hierárquicos de auto-estima sugerem, ainda, que as auto-avaliações em domínios específicos estão, de algum modo, agregadas para formar a auto-estima global. Evidência a respeito deste processo de agregação, segundo (Berndt & Burgy, 1996), pode ser obtida pela correlação de sub-escalas específicas de auto-conceito com medidas de auto-estima global.

Esta nova perspectiva no estudo do auto-conceito levou Shavelson e colaboradores (1976) a investigarem a validade de constructo de cinco instrumentos existentes (*Brookover´s Self-Concept of Ability Scale; Coopersmith´s Self-Esteem Inventory, Gordon's How I See Myself Scale; Piers-Harris Children's Scale* e *Sears Self-Concept Scale)* que pretendiam medir o auto-conceito, de forma a verificar se

estes instrumentos respondiam de uma forma adequada a esta nova interpretação. Os resultados obtidos demonstram que nenhum destes instrumentos abrangia a interpretação de que os diferentes domínios do auto-conceito poderiam ser diferenciados do auto-conceito geral.

2.3.1 O modelo multidimensional hierárquico de Shavelson, Hubner e Stanton (1976)

A evolução para a multidimensionalidade, com a noção de que os indivíduos podem ter um variado leque de diferentes auto-percepções em aspectos separados das suas vidas (relações sociais, desempenho académico ou aparência corporal), tinha levantado questões sobre a estrutura organizacional das diferentes dimensões. Em 1976, Shavelson, Hubner e Stanton propõem um modelo que contemplava a multidimensionalidade do *self* regido por uma estrutura hierárquica. Este modelo serviu de base para a concepção de vários instrumentos de auto-conceito, está bem fundamentado na investigação em contextos desportivos, e vários autores consideram-no responsável, em parte, pelo ressurgimento da investigação em torno do auto-conceito (Fox, 1988; Marsh *et al*., 1994, 1996; Sonstroem, 1984).

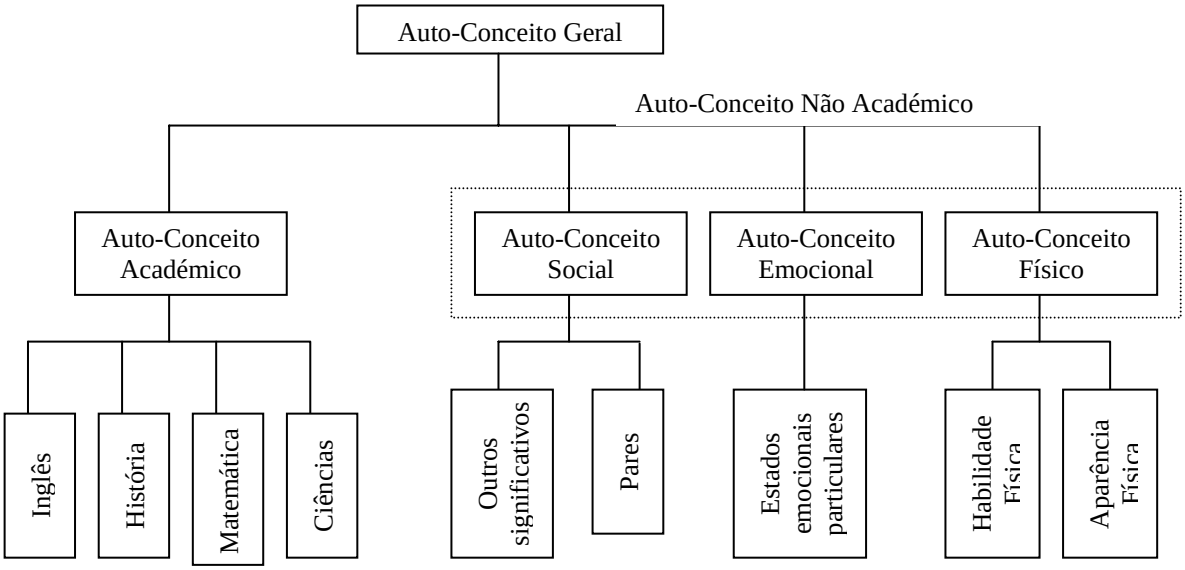


Figura 2. 1 – Modelo hierárquico multidimensional, adaptado de Shavelson e colaboradores (1976)

Este modelo apresenta o formato de raíz, obedecendo à ideia de um auto conceito global no seu topo e a dimensionalidade representando sub-níveis. Assim, os autores no topo da hierarquia colocaram o auto-conceito geral, depois descendo na hierarquia

encontramos duas categorias de leque alargado: o auto-conceito académico e não académico (figura 2.1). O auto-conceito académico é subdividido em assuntos de tipo escolar, como Matemática, Ciências, História e aspectos relacionados com a língua materna. O auto-conceito não-académico é subdividido em social, emocional e físico (que se subdivide depois em habilidade física e aparência física). Cada domínio é considerado como representando os efeitos combinados de percepções de um nível inferior da hierarquia, numa série de sub-domínios de maior especificidade. Isto é, à medida que descemos em termos hierárquicos, passamos a encontrar a avaliação do comportamento e atributos em situações cada vez mais específicas e diferenciadas (autónomas entre si).

Assim, de acordo com Shavelson e colaboradores (1976), o auto-conceito pode ser definido por sete características principais: (1) *Organizado e Estruturado,* as pessoas tendem a construir categorias mais simples da grande quantidade de informação que têm a seu próprio respeito e de as relacionar umas com as outras, de forma a atribuir-lhes um sentido. Estas informações derivam das inúmeras experiências que as pessoas têm no seu dia a dia nas mais diversas situações; (2) *Multifacetado,* as facetas que o constituem reflectem o sistema de categorias adoptado por um dado indivíduo e/ou partilhado por um determinado grupo. Para Marsh (1994) as relações entre o auto-conceito geral e os domínios específicos do auto-conceito, devem ser analisadas em função da importância que o indivíduo coloca em cada um dos domínios, estes podem ter uma importância diferente para cada indivíduo na construção do auto-conceito geral. A forma de avaliar este tipo de situações pode ser realizada de três formas distintas: média simples - a média é igual para os indivíduos e para os diferentes domínios; b) média ponderada constante - a média tem diferentes pesos consoante o domínio se refere. No entanto, o peso a atribuir a cada domínio deve ser igual de indivíduo para indivíduo; c) média ponderada individual - a média tem diferentes pesos consoante o domínio e se refere e o peso a atribuir a cada domínio está dependente do indivíduo; (3) *Hierárquico*; (4) *Estável,* o cume da hierarquia, o auto-conceito-global, é estável, mas ao descer-se na hierarquia dá-se um aumento de situações específicas, e consequentemente o auto-conceito torna-se menos estável (Marsh & Shavelson, 1985; Marsh et al., 1986; Shavelson & Bolus, 1982; Sonstroem et al., 1992). Convém lembrar, no entanto, que a maior parte dos estudos estão relacionados com as alterações do auto-conceito (Marsh et al., 1983; 1986); (5) o auto-conceito torna-se mais multifacetado à medida

que o indivíduo envelhece; (6) o auto-conceito apresenta simultaneamente um aspecto descritivo e avaliativo; (7) o auto-conceito pode ser diferenciado de outros constructos com os quais está teoricamente relacionado. Esta posição é reforçada por outros autores através de diversos estudos (Fox, 1998; Marsh, 1989; Marsh *et al*., 1994; Marsh & Peart, 1988).

Byrne e Shavelson (1996) classicam este modelo como um dos primeiros no âmbito do auto-conceito passível de ser testado empiricamente. No entanto, este modelo só passou a ser investigado consistentemente no início dos anos 80, quando Marsh, Barnes, Cairnes e Tidman (1984) desenvolveram os vários *Self-Description Questionnaire* (SDQ-I para pré-adolescentes, o SDQ-II para adolescentes e o SDQ-III para jovens adultos) (Fox, 1998). Estes instrumentos foram desenvolvidos de forma a dar corpo ao modelo de Shavelson e colaboradores (1976), isto é, considerando os aspectos particulares e específicos do auto-conceito, e relegando para um plano secundário a noção de um auto-conceito geral. Marsh e Hattie (1996) referem que os resultados obtidos com estes instrumentos fornecem algum, mas não inequívoco, suporte ao modelo.

Assim, apesar de vários estudos suportarem este modelo, os resultados obtidos também têm sugerido algumas modificações. Este modelo originalmente exigia que existisse uma correlação substancial entre as diferentes componentes. No entanto, o valor reduzido das correlações encontradas levam a crer que esta estrutura hierárquica não seja tão forte como inicialmente foi proposto (Marsh & Shavelson, 1985; Marsh et al., 1988). Na proposta apresentada por Marsh e Shavelson (1985), o auto-conceito académico é dividido em várias componentes que não contribuem directamente para o auto-conceito global já que as inter correlações são diminutas, mas cada uma das componentes é regulada pelo seu próprio auto-conceito (Marsh et al., 1988).

Tal como o auto-conceito académico, o auto-conceito fisico pode ser dividido em componentes. Esta hierárquia multifacetada do auto-conceito fisico é claramente consistente com o modelo de Marsh e Shavelson (1985). Alguns dos instrumentos de medição abordam outras componentes do auto-conceito fisico, tais como a saúde, competência fisica, etc. (Marsh, 1993). Fox e Corbin (1989) enfatizam também a auto-estima corporal como um constructo multidimensional e hierárquico, fazendo parte da auto-estima global.

As facetas particulares do auto-conceito podem ser modificado através de uma intervenção efectiva e estas alterações podem ser mantidas (Marsh et al., 1986; Marsh, Byrne & Shavelson, 1988). De facto, vários têm sido os estudos que mostram a possibilidade de modificar aspectos particulares no sentido de o tomar mais positivo. Marsh e colaboradores (1983), examinando as alterações do auto-conceito em pré-adolescentes, verificaram o seguinte: (1) As facetas do auto-conceito são relativamente estáveis; (2) as alterações que ocorrem no auto-conceito são seguras e sistemáticas; (3) as alterações são especificas para as dimensões particulares do auto-conceito e não generalizáveis para todas as dimensões. Ou seja, é possível que existam grandes alterações numa faceta particular, sem alterações no auto-conceito geral. Marsh e Jackson (1986) demonstraram que a participação de jovens adultas em actividades físicas tem um efeito positivo no auto-conceito das capacidades fisicas, mas pouco ou nenhum efeito nas áreas que não estão ligadas à parte fisica do mesmo. Outros estudos têm revelado que os atletas tem um auto-conceito físico maior do que não atletas, ou quando se comparam atletas inexperientes com mais experientes em áreas em que o auto-conceito está relacionado com as capacidades atléticas e com a imagem corporal (Kamal et al., 1995; Marsh, 1994). Aliás, interessa reter que existe uma influência das actividades fisicas, desportivas e da aptidão física na modificação do auto-conceito. Vários estudos (Fox, 2000, Jackson & Marsh, 1986; Marsh & Peart, 1988; Sonstroem *et al.*, 1993, Weiss, 1987; Willis & Campbell, 1992) tem demostrando que estas actividades possuem o potencial necessário para contribuir positivamente para o auto-conceito.

2.4. Avaliação da auto-estima e do auto-conceito físico em contexto desportivo

Nos últimos anos a avaliação do auto-conceito e da auto-estima têm sido objecto de estudo em diversos contextos e situações (Byrne, 1984; Fleming & Courtney, 1984; Fox, 1998; Fox & Corbin, 1989; Marsh et al., 1983). Em relação ao auto-conceito físico, o seu interesse começou pelo estudo da influência da imagem corporal na auto-estima. Segundo Marsh (1994), os primeiros estudos realizados tinham como base o somatótipo proposto por Kretschmer (1925) e Sheldon (1942).

Em 1974, num estudo realizado por Wylie, foram avaliados quinze instrumentos que se propunham medir o auto-conceito (este estudo englobava instrumentos como

o *Coopersmith Self-Esteem Inventory*, a *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale, a Rosenbergs Self-Esteem Scale, e a Tennesse Self-Concept Scale).* A maioria dos instrumentos do estudo de Wylie (1974) tinham como objectivo medir o auto-conceito global, ou a auto-estima, sendo atribuída maior importância ao auto-conceito geral, do que aos aspectos específicos, entre os quais o auto-conceito físico. A única excepção encontrada foi o *Body Cathexis Scale* de Secord e Jourard (1953), que se propunha avaliar aspectos específicos do auto-conceito.

Segundo Baumeister (1994) convém lembrar que a investigação sobre o auto-conceito, e sobre a auto-estima, sofreu de diversos problemas metodológicos. Este autor, assim como Berger e McInman (1993), associa tais problemas à ausência de bases teóricas claras, aos procedimentos estatísticos inapropriados, às técnicas amostrais vagas, ao uso de fraca instrumentação (com recurso frequente a instrumentos não validados) e à generalização inadequada de resultados. Baumeister (1994) refere mesmo que estas práticas criam problemas de interpretação e fazem com sejam encontradas inconsistências entre os vários estudos.

Durante os anos 80 verificaram-se vários avanços na avaliação da auto-estima (Fox, 1998). Com os avanços teóricos registados em termos de modelos, ficou claro que, para compreender completamente a auto-estima de um indivíduo, é necessário aceder às suas auto-percepções em domínios diferentes e específicos da vida, tais como o físico, o social, o emocional ou aspectos relacionados com o trabalho de cada indivíduo (Fox, 2000). Marsh (1997) salienta, por outro lado, que foi conseguido um considerável progresso ao nível do desenvolvimento de instrumentação ao longo dos anos mais recentes, o que permitiu que as auto-percepções pudessem ser avaliadas em situações específicas, além das globais. A evolução da instrumentação durante a década de 1980 está bem patente quando analisamos outro estudo de Wylie realizado em 1989. Neste estudo, a autora identificou vários instrumentos que avaliam o auto-conceito de uma forma multidimensional e que incluíam sub-escalas que mediam um, ou mais, domínios do auto-conceito físico. São exemplos disso os três *Self-Description Questíonnaire*, que contém as sub-escalas de competência física e aparência fisica, e o *Self-Perception Profile for Children* (Harter, 1985) que contém as sub-escalas de competência atlética e aparência física.

Também Marsh (1994a) identificou vários instrumentos de auto-conceito multidimensional com sub-escalas que pretendem medir um, ou mais domínios, do auto-conceito físico. Destes instrumentos pode-se destacar o *Self-Rating Scale*

(Fleming & Courtney, 1984) que inclui as sub-escalas habilidades motoras e a aparência física, o *Multidimensional Self-Concept Scale* (Bracken, 1992) que inclui as sub-escalas competência física, aparência física, aptidão fisica e saúde, e o *Song e Hattie Test* (Hattie, 1992) que inclui a sub-escala aparência física.

2.4.1 Instrumentos de medida da auto-estima e auto-conceito físico

Baumeister (1994) refere que actualmente existem várias medidas de auto-estima válidas e fiáveis. Existem também vários instrumentos que avaliam apenas o auto-conceito físico, tal como existem instrumentos que avaliam outros aspectos particulares sejam eles académicos, sociais, etc. (Almeida, Maia & Fontoura, 1995). Segundo Fox (1998), dos instrumentos que existem para avaliar a auto-estima e o auto-conceito físico, apenas dois foram desenvolvidos com sólidos quadros teóricos de referência. Estes instrumentos são o *Physical Self-Perception Profile* - PSPP (Fox & Corbin, 1989), e o *Physical Self-Description Questionnaire* – PSDQ (Marsh & Redmayne, 1984), que se apoiam fortemente no modelo de auto-conceito de Shavelson e colaboradores (1976). Ambos os instrumentos têm um *design* multidimensional, e as suas sub-escalas permitem avaliar a percepção em dois níveis de especificidade.

Physical Self Perception Profile (PSPP)

O PSPP foi desenvolvido por Fox e Corbin (1989), que se fundamentaram nos trabalhos de Shavelson, Hubner e Stanton (1976) e também de Susan Harter (1982, 1985). Este instrumento surge com o intuito de representar adequadamente as auto-percepções físicas de uma população adulta jovem.

O PSPP é composto por 30 itens distribuidos por cinco escalas. Quatro escalas foram construídas para aceder a percepções em sub-domínios do *self* físico, nomeadamente Competência Desportiva, Atractividade Corporal, Força Física e Condição Física. A quinta escala representa uma medida global da auto-estima corporal. Esta escala foi construída a partir de itens Escala de Auto-Estima de Rosenberg (Rosenberg, 1965). Cada escala é formada por 6 itens formulados de forma positiva ou negativa. Os itens são apresentados em formato de alternativa estruturada, de forma a serem compatíveis com os perfis de Harter, e a minimizarem a possibilidade de respostas sociávelmente desejáveis.

O PSPP foi desenvolvido através de uma sequência de estudos, na qual a validação foi levada a cabo, recorrendo a 4 amostras independentes de universitários de Illinois (3) e Missouri (1), no total de 1191 estudantes de ambos os sexos (amostra A, B e C com uma média de idades de 19,7 anos; amostra D com uma média de idades de 23,2 anos). Em termos de qualidades psicométricas, a consistência interna encontrada em vários estudos é bastante adequada, tendo sido encontrados coeficientes alfas altos (entre .80 e .95), de acordo com os estudos iniciais (Fox, 1990), uma amostra de adultos de meia-idade (Sonstroem *et al*., 1992), uma amostra de universitários britânicos (Page, Ashford, Fox & Biddle, 1993) e 578 adultos com excesso de peso (Fox & Dirkin, 1992). A consistência teste-reteste situou-se entre .74 e .89 (Fox, 1990). Tanto a análise factorial exploratória como confirmatória (Fox, 1990; Sonstroem *et al.*, 1994) apoiaram a estrutura factorial proposta.

Fox e Corbin (1989) analisaram também a validade preditiva do instrumento, utilizando análises discriminantes e de correlação entre os domínios do PSPP, e o grau e a escolha do envolvimento em actividades físicas. Um outro estudo realizado por Soenstroem e colaboradores (1994) com 216 atletas de dança aeróbica (com uma idade média de 38 anos), também encontrou ligações entre as subescalas do PSPP e os comportamentos em termos de actividade física. Estes resultados contribuiram para apoiar a validade convergente do instrumento. Refira-se, por último, que mais recentemente foram desenvolvidas versões do PSPP para crianças (C-PSPP; Whitehead, 1995) e para adultos mais velhos (PSPP-A; Chase, 1991; Chase & Corbin, 1995).

Physical Self-Description Questionnaire (PSDQ)

O PSDQ foi desenvolvido por Marsh e Redmayne (1994), com o objectivo de providenciar uma avaliação mais completa das auto-percepções, no domínio físico, do que a providenciada pelas escalas de auto-conceito físico dos SDQ´s. Este instrumento baseia-se no modelo multidimensional hierárquico de Shavelson e colaboradores (1976).

O PSDQ é um instrumento composto por 70 itens, distribuídos por 11 escalas, 9 que medem domínios específicos do auto-conceito físico (aparência, saúde, resistência, força, flexibilidade, actividade física, gordura corporal, competência desportiva e coordenação) e 2 globais (auto-estima global e auto-conceito físico).

Assim, o PSDQ, ao incluir a escala de auto-estima global, providencia um terceiro nível de avaliação.

As instruções e formato das respostas são baseadas no SDQ II (Marsh, 1996; Marsh *et al*., 1994). Cada item é constituído por uma declaração e os sujeitos respondem numa escala de 6 pontos, formato *likert* de resposta (1-Falso; 2-Frequentemente Falso; 3-Mais Falso que Verdadeiro; 4-Mais Verdadeiro que Falso; 5-Frequentemente Verdadeiro; 6-Verdadeiro). Estes itens tem declarações formuladas de forma positiva ou negativa. No instrumento, os itens de cada escala estão misturados nos 70 itens (por exemplo, os itens da escala de auto-estima são os números 11, 22, 33, 44, 55, 66, 68, 70).

Relativamente às qualidades psicométricas do questionário, Marsh (2000) relata que o PSDQ apresenta uma boa consistência interna (alfa médio = .92 ao longo de todas as escalas). Também Fox (1998) reporta que, numa série de estudos de validação, a aplicação a duas amostras de adolescentes (n=316 e n=395) apresentou níveis altos de fiabilidade (coeficientes alfa entre .82 e .96). A estabilidade teste-reteste é boa, tanto para períodos curtos (média r= .83 a 3 meses) como longos (média r= .69 a 14 meses) (Marsh, 2000). A estrutura de factores está bem definida e é replicável, o que foi demonstrado pela análise factorial confirmatória, realizada por Marsh e Redmayne (1994) com uma amostra de 107 alunas do ensino secundário.

Marsh (1996) também investigou a validade de constructo das respostas do PSDQ relativamente a 23 critérios externos de validade que reflectiam composição corporal, actividade física e outras componentes da aptidão física. Num estudo envolvendo 192 adolescentes, foram realizadas previsões *à priori* de qual escala do PSDQ estaria mais altamente correlacionada com cada critério externo. Foi encontrado suporte para a validade convergente das respostas ao PSDQ, todas as correlações previstas apresentaram significância estatística e a maioria de forma bastante substancial. Foi encontrado também suporte razoável para a validade discriminante das respostas ao PSDQ, já que a maioria das correlações previstas foram mais fortes, do que outras correlações envolvendo o mesmo critério de validade externa. Este conjunto de resultados providenciam um bom suporte para a validade de constructo das respostas ao PSDQ em relação a critérios de validade externo. Acrecente-se que o PSDQ encontra-se traduzido para língua portuguesa por Almeida (1995), sendo designado por Questionário de Auto-Conceito Físico.

2.5 Investigação sobre a auto-estima no contexto desportivo

Fox (2000) afirma que os indivíduos envolvidos no desporto geralmente apresentam níveis mais elevados de auto-conceito físico e imagem corporal, existindo ainda a tendência de apresentarem também uma auto-estima mais elevado do que outras pessoas da mesma idade. Vários estudos, apresentados de seguida, confirmam esta tendência.

Marsh, Perry, Horsely e Roche (1995) compararam 83 atletas de topo, de ambos os sexos, com idades entre os 15 e os 28 anos, com 2346 sujeitos de ambos os sexos, com idades entre os 13 e 48 anos, chegando à conclusão que os atletas apresentavam auto-percepções físicas substancialmente superiores às dos não-atletas, existindo também diferenças ao nível da auto-estima global. Kamal, Blais e Kelly (1995), num estudo que comparava atletas e não atletas, referem que os atletas apresentavam valores superiores ao nível das atitudes positivas, considerando-se mais optimistas, atractivos, sociáveis e bem sucedidos. Os resultados mostravam, ainda, que os atletas apresentavam níveis de auto-estima mais elevados.

Num estudo nacional, Almeida, Maia e Fontoura (1995) utilizaram o PSDQ, com 102 adolescentes do sexo masculino, com idades entre os 13 e os 15 anos, sendo que metade eram atletas e a outra metade não o era. Os autores constataram que os atletas se diferenciavam dos não atletas, em 6 das subescalas relativas ao auto-conceito físico, e ainda em termos de nível de auto-estima. Também Faria e Silva (2000), num estudo com 219 mulheres adultas que praticavam ginástica de academia, encontraram diferenças em função do tempo de prática de exercício físico (ausente, médio e intenso). O grupo com prática mais intensiva apresentava uma auto-estima global superior às praticantes com prática média ou não praticantes.

Estas investigações apontam para o facto dos atletas apresentarem auto-conceito físico e auto-estima mais elevados do que os não atletas, sendo que esta diferença é potenciada à medida que se eleva o grau competitivo e o tempo reservado à prática do desporto.

2.5.1 Relação entre atribuições e auto-estima

Segundo Fox (2000), nós gostamos de nos sentirmos bem sobre nós próprios, evitamos defendemo-nos ou racionalizamos experiências que nos façam sentir inadequados ou mal sobre nós próprios. Tão forte é esta necessidade que, por vezes,

dedicamos quantidades imensas de tempo à procura de indicadores materiais, sociais, intelectuais ou profissionais do nosso valor. Podemos até ignorar ou distorcer informação acerca de nós mesmos de modo a nos vermos da forma mais positiva possível. Por outro lado, uma atribuição causal, feita directamente a um indivíduo, pode levar a que os êxitos sejam atribuídos ao próprio, e os fracassos a factores exteriores ao indivíduo. O inverso pode igualmente ocorrer, isto é, os fracassos serem atribuídos à pessoa, e os êxitos a circunstâncias alheias ao indivíduo. Podemos afirmar que um atleta, após uma performance pouco conseguida, não se esforçou, ou podemos afirmar que ele não estava à altura desta competição. Na base de todas estas situações está uma mesma necessidade atributiva. Só que, no primeiro caso, aplica-se ao acontecimento. No segundo caso, atinge-se directamente a auto-estima do indivíduo.

Perante estas situações, indíviduos com diferentes níveis de auto-estima irão reagir de formas diferentes. Vários autores (Fox, 1990; Fox & Corbin,1989; Haywood, 1993; Marsh et al., 1983; 1994a; Vaz Serra, 1986) referem que um indivíduo que evidencia um elevado nível de auto-estima, tende a encarar as situações que se lhe deparam no dia a dia de uma forma mais positiva do que os indivíduos que possuem um baixo nível de auto-estima. Os primeiros efectuam, tendencialmente, atribuições causais mais internas, estáveis e controláveis por eles para resultados positivos, em oposição ao verificado com indivíduos com baixos níveis de auto-estima (Ames, 1978; Dweck & Elliot, 1984; Frieze, 1981; Harter, 1983). Estas atribuições serão consistentes com a opinião que cada indivíduo tem de si próprio. Assim, dois sujeitos com os mesmos níveis de aptidão para uma determinada tarefa, mas tendo expressões distintas da sua auto-estima, poderão diferir na forma como percepcionam os seus resultados.

A pesquisa realizada sobre atribuições em contexto desportivo suporta também a existência deste enviezamento (traduzido para português como egoísmo atribuicional, Fonseca, 1993). Desta forma, de acordo com a noção de egoísmo atribuicional, os indivíduos tenderão a efectuar atribuições aos seus resultados de modo a manter, ou a aumentar a sua auto-estima.

Segundo alguns autores (Diener & Dweck, 1978; Dweck & Elliot, 1984), apesar da experienciação do sucesso ser fundamental para a constituição de uma auto-estima positiva, apenas esta vivência pode não ser suficiente para o incremento dos níveis de auto-estima de cada um. O factor determinante será a percepção que os indivíduos

têm da sua responsabilidade nesses mesmos sucessos. Por exemplo, Arkin e Baumgardner (1985) referem que é pela negação de responsabilidade pessoal que, nos insucessos, a qualidade negativa dos maus resultados é substancialmente reduzida minimizando as implicações sobre a aptidão do indivíduo. Assim, atribuindo um resultado de fracasso a uma causa externa e estranha, uma pessoa pode separar o elo causal entre o desempenho e a avaliação. Por sua vez, ao assumir responsabilidade pessoal pelos resultados com êxito, pode aumentar a qualidade positiva dos sucessos. Desta forma, ao ser afirmada a ligação entre o desempenho e a avaliação, está a ser maximizado o nível de aptidão dos indivíduos. Uma atribuição causal feita em relação ao indivíduo, tem uma finalidade protectora, não só da auto-imagem, mas fundamentalmente da auto-estima. Se ocorrer o contrário obtêm-se, naturalmente, efeitos opostos.

Um outro autor (Markus, 1977), salienta que o auto-conceito tem a propriedade de organizar o processamento de toda a informação relevante para o indivíduo, o que leva a que o indivíduo se torne progressivamente resistente à informação que é inconsistente. Podemos, então, supôr que as atribuições, em relação a resultados com êxito ou fracasso, variem em função do auto-conceito do indivíduo. A própria noção de egoísmo atribuicional tem evoluído de acordo com resultados de investigação. Hewstone (1989) define egoísmo atribuicional como a propensão para os sujeitos atribuirem os seus sucessos a disposições internas, enquanto que atribuem as causas dos seus fracassos a factores situacionais. Também Vallerand (1994) o define como relativo apenas a uma dimensão causal, o lócus de causalidade, para este autor este enviezamento seria a tendência a atribuir os nossos sucessos a causas internas e os insucessos a causas externas.

Um exemplo desta noção de egoísmo atribuicional pode ser encontrado num estudo nacional, com 476 sujeitos, em que Vaz Serra, Firmino e Matos (1986) encontraram uma correlação positiva entre auto-conceito e internalidade, e uma correlação negativa entre auto-conceito e externalidade. Estes resultados são consistentes com a noção de egoísmo atribuicional mencionada anteriormente, no entanto, a investigação em contexto desportivo aponta que o egoísmo atribuicional não se restringe apenas a uma dimensão causal. Ele traduz uma tendência generalizada das pessoas para se responsabilizarem apenas pelos bons resultados que obtêm, dissociando-se dos seus maus resultados.

Os resultados encontrados por Mark, Mutrie, Brooks e Harris (1984), num estudo com praticantes de squash e raquetebol, evidenciam o facto dos vencedores e vencidos se distinguirem nas dimensões de estabilidade e controlabilidade, mas não na de locus de causalidade. Estes dados levaram estes autores a proporem a reformulação da noção de egoísmo atribuicional, para uma noção mais generalizada, envolvendo aquelas duas dimensões. Segundo estes autores, os atletas vencidos podem proteger a sua auto-estima percebendo as causas que deram origem aos seus insucessos, como relativamente instáveis ao longo do tempo e incontroláveis, o que lhes permitirá, ainda, a estruturação de elevados níveis de expectativa de êxito em relação a futuras competições em que estejam envolvidos.

Outras investigações parecem confirmar esta hipótese. Weiss, McAuley, Ebbeck e Wiese (1990), ao analisarem a relação existente entre a auto-estima e as atribuições causais efectuadas por crianças (com idades entre 8 e 13 anos), em contextos desportivos e sociais, relatam que os resultados obtidos evidenciavam a existência de uma relação significativa entre os níveis de auto-estima das crianças e as suas atribuições causais, em ambos os contextos. As crianças com índices elevados de auto-estima diferenciavam-se das suas colegas, com níveis mais reduzidos de auto-estima, ao percepcionarem as atribuições que efectuavam para o sucesso como mais internas, estáveis e controláveis por elas. Estas diferenças eram mais notórias no contexto desportivo. Além disso, as crianças com elevada auto-estima classificavam-se como mais bem sucedidas nas actividades desportivas, e estruturavam expectativas mais elevadas em relação a futuras actividades.

Hanrahan, Grove e Hattie (1989), em estudos realizados com adultos, praticantes de vários desportos, relatam que os atletas com níveis mais baixos de auto-estima consideram que os seus sucessos derivavam de causas externas e instáveis, ao invés dos seus insucessos, que eram percepcionados como sendo o resultado da acção de causas internas, estáveis e globais. Grove, Hanrahan e McInman (1991), num estudo envolvendo diversos agentes desportivos (treinadores, jogadores e espectadores) de basquetebol, salientam também a maior utilização de atribuições estáveis e controláveis por parte dos inquiridos para explicarem os resultados positivos. Por último, Ommundsen e Vaglum (1991), num estudo que realizaram com jovens futebolistas (12-16 anos), no qual procuravam averiguar a influência do estilo atribuicional no insucesso, sobre a auto-estima e a persistência na prática desportiva, confirmaram a noção que os indivíduos que indicavam atribuições mais internas e

estáveis para os seus insucessos tendiam a evidenciar níveis mais baixos de auto-estima.

Em suma, a investigação desenvolvida no contexto desportivo sobre o egoísmo atribucional parece apoiar a existência generalizada deste enviezamento, independentemente das dimensões onde este ocorre. Uma das razões apontadas, como estando na base da ocorrência, é a tentativa dos indivíduos encontrarem estratégias que resultem na protecção dos seus níveis de auto-estima. Biddle (1993; Biddle *et al*., 2001) refere que este enviezamento está associado à resposabilidade pelo sucesso e à não culpabilidade pelas situações de fracasso. A atribuição de causas externas aos insucesso verifica-se fundamentalmente porque, se as pessoas atribuíssem os seus insucessos exclusivamente a elas próprias, iriam experienciar emoções negativas e, em consequência, veriam diminuídos os seus níveis de auto-estima; ao invés, a atribuição dos sucessos a causas internas resulta na experienciação de emoções positivas possibilitando, assim, o aumento dos níveis de auto-estima. O autor refere, ainda, que este enviezamento tem mais hipóteses de ocorrer em situações tidas como importantes. Desta forma, como refere Fonseca (1996), a auto-estima parece ser uma variável a considerar na análise das atribuições efectuadas pelos atletas, tanto em situações de sucesso como de insucesso. A sua importância, aliás, parece não só relacionar-se com a influência que exerce no tipo de atribuições que elicita, mas também como o modo como é influenciada por eles.

2.6 Síntese

A definição e a delimitação dos conceitos de auto-estima e de auto-conceito físico fazem parte de um processo longo e em que intervieram bastantes autores. Actualmente parece existir um consenso sobre ambos os conceitos, relativamente à sua definição, mesmo que não possamos falar em total sintonia entre os autores.

Esta situação de confronto inicialmente influenciou também a elaboração de modelos, que evoluiam desde modelos unidimensionais, que não permitiam análise nos vários domínios da vida de um indivíduo, passando pelos modelos multidimensionais de factores independentes e não correlacionados, até ao modelo multidimensional hierárquico que foi utilizado como base na construção do

instrumento utilizado neste estudo. Este modelo permite a análise do auto-conceito e auto-estima em vários domínios como, por exemplo, o físico.

A avaliação no contexto desportivo é realizada, essencialmente, com instrumentos baseados neste modelo, o qual permite a análise de vários níveis dos constructos simultaneamente. O PSDQ (Marsh, 1993; Marsh *et al*, 1994), utilizado neste estudo, é um desses instrumentos. O PSDQ permite a análise de nove facetas do auto-conceito físico, do auto-conceito físico global e da auto-estima.

A investigação realizada nesta área revela que os atletas apresentam várias facetas do auto-conceito físico e auto-estima mais elevados do que os não atletas. Esta diferença é potenciada à medida que se eleva o grau competitivo e o tempo reservado à prática desportiva. Outra conclusão que se pode retirar da investigação é a de que indíviduos com diferentes níveis de auto-estima irão reagir de formas diferentes aos seus sucessos e insucessos. As atribuições realizadas relativamente a estes resultados irão ser também diferentes consoante os diferentes níveis de auto-estima. Os atletas com um nível mais alto de auto-estima, perante resultados positivos, tenderão a realizar atribuições mais internas (segundo alguns autores), ou mais internas, controláveis e estáveis (segundo outros autores), comparativamente aos atletas com baixos níveis de auto-estima, fenómeno que traduz um certo enviezamento nas percepções pessoais denominado egoísmo atribucional.

3.1 Introdução

Este estudo procurou analisar alguns aspectos, em termos de atribuições em contexto desportivo, que se encontram menos investigados. Biddle (1994) aponta várias sugestões relativamente a áreas de investigação relevantes para o desenvolvimento da investigação, em termos de atribuições, entre elas refere: a natureza e a importância do estilo atribucional, comparações entre atletas de várias culturas, o papel das atribuições em atletas de modalidades individuais e atletas de modalidades colectivas.

Assim, começaremos por enunciar os objectivos do nosso estudo, bem como as hipóteses formuladas, passando de seguida sucessivamente a descrever a amostra e os instrumentos utilizados neste estudo. Finalmente iremos descrever os procedimentos utilizados na recolha dos dados obtidos com a aplicação dos instrumentos à amostra que participou no estudo.

3.2 Objectivos

Este estudo visa analisar a influência da nacionalidade sobre os padrões atribucionais dos atletas de élite. O estudo visa também clarificar a influência que outros factores identificados na literatura apresentam sobre estes padrões. Além disso, o estudo analisa o papel da nacionalidade em conjunto com estes outros factores que, na literatura, têm sido estudados como tendo influência sobre os padrões atribuicionais. Referimo-nos ao género do atleta e ao tipo de modalidade praticada.

Outro objectivo do estudo é analisar nesta população específica, atletas de élite, a existência do enviezamento denominado egoísmo atribuicional, ou seja, a tendência das pessoas assumirem mais os seus resultados positivos e dissociarem-se dos seus resultados negativos. Algumas investigações anteriores relacionavam este enviezamento com a dimensão da internalidade, outras com as dimensões da estabilidade e controlabilidade. No entanto, estas investigações foram essencialmente realizadas com crianças, adolescentes ou praticantes desportivos amadores, o que faz com que seja importante analisar a ocorrência deste enviezamento nesta amostra específica.

Finalmente, o estudo visa também aprofundar as relações entre a auto-estima e os padrões de estilo atribucional, bem como entre a auto-estima e o egoísmo atribucional. Será também analisada a existência de diferenças de auto-estima em função dos factores em estudo, e o modo como tais factores podem influenciar as relações entre a auto-estima e o egoísmo atribucional.

Face aos objectivos enunciados, formulamos as seguintes hipóteses para o nosso estudo empírico:

H1 – Os atletas apresentam diferenças em termos de estilo atribuicional, em função da nacionalidade, do género e do tipo de modalidade praticada.

H2- Os atletas diferenciam-se mais, nas várias dimensões do estilo atribuicional, pela sua nacionalidade do que pelo seu género, ou pelo tipo de modalidade praticada.

H3 - Existem diferenças em termos de níveis de auto-estima nos atletas de élite, em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada.

H4 – Existem relações entre a auto-estima e as dimensões do estilo atribucional, tanto para eventos positivo, como para eventos negativos.

H5 - Os atletas de élite, realizam atribuições mais internas para eventos positivos, do que para eventos negativos.

H6 - Os atletas de élite, realizam atribuições mais estáveis e controláveis para eventos positivos, do que para eventos negativos.

H7 – Existem diferenças, em termos do enviezamento denominado egoísmo atribucional em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada.

3.3 Amostra

Este estudo visava atletas considerados de élite nas respectivas modalidades em que estes competiam. A delimitação do que é um atleta de topo baseia-se nas

definições apresentadas por Auweele, DeMele, Cuyper e Rzewnicki (1993), Baillie e Ogilvie (1996), e Marsh (1995). Assim, para efeitos deste estudo, a definição de atleta de topo corresponde ao atleta que, preencha um dos seguintes parâmetros:

1) Modalidades Colectivas:
   a) Tenha pertencido a uma equipa que conquistou o título nacional, na sua modalidade, numa dos últimos 5 anos;
   b) Tenha pertencido a uma equipa que tenha terminado o campeonato nacional na respectiva modalidade nos primeiros três lugares nos últimos 3 anos;
   c) Apresente, pelo menos, 3/5 internacionalizações nos últimos 3/5 anos;
   d) Tenha integrado uma equipa que esteve presente numa das últimas 2/3 edições de um campeonato Europeu ou Mundial da respectiva modalidade; e,
   e) Tenha integrado uma equipa que esteve presente numa das últimas 2 edições dos Jogos Olímpicos na respectiva modalidade.

2) Modalidades Individuais:
   a) Tenha conquistado um título nacional, na sua modalidade, num dos últimos 5 anos;
   b) Tenha-se classificado nos primeiros três lugares do campeonato nacional na respectiva modalidade nos últimos 3 anos;
   c) Apresente, pelo menos, 3/5 internacionalizações nos últimos 3/5 anos;
   d) Tenha estado presente numa das últimas 2/3 edições de um campeonato Europeu ou Mundial da respectiva modalidade; e,
   e) Tenha estado presente numa das últimas 2 edições dos Jogos Olímpicos na respectiva modalidade.

A amostra do estudo é composta por 149 atletas, de duas nacionalidades: portuguesa (n=80) e eslovena (n=69). A amostra apresenta uma distribuição quase equitativa por ambos os sexos, 75 atletas masculinos e 74 atletas femininos. Relativamente ao tipo de modalidade, existe uma ligeira predominância de atletas pertencentes a modalidades colectivas (n=76) relativamente a atletas de modalidades individuais (n=73). Nos quadros 3.1 e 3.2 descrevemos a amostra de acordo com a idade e com os anos de prática, respectivamente.

Quadro 3.1- Atletas, distribuídos por idade

Idade	Frequência	Percentagens
16	5	3,4
17	14	9,4
18	10	6,7
19	6	4,0
20	21	14,1
21	16	10,7
22	9	6,0
23	15	10,1
24	10	6,7
25	11	7,4
26	8	5,4
27	8	5,4
28	4	2,7
29	3	2,0
30	4	2,7
31	2	1,3
35	3	2,0
Total	149	100,0

Relativamente à idade, devido às características da amostra (atletas de élite), encontramos uma grande concentração (55%) de sujeitos entre os 20 e os 25 anos, altura em que encontramos muitos atletas, de diversas modalidades, no ponto mais alto das suas carreiras.

A amostra é composta por atletas com bastantes anos de prática, 92,6% tem mais de 5 anos de prática, como pode ser observado no quadro 3.2. Em termos de idade isto reflecte-se no facto de 76,5% dos atletas apresentarem uma idade superior a 20 anos. Devido às circunstâncias da carreira atlética, que termina geralmente bastante cedo, apenas encontramos 6% dos atletas com mais de 30 anos.

Quadro 3.2- Atletas, distribuídos por anos de prática

Anos de prática	Frequência	Percentagem
Menos de 5	11	7,4
5 a 10	44	29,7
11 a 15	60	40,2
Mais de 15	34	22,7
Total	149	100,0

Relativamente aos resultados alcançados, apenas 21 (14,1%) atletas referem nunca ter conquistado um título nacional e 37 (24,8%) referem que apenas conquistaram apenas 1 título nacional, o que significa que mais de 60% da amostra já conquistam 2 ou mais títulos nacionais. Cerca de 20% dos atletas já conquistaram mesmo 1 título europeu ou mundial. Em termos de internacionalizações, 93 (62,4%) dos atletas que compõem a amostra apresentam mais do que 5 internacionalizações.[1]

3.4 Instrumentos

Foi utilizado, com todos os atletas, um questionário que era composto por 3 partes: um questionário biográfico que visava recolher informação sobre dados biográficos (ex: sexo, idade) e sobre o seu nível competitivo (ex: número de títulos obtidos, número de internacionalizações); para o estudo do estilo atribuicional e da auto-estima/auto-conceito corporal foram utilizadas versões traduzidas e validadas da *Sport Attributional Styles Scale* (SASS) e do *Physical Self-Description Questionnaire* (PSDQ). Com os atletas portugueses foi utilizada assim a SASSp

[1] Os atletas portugueses que participaram neste estudo, a nível de modalidades individuais repartiram-se por: atletismo (Sporting Clube de Portugal); natação (Sociedade Filarmónica União Artística Piedense); ginástica (Selecção Nacional de ginástica aeróbica desportiva; Sport Algés e Dafundo); judo (Sport Algés e Dafundo; Clube Desportivo Universitário de Lisboa); ténis de mesa (Sporting Clube de Portugal). Os atletas eslovenos pertenciam a: atletismo, karaté, *snowboard*, ténis, ténis de mesa (Universidade de Ljubljana, natação (Selecção Nacional de natação eslovena. A nível das modalidades colectivas, encontramos relativamente aos portugueses: hóquei em patins (Sport Lisboa e Benfica; Hóquei Clube de Sintra); andebol (Sporting Clube de Portugal); basquetebol (Sousa Santarém, Desportivo da Póvoa e Olivais Coimbra); futebol de salão (Sporting Clube de Portugal). Entre os atletas eslovenos encontramos atletas das seguintes modalidades: andebol (Krim Eto Neutro Roberts; Gorenje Velenje; Izola Bari); hóquei no gelo e voleibol (Universidade de Ljubljana).

(Fonseca, 1993; Neves, 2001), e o Questionário de Auto-Conceito Físico (Almeida, 1995). Com os atletas eslovenos foi utilizado o SASSs (Kuc, Coelho & Kajtna, 2001) e o PSDQs (Kuc, Coelho & Kajtna, 2001).

SASS - A *Sport Attributional Style Scale* (**SASS**) é um questionário que visa medir o estilo atribucional. A **SASS** é o único dos questionários existentes em contexto desportivo, que mede as atribuições em mais do que 3 dimensões. Vários autores (Feather & Tiggeman, 1984; Peterson, 1982; Weiner, 1979; 1985) sugerem que será útil investigar as 5 dimensões causais: internalidade, estabilidade, globalidade, controlabilidade, e intencionalidade.

As escalas **SASSp** e **SASSs** foram baseadas na versão reduzida da SASS desenvolvida pelos autores da escala original (Hanrahan et al., 1989). A SASSp e a SASSe são composta por 10 situações que descrevem 5 resultados positivos e 5 negativos no desporto. Os itens positivos e negativos foram emparelhados, relativamente ao conteúdo, como sugerido por Feather e Tiggeman (1984). As situações descritas nos 10 itens foram baseadas em modificações de itens de outras escalas de estilo atribucional (cf. Ickes & Layden, 1978; Peterson *et al.,* 1982; Tenenbaum *et al*., 1984).

Os estudos desenvolvidos para avaliar as qualidades psicométricas da SASS revelaram uma boa consistência interna (valores de alfa de Cronbach superiores a 0,70) e uma estabilidade (valor teste-reteste r = 0,60), superiores às indicadas por outros autores em relação a outros instrumentos (Hanrahan *et al.,* 1989). A análise factorial confirmatória identificou os factores propostos, bem como as correlações entre os seus valores e os relativos a outros constructos como a motivação para a realização e a auto-estima física (Hanrahan *et al.*, 1989).

A SASSp apresenta também uma boa consistência interna, tanto no estudo da sua fidelidade realizado por Fonseca (1993), como no estudo de Neves (2001). A SASSp apresenta valores semelhantes ao da SASS (alfa de Cronbach superiores a 0,70), no entanto há que salientar que a escala de internalidade para eventos negativos, no estudo de Neves (2001), apresentou um valor relativamente baixo de consistência interna (α= 0,54).

A SASSs apresenta valores semelhantes que se situam entre 0,67 e 0,78. No entanto, na escala de controlabilidade pessoal para eventos positivos regista-se um valor de fiabilidade relativamente baixo (α = 0,53).

Todos os itens presentes na escala permitem que os sujeitos utilizem a sua própria definição de sucesso e insucesso. Em cada item é pedido aos sujeitos para se imaginarem em cada uma das situações, sendo-lhes pedido para indicarem a causa mais provável para o resultado obtido. Esta causa deve ser escrita no espaço em branco. Após isto, para cada item, os sujeitos teriam de classificar as suas atribuições causais segundo escalas bipolares de 7 pontos: por exemplo, para internalidade: a causa é totalmente devida a outras pessoas ou circunstâncias (1) ou totalmente devida a si (7). Destas, 5 escalas reflectiam as dimensões de internalidade, estabilidade, globalidade, controlabilidade e intencionalidade. Estão presentes duas outras escalas, nas quais é pedido para indicar (em escalas de 7 pontos) a importância da situação se esta ocorresse com eles, no entanto, o propósito destas escalas não tem relevância para esta investigação.

A cotação das respostas é feita separadamente para situações positivas e negativas, e para cada uma das cinco dimensões, devendo ser encontrado o valor médio dos 5 itens resultantes, para cada uma das 10 variáveis.

PSDQ - A avaliação da auto-estima, e do auto-conceito fisico, será realizado através do uso do *Physical Self-Description Questionnaire* (**PSDQ**). Este questionário desenvolvido por Marsh (1993; Marsh, Richards, Johnson, Roche & Tremayne, 1994) tem como objectivo avaliar a forma como as pessoas se descrevem a si próprias, com ênfase sobre a componente física. O PSDQ é essencialmente baseado nos SDQ´s em termos de base teórica, design e pesquisa inicial. As instruções e formato das respostas são baseadas no SDQ II (Marsh, 1996; Marsh, 1994; Marsh *et al*., 1994). Os resultados nas 11 escalas do PSDQ são obtidos, realizando a média das respostas aos itens de cada escala após a reverter a pontuação dos itens formulados de forma negativa (Marsh *et al*., 1994).

No PSDQp a escala de auto-estima também apresenta uma consistência interna bastante elevada (α = 0,86). Esta situação também se repete quando analisamos a consistência interna do PSDQs (α = 0,87).

A estrutura de factores do PSDQ está bem definida e é replicável, o que foi demonstrado pela análise factorial confirmatória. Marsh (1996) investigou a validade de constructo das respostas do PSDQ relativamente a 23 critérios externos de validade que reflectiam composição corporal, foi encontrado suporte para a validade convergente das respostas ao PSDQ, todas correlações previstas apresentaram

significância estatística e a maioria de forma bastante substancial. Foi encontrado também suporte razoável para a validade discriminante das respostas ao PSDQ já que a maioria das correlações previstas foram mais fortes do que outras correlações envolvendo o mesmo critério de validade externa. Este conjunto de resultados providenciam um bom suporte para a validade de constructo das respostas ao PSDQ em relação a critérios de validade externa.

3.5 Procedimento

De modo a reunir a amostra necessária para a aplicação dos questionários foram enviadas cartas e e-mails para uma série de clubes. Foram também estabelecidos contactos presenciais informais com vários treinadores no sentido de explicar o objectivo do estudo e tentar sensibilizá-los para a sua relevância. Num número reduzido de caso, todos em situação de modalidades individuais, foram contactados directamente os atletas.

A aplicação dos questionários decorreu entre Outubro de 2001 e Maio de 2003. A aplicação presencial foi possível na maioria das vezes, tendo lugar habitualmente no final de uma sessão de treino. No caso das modalidades colectivas, a aplicação era colectiva, sendo que os atletas preenchiam o questionário separadamente. Este procedimento esteve presente em todas as aplicações na Eslovénia e na grande maioria das aplicações em Portugal (apenas 3 atletas foram a excepção). No caso das modalidades individuais, a maioria dos atletas respondeu na presença de um dos investigadores, mas cerca de 30% dos respondentes levaram o questionário e entregaram-no no dia seguinte.

Na aplicação presencial, em Portugal esteve presente o autor do estudo, podendo estar acompanhado de outros colaboradores. Na Eslovénia, na maioria das aplicações presenciais esteve presente o autor do estudo, acompanhado de um colaborador de nacionalidade eslovena para esclarecimento de qualquer dúvida. A recolha do questionário foi sempre realizada pelo autor do estudo, ou por um dos colaboradores.

O procedimento passava sempre por assegurar que as condições de aplicação dos questionários estavam garantidas, que os respondentes estivessem sentados e com condições de escritas. Em todas as aplicações, um dos investigadores dava uma explicação prévia dos procedimentos de preenchimento dos questionários. Foram

igualmente salientados que os questionários eram preenchidos anonimamente, garantido-se a confidencialidade dos dados individuais para não inibir as respostas dos participantes. Antes dos respondentes começarem, sensibilizava-se ainda para a necessidade de preencherem todos os itens e alertava-se para a importância do preenchimento correcto e com sinceridade dos instrumentos apresentados, bem como para o facto de não existirem respostas certas ou erradas, sendo, assim, todas as respostas válidas.

O questionário era preenchido numa só aplicação. Após o preenchimento total dos questionários, estes eram entregues. O investigador agradecia aos respondentes pela sua participação.

Finalmente, para as análises estatísticas recorremos ao programa informático SPSS (versão 11.5). Esta análise adequaram-se aos objectivos de descrição dos resultados ou testagem das hipóteses, e tomaram em consideração a natureza métrica das variáveis.

4.1 Introdução

De forma a que possamos responder às hipóteses levantadas no capítulo anterior, apresentamos aqui as análises estatísticas, dos resultados obtidos após a aplicação dos instrumentos do estudo. Assim, o objectivo deste capítulo será analisar os resultados obtidos no estudo realizado e proceder à discussão do significado desses mesmos resultados.

Para aferirmos o significado dos resultados obtidos, inicialmente irão ser apresentadas as estatísticas descritivas das dimensões do estilo atribucional, e por extensão do egoísmo atribucional, bem como da auto-estima e irá ser realizada uma análise inicial das discrepâncias encontradas em termos de resultados. De seguida, procedemos a análises estatísticas inferenciais que nos permitirão testar as hipóteses formuladas para este estudo. Esta análise e tratamento estatístico dos dados foi realizada com o recurso a diversos procedimentos, descritos de seguida, utilizando o programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS – versão 11.5 para Windows).

4.2 Estilo Atribucional, Auto-Estima e Egoísmo Atribucional

Para melhor podermos analisar os resultados obtidos iremos apresentá-los numa série de quadros que os resumem. Assim, no quadro 4.1 apresentamos as estatísticas descritivas relativas às dimensões do estilo atribuicional (o quadro 4.1 encontra-se na página seguinte). O quadro 4.2 apresenta, detalhadamente, as estatísticas descritivas relativas às várias dimensões do estilo atribuicional, repartidas por nacionalidade (portuguesa ou eslovena), género (masculino ou feminino) e tipo de modalidade praticada (individual ou colectiva), este quadro encontra-se na página 91. No quadro 4.3 (presente na página 93) apresentamos as estatísticas descritivas relativas aos níveis de auto-estima, também organizadas por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada. Finalmente, também na página 93, apresentamos o quadro 4.4 que descreve os resultados obtidos relativamente à diferença em termos de dimensões do estilo atribucional quando comparamos as atribuições realizadas para eventos positivos com as atribuições realizadas para eventos negativos. O quadro 4.4.

também apresenta os resultados repartidos por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada.

Quadro 4.1 – Resultados nas dimensões do estilo atribucional

	N	Média	Desvio-Padrão	Mínimo	Máximo
Internalidade Positiva	149	5,57	,87	1,6	7,0
Estabilidade Positiva	149	5,72	,81	2,6	7,0
Globalidade Positiva	149	4,32	1,33	1,0	7,0
Controlabilidade Positiva	149	2,73	,98	1,0	6,0
Intencionalidade Positiva	149	2,61	1,10	1,0	6,2
Internalidade Negativa	149	5,33	,91	2,6	7,0
Estabilidade Negativa	149	4,03	1,16	1,0	7,0
Globalidade Negativa	149	3,77	1,24	1,0	6,8
Controlabilidade Negativa	149	3,48	1,11	1,4	6,6
Intencionalidade Negativa	149	5,04	1,17	1,8	7,0

O quadro 4.1 mostra que encontramos valores bastante discrepantes comparando as atribuições realizadas para eventos positivos com as atribuições realizadas para eventos negativos. Encontram-se pequenas diferenças na dimensão de internalidade, e grandes diferenças nas dimensões de estabilidade, controlabilidade, globalidade e intencionalidade. É de notar ainda que o valor que apresenta maior discrepância é a intencionalidade, que regista uma diferença de 2,43, entre atribuições realizadas para eventos positivos e atribuições realizadas para eventos positivos, o que corresponde a passar-se de atribuições essencialmente intencionais em eventos positivos para atribuições com um grau muito baixo de intencionalidade quando nos referimos a atribuições realizadas para eventos negativos. Também a estabilidade merece ser destacada pela sua grande discrepância (1,69) de resultados entre atribuições realizadas para eventos positivos e eventos negativos. Em termos de resumo podemos afirmar que os sujeitos tendem a realizar atribuições mais internas, estáveis, globais, controláveis e intencionais em eventos positivos do que em eventos negativos.

Quadro 4.2 – Resultados nas dimensões do estilo atribucional, repartidas por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada

	Nacionalidade						Género						Tipo de Modalidade					
	P			S			M			F			I			C		
	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão
Internalidade Pos.	80	5,27	,86	69	5,91	,76	75	5,49	,91	74	5,65	,83	73	5,70	,77	76	5,43	,95
Estabilidade Pos.	80	5,85	,72	69	5,57	,88	75	5,66	,85	74	5,78	,77	73	5,78	,71	76	5,66	,90
Globalidade Pos.	80	4,48	1,25	69	4,14	1,39	75	4,44	1,42	74	4,21	1,22	73	4,44	1,22	76	4,22	1,42
Controlabilidade Pos.	80	2,67	,88	69	2,80	1,09	75	2,80	,95	74	2,66	1,02	73	2,68	,97	76	2,77	1,00
Intencionalidade Pos.	80	2,54	,98	69	2,69	1,23	75	2,63	1,16	74	2,58	1,05	73	2,53	1,15	76	2,68	1,06
Internalidade Neg.	80	5,11	,72	69	5,63	1,06	75	5,06	,93	74	5,64	,83	73	5,50	,92	76	5,20	,92
Estabilidade Neg.	80	4,50	,93	69	3,48	1,17	75	4,04	1,15	74	4,02	1,18	73	4,00	1,10	76	4,06	1,23
Globalidade Neg.	80	3,97	1,21	69	3,55	1,24	75	3,63	1,30	74	3,91	1,16	73	4,09	1,16	76	3,46	1,24
Controlabilidade Neg.	80	3,52	1,14	69	3,44	1,08	75	3,58	1,20	74	3,39	1,01	73	3,39	1,14	76	3,57	1,08
Intencionalidade Neg.	80	5,07	1,20	69	5,01	1,13	75	5,01	1,22	74	5,07	1,12	73	4,88	1,18	76	5,20	1,14

No quadro 4.2 podemos observar que, quando analisamos a internalidade, encontramos resultados bastante discrepantes. Os atletas eslovenos apresentam maior internalidade tanto em eventos positivos como para eventos negativos. As atletas femininas apresentam valores bastante superiores de internalidade para eventos negativos, relativamente aos atletas masculinos. Também os atletas de modalidades individuais apresentam maior internalidade tanto em eventos positivos como em eventos negativos.

Ao analisarmos a estabilidade verificamos que, em termos de eventos positivos, a maior diferença que encontramos se deve à nacionalidade. Os atletas portugueses realizam atribuições mais estáveis do que os atletas eslovenos. As diferenças encontradas em termos de género e tipo de modalidade praticada são reduzidas (0,12) Quando analisamos a estabilidade em eventos negativos, encontramos um único resultado que se destaca pela sua discrepância. Assim, os atletas portugueses realizaram atribuições muito mais estáveis para eventos negativos do que os atletas eslovenos. Em termos de género e de tipo de modalidade praticada, os resultados obtidos são homogéneos.

Na globalidade encontramos as maiores diferenças em termos de eventos negativos. Os atletas portugueses mostram-se mais globais que os atletas eslovenos, as atletas femininas mais globais do que os atletas masculinos, e os atletas de modalidades individuais mais globais do que os atletas de modalidades colectivas. Nos eventos positivos, as diferenças encontradas são bastante menores com os atletas portugueses a apresentarem maior nível de globalidade do que os atletas eslovenos, os atletas masculinos a apresentarem maior globalidade do que as atletas femininas, e os atletas de modalidades individuais a apresentarem atribuições mais globais do que os atletas de modalidades colectivas.

Em termos de controlabilidade e intencionalidade para eventos positivos, bem como de controlabilidade para eventos negativos, encontramos resultados bastante próximos ao longo dos vários factores. Em termos de intencionalidade para eventos negativos apenas encontramos resultados mais divergentes quando comparamos atletas de modalidades colectivas com atletas de modalidades individuais, com os primeiros a apresentarem valores mais elevados, o que significa que realizam atribuições menos intencionais para eventos negativos do que os atletas de modalidades individuais.

Quadro 4.3 – Resultados de auto-estima, repartidas por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada

	Nacionalidade						Género						Tipo de Modalidade					
	P			S			M			F			I			C		
	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão
Auto-Estima	80	5,17	,68	69	5,13	,61	75	5,14	,66	74	5,18	,65	73	5,18	,72	76	5,15	,59

Quadro 4.4 – Resultados nas dimensões do egoísmo atribucional, repartidas por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada

	Nacionalidade						Género						Tipo de Modalidade					
	P			S			M			F			I			C		
	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão	N	Média	Desvio-Padrão
Internalidade	80	,17	,99	69	,28	1,01	75	,43	1,14	74	,01	,79	73	,20	1,09	76	,24	,91
Estabilidade	80	1,34	1,07	69	2,09	1,38	75	1,62	1,24	74	1,76	1,32	73	1,78	1,20	76	1,60	1,34
Globalidade	80	,52	1,08	69	,59	1,44	75	,81	1,35	74	,30	1,10	73	,35	1,30	76	,75	1,09
Controlabilidade	80	-,85	1,13	69	-,64	1,23	75	- ,78	1,20	74	-,72	1,17	73	-,71	1,27	76	-,80	1,19
Intencionalidade	80	-2,53	1,58	69	-2,32	1,82	75	- 2,38	1,80	74	-2,49	1,59	73	-2,35	1,73	76	2,52	1,66

Quando analisamos o quadro 4.3, podemos afirmar que não encontramos grande discrepância, em termos de níveis de auto-estima, em nenhum dos factores. Todos os grupos apresentam, assim, resultados bastante convergentes.

No quadro 4.4, verificamos que, em termos de internalidade, os resultados se apresentam relativamente homogéneos em termos de tipo de modalidade praticada, mas bastante divergentes em termos de género. Os atletas masculinos apresentam uma maior diferença de internalidade entre eventos positivos e negativos. Já na dimensão da estabilidade, a nacionalidade emerge como o factor que apresenta maior discrepância. Os atletas eslovenos apresentam um maior diferença de estabilidade das suas atribuições realizadas para eventos positivos face aos eventos negativos.

Na análise à globalidade podemos afirmar que, enquanto os resultados em termos de nacionalidade são homogéneos, o mesmo não se verifica em termos de género e de tipo de modalidade praticada. Os homens e os atletas de modalidades colectivas apresentam uma maior diferença entre atribuições realizadas para eventos positivos e negativos relativamente às mulheres e aos atletas de modalidades individuais.

Os resultados obtidos em termos de diferença entre atribuições realizadas para eventos positivos e negativos na dimensão da controlabilidade foram bastante homogéneos, apenas com uma diferença entre grupos um pouco maior quando olhamos para a nacionalidade. Os atletas portugueses apresentam uma maior diferença do que os atletas eslovenos.

Em termos de intencionalidade os resultados não demonstram grandes diferenças ao longo dos vários factores. Os atletas portugueses e os atletas eslovenos apresentam a maior diferença (0,21) entre si de média, sendo os atletas portugueses que apresentam uma maior diferença entre níveis de intencionalidade, comparando as atribuições realizadas para eventos positivos, com as realizadas para eventos negativos.

4.3 Testagem das hipóteses

Para testarmos as nossas hipóteses iniciais procedemos à análise de variância dos resultados. Assim, para apreciar a hipótese 1, que refere que os atletas apresentam

diferenças em termos das várias dimensões do estilo atribuicional em função da sua nacionalidade, do seu género e do tipo de modalidade que praticam foi utilizada uma ANOVA multivariada (no anexo f apresentamos o quadro contendo os índices desta análise).

Os resultados obtidos apontam para a existência de um efeito secundário significativo decorrente dos três factores (nacionalidade, género e tipo de modalidade) nas dimensões de internalidade em eventos positivos ($F = 6,96$; $p < .01$), e de internalidade e controlabilidade em eventos negativos (respectivamente, $F = 5,23$; $p < .05$ e $F = 8.45$; $p < .01$). Nos gráficos 4.1, 4.2 e 4.3 ilustramos a sentido deste efeito de interacção dos três factores, no sentido de facilitarmos a compreensão das diferenças observadas.

Na gráfico 4.1 apresentamos o efeito secundário de interacção respeitando ao impacto secundário dos três factores (nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada) nos níveis de internalidade para eventos positivos.

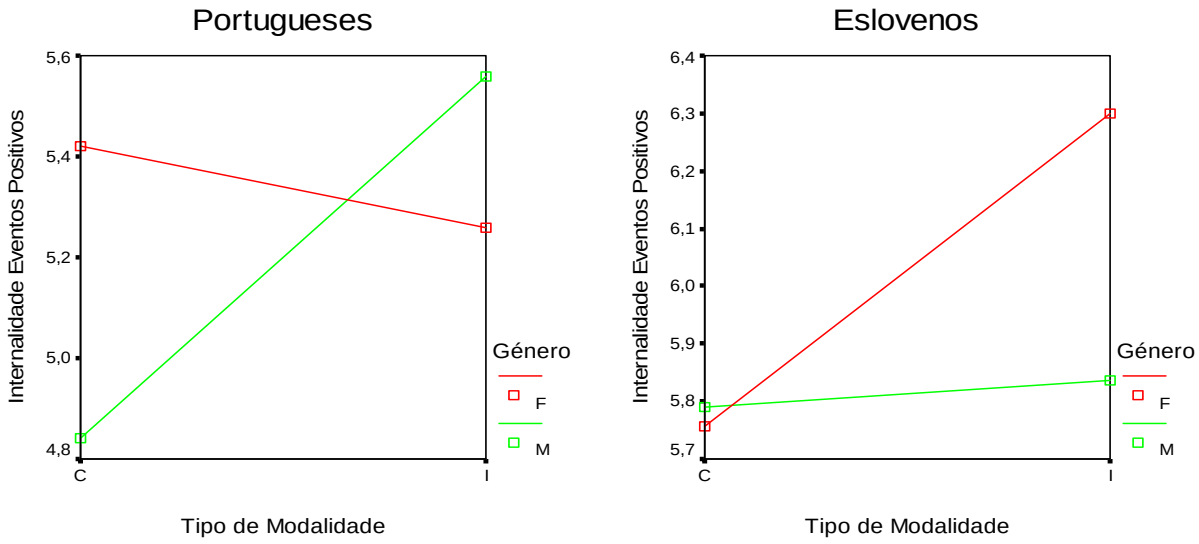


Gráfico 4.1 – Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da internalidade em eventos positivos

Ao analisamos os resultados obtidos na dimensão da internalidade em eventos positivos verificamos que, em termos de desportos colectivos, as atletas femininas

portuguesas realizam atribuições mais internas do que os atletas masculinos portugueses, no entanto, o inverso verifica-se em termos de modalidades individuais em que os atletas masculinos portugueses apresentam atribuições mais internas. Por sua vez, as atletas femininas eslovenas, praticantes de modalidades individuais, realizam atribuições mais internas para eventos positivos do que os homens e do que as mulheres praticantes de desportos colectivos.

No gráfico 4.2 apresentamos agora o efeito secundário de interacção respeitando ao impacto secundário dos três factores (nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada) nos níveis de internalidade para eventos negativos.

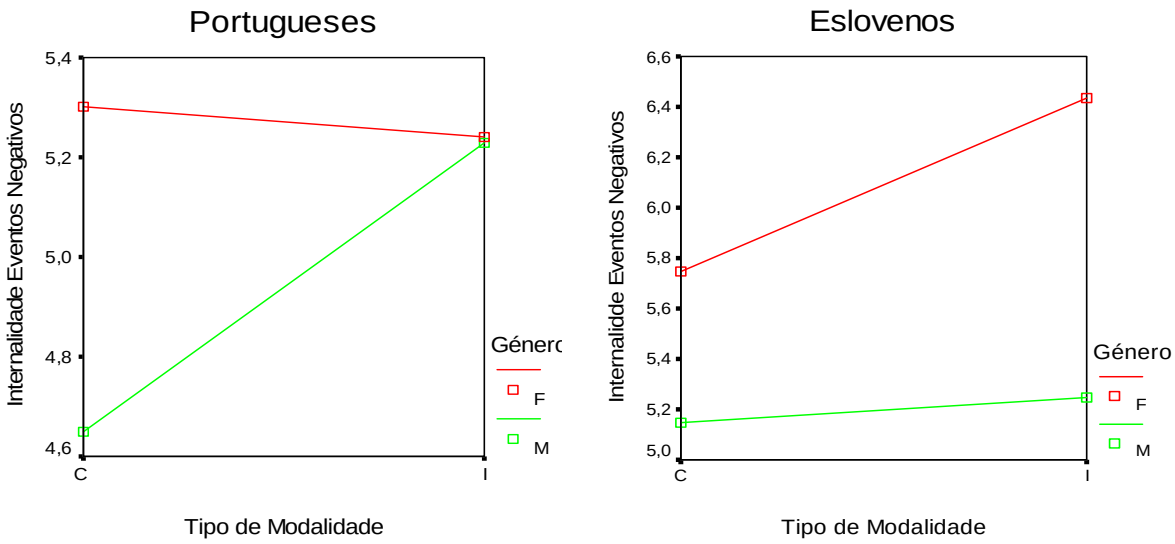


Gráfico 4.2 – Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da internalidade em eventos negativos

Quando analisamos a dimensão da internalidade em eventos negativos observamos que os atletas masculinos portugueses praticantes de modalidades colectivas realizam atribuições menos internas do que as mulheres das modalidades colectivas e do que homens e mulheres de modalidades individuais. Ainda de acordo com os gráficos apresentados, as atletas femininas eslovenas apresentam atribuições mais internas do que os atletas masculinos do mesmo país, tanto nas modalidades colectivo, como mais notoriamente nas modalidades individuais.

Por último, no gráfico 4.3 ilustramos o último efeito de interacção envolvendo os três factores em análise (nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada), desta vez ao nível da controlabilidade em eventos negativos.

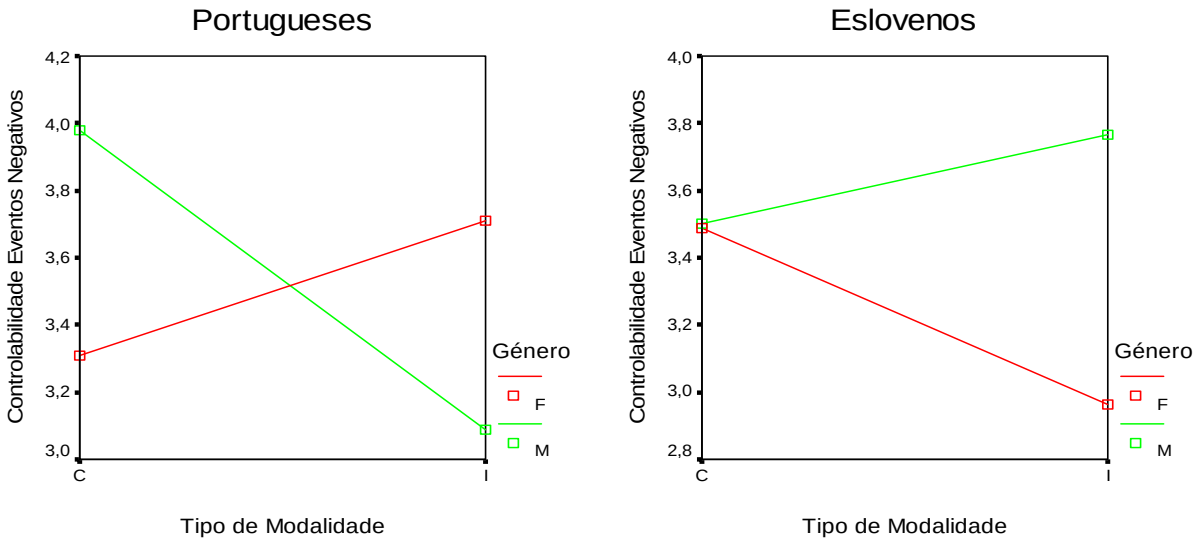


Gráfico 4.3 – Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da controlabilidade em eventos negativos

Quando analisamos os resultados obtidos na dimensão da controlabilidade em eventos negativos em termos de modalidades colectivas, verificamos que as atletas femininas portugueses apresentam atribuições mais controláveis do que os atletas masculinos. O contrário ocorre quando analisamos as modalidades individuais. Aí são os atletas masculinos que apresentam atribuições mais controláveis em eventos negativos relativamente às atletas femininas. Nos atletas eslovenos podemos afirmar que as mulheres praticantes de modalidades individuais realizam atribuições mais controláveis em eventos negativos do que os homens praticantes do mesmo tipo de modalidade.

De seguida, noutras dimensões, encontramos efeitos secundários significativos decorrentes da interacção de de dois dos três factores incluídos na análise. Assim, reportando-nos à interacção de nacionalidade e género, verificámos a existência de um efeito significativo na dimensão da estabilidade em eventos positivos ($F = 5,73$; $p < .05$). Este efeito encontra-se ilustrado no gráfico 4.4.

No gráfico 4.4 apresentamos o efeito de interacção envolvendo dois factores (nacionalidade, género), na dimensão da estabilidade em eventos positivos.

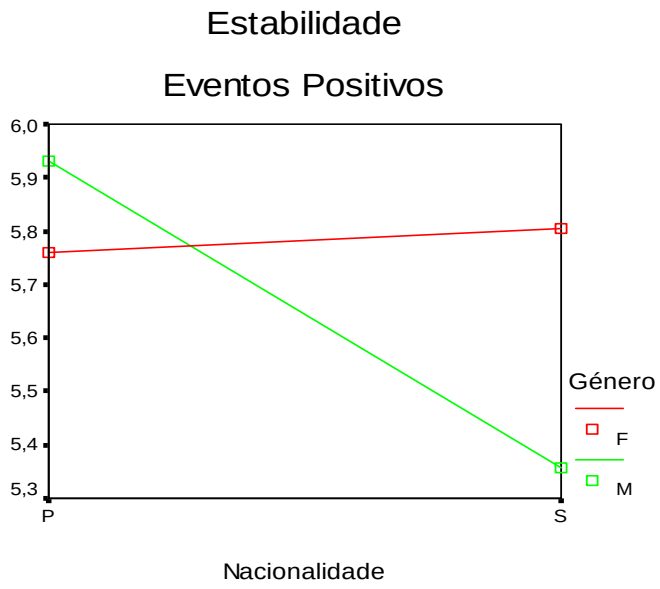


Gráfico 4.4 – Interacção entre nacionalidade e género, para a dimensão da estabilidade em eventos positivos

Quando analisamos a interacção entre nacionalidade e género em termos da dimensão de estabilidade em eventos positivos, podemos observar que são os atletas masculinos eslovenos que apresentam valores inferior de estabilidade em eventos positivos relativamente às atletas femininas eslovenas. No caso dos atletas portugueses, são os atletas masculinos que apresentam resultados superiores de estabilidade relativamente às atletas femininas do mesmo país. Em termos de atletas femininos encontramos valores semelhantes independentemente da nacionalidade.

Quando nos reportamos à interacção entre nacionalidade e tipo de modalidade praticada, encontramos um efeito significativo na dimensão da intencionalidade em em eventos negativos ($F = 4,29$; $p < .05$), conforme podemos observar no gráfico 4.5.

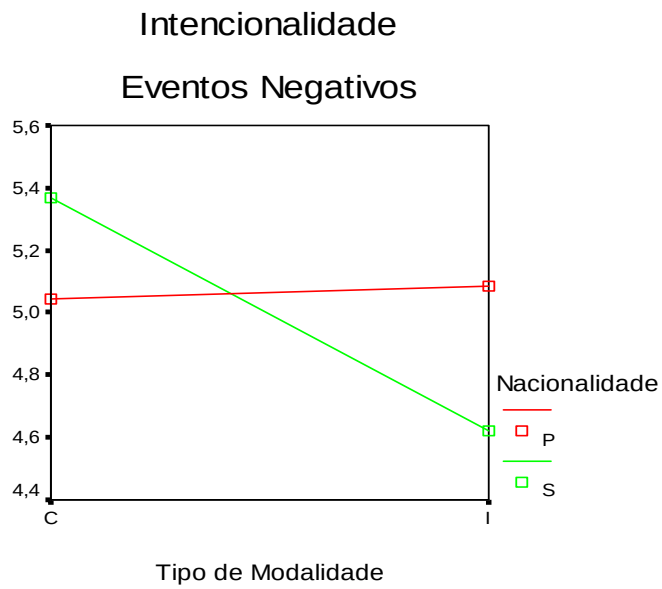


Gráfico 4.5 – Interacção entre nacionalidade e tipo de modalidade, para a dimensão da intencionalidade em eventos negativos

Ao analisarmos a interacção entre nacionalidade e o tipo de modalidade praticada, verificamos que os atletas portugueses apresentam resultados homógeneos em ambos os tipos de modalidade praticada. Entre os atletas eslovenos encontramos resultados mais elevados em termos de intencionalidade nos atletas de modalidade colectiva, o que significa que os atletas eslovenos de modalidades individuas adoptam atribuições mais intencionais para os seus resultados do que os seus colegas praticantes de modalidades colectivas.

Finalmente, quando analisamos a última das interacções existentes entre dois factores, entre género e tipo de modalidade praticada, verificamos a existência de efeitos significativos nas dimensões da controlabilidade em em eventos positivos ($F = 6,75$; $p < .01$), e da globalidade em eventos negativos ($F = 4,63$; $p < .013$), os quais estão ilustrados nos gráficos 4.6 e 4.7.

No gráfico 4.6 apresentamos este efeito de interacção entre estes dois factores (género, tipo de modalidade praticada), na dimensão da controlabilidade em eventos positivos.

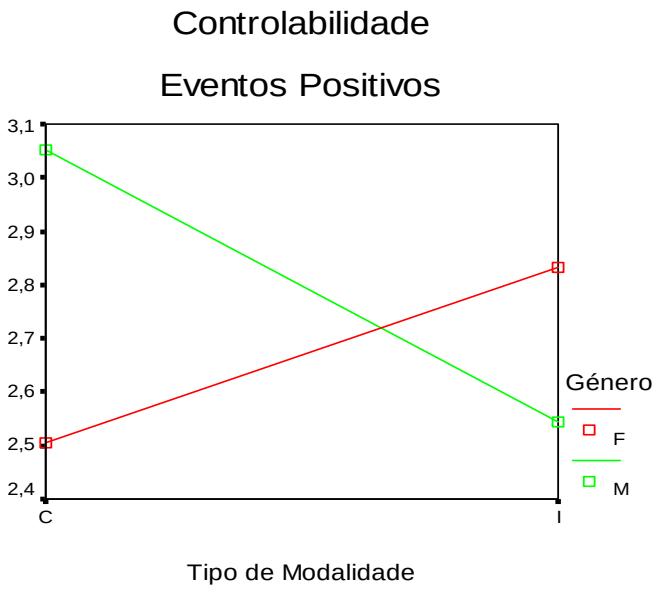


Gráfico 4.6 – Interacção entre género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da controlabilidade em eventos positivos

Em termos de interacção entre género e tipo de modalidade praticada na dimensão da controlabilidade para eventos positivos podemos afirmar que os resultados demonstram os atletas masculinos de modalidades colectivas apresentam os resultados mais elevados, o que significa que apresentam atribuições menos controláveis em eventos positivos. Os atletas femininos praticantes de modalidades colectivas e os atletas masculinos de modalidades individuais são os que apresentam as atribuições mais controláveis (resultados menos elevados).

No gráfico 4.7 apresentamos agora o efeito de interacção entre os dois factores (género, tipo de modalidade praticada), na dimensão da controlabilidade em eventos positivos.

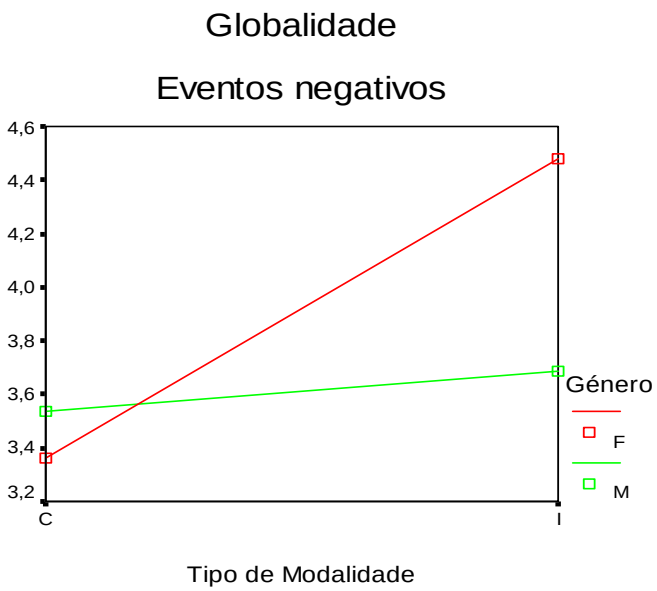


Gráfico 4.7 –Interacção entre género e tipo de modalidade praticada, para a dimensão da globalidade em eventos positivos

Quando analisamos a interacção entre género e tipo de modalidade praticada na dimensão da globalidade para eventos negativos, verificamos que são as atletas femininas praticantes de modalidades individuais que apresentam os resultados mais globais para eventos negativos, ou seja realizam atribuições mais globais quando confrontadas com resultados negativos.

Por último, descrevemos os efeitos principais decorrentos dos três factores em análise, em relação às dimensões em que a respectiva interacção não assumiu significação estatística. Estes efeitos principais restringem-se à nacionalidade, nesta dimensão encontramos diferenças significativas nas dimensões de estabilidade ($F = 34$; $p < .001$) e globalidade em eventos negativos ($F = 4,27$; $p< .05$). Os resultados demonstram que os atletas portugueses realizaram atribuições mais estáveis, para eventos negativos, bem como atribuições mais globais em eventos negativos do que os atletas eslovenos.

Após analisar todos os resultados provenientes da análise do efeito dos factores sobre as dimensões do estilo atribucional podemos afirmar que estes apoiam a hipótese formulada. Assim pode-se afirmar que os atletas apresentam diferenças em termos das dimensões do estilo atribuicional, em função da nacionalidade, do género e do tipo de modalidade praticada.

Relativamente à hipótese 2, que refere que os atletas se diferenciam mais, nas várias dimensões do estilo atribuicional, pela sua nacionalidade do que pelo seu género ou pelo tipo de modalidade praticada, realizamos uma comparação dos valores de F encontrados ANOVA multivariada que se encontra no anexo f.

Quadro 4.5 – Resultados nas dimensões do estilo atribucional, organizados por nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada

Dimensões	Nacionalidade		Género		Tipo de Modalidade	
	F	P	F	P	F	P
Internalidade Positiva	24,76	,000	1,85	,175	4,85	,029
Estabilidade Positiva	4,21	,042	1,14	,287	0,94	,334
Globalidade Positiva	2,41	,123	1,17	,282	1,07	,302
Controlabilidade Positiva	0,59	,443	0,63	,429	0,31	,577
Intencionalidade Positiva	0,66	,418	0,10	,750	0,70	,404
Internalidade Negativa	16,01	,000	20,73	,000	5,98	,016
Estabilidade Negativa	34,00	,000	0,02	,894	0,24	,625
Globalidade Negativa	4,27	,041	2,63	,107	10,81	,001
Controlabilidade Negativa	0,27	,602	1,45	,230	1,10	,296
Intencionalidade Negativa	0,14	,711	0,08	,781	3,45	,065

A nacionalidade é o factor que apresenta o maior número dimensões atribucionais onde se registam diferenças significativas (cinco, correspondendo à dimensão internalidade e da estabilidade para eventos positivos e da internalidade, estabilidade e globalidade para eventos negativos), sendo que três destas, internalidade para eventos positivos e internalidade, estabilidade para eventos negativos apresentam-se como muito significativas ($p<.001$). Assim, acordo com os resultados os atletas portugueses realizaram atribuições menos internas mas mais estáveis em eventos positivos do que os atletas eslovenos. No entanto, em eventos negativos, os atletas portugueses realizaram atribuições mais estáveis e globais, mas menos internas do que os atletas eslovenos.

Em termos de género, a única diferença significativa encontrada ($p < 0,001$) ocorreu na dimensão da internalidade para eventos negativos. Os resultados revelam que as mulheres realizam atribuições significativamente mais internas em eventos negativos do que os homens.

Quando analisamos o tipo de modalidade praticada encontramos diferenças significativas nas dimensões de internalidade e controlabilidade em eventos negativos (nesta última $p < 0,01$) e internalidade em eventos positivos. Assim, os atletas de modalidades individuais realizaram atribuições mais internas para eventos positivos e mais internas e globais para eventos negativos do que os atletas de modalidades colectivas.

Desta forma podemos afirmar que os resultados apoiam a hipótese 2, ou seja, os atletas apresentaram maiores diferenças nos seus resultados devido à sua nacionalidade, do que ao seu género ou ao tipo de modalidade que praticam. Não só foram encontradas um maior de dimensões com diferenças significativos, como estas diferenças, em alguns casos se apresentaram com maior nível de significância.

Para testar a hipótese 3, de forma a analisar as possíveis diferenças de auto-estima em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada foi realizada uma ANOVA.

Quadro 4.6 – Diferenças de auto-estima, em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada

Variável Dependente: Auto- Estima

Source	Type III Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Corrected Model	2,884(a)	7	,412	,96	,46
Intercept	3946,42	1	3946,423	9225,12	,00
Nacionalidade	,007	1	,007	,02	,90
Género	,095	1	,095	,22	,64
Tipo de Modalidade	,069	1	,069	,16	,69
Nacionalidade * Gènero	,811	1	,811	1,90	,17
Nacionalidade * Tipo de Modalidade	1,608	1	1,608	3,76	,06
Género * Tipo de Modalidade	,099	1	,099	,23	,63
Nacionalidade * Género * Tipo de Modalidade	,250	1	,250	,58	,45
Error	60,32	141	,428		
Total	4032,31	149			
Corrected Total	63,20	148			

Em termos de auto-estima, os resultados obtidos não apresentam nenhuma diferença significativa. Assim, de acordo com os dados obtidos não existem diferenças entre os atletas, em termos de auto-estima, em função da nacionalidade,

do género ou do tipo de modalidade praticada. Apenas a interacção entre dois dos factores (a nacionalidade e o tipo de modalida praticada) aproxima de uma diferença significativa. Estes resultados estão em linha com a investigação com atletas, que apontam para o facto de existir um efeito de tecto na auto-estima dos atletas.

Os resultados obtidos não permitem concluir pela rejeição da hipótese nula, ou seja, não podemos afirmar que existam diferenças em termos de níveis de auto-estima nos atletas de élite, em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada.

Para testarmos a hipótese 4, que postulava a existência de relações entre as dimensões do estilo atribucional, tanto para eventos positivos como para eventos negativos com a auto-estima utilizamos uma análise correlacional de Pearson.

Quadro 4.7 – Correlações entre auto-estima e dimensões do estilo atribucional (n=149)

	Dimensão Atribucional	r	p
Coeficiente de Correlação de Pearson	Internalidade Positiva	,298(**)	,000
	Estabilidade Positiva	,247(**)	,002
	Globalidade Positiva	,136	,097
	Controlabilidade Positiva	-,217(**)	,008
	Intencionalidade Positiva	-,229(**)	,005
	Internalidade Negativa	,044	,595
	Estabilidade Negativa	-,071	,391
	Globalidade Negativa	-,090	,273
	Controlabilidade Negativa	-,009	,915
	Intencionalidade Negativa	,007	,935

Quando analisamos os resultados obtidos relativamente à correlações existentes entre auto-estima e dimensões do estilo atribucional encontramos resultados significativos em quatro das dimensões do estilo atribucional e a auto-estima, a internalidade ($r = 0, 30$, $p < .001$), estabilidade ($r = 0.25$, $p < .005$), controlabilidade ($r = 0.22$, $p < .01$), e intencionalidade ($r\ 0.23$, $= p < .005$). Todas as correlações encontradas referem-se a dimensões do estilo atribucional relativamente a eventos positivos. Estas correlações são positivas, ou sejam, quanto maior o nível de auto-estima, mais internas, estáveis, controláveis e intencionais as atribuições realizadas para eventos positivos.

Assim, podemos concluir que os resultados obtidos apoiam a hipótese formulado da relação entre dimensões do estilo atribucional para eventos positivos com a auto-estima. No entanto, relativamente às dimensões do estilo atribucional para eventos negativos não podemos retirar a mesma conclusão, ou seja, os resultados obtidos não apoiam a existência de uma relação entre dimensões do estilo atribucional para eventos negativos com a auto-estima.

De forma a testarmos as hipóteses 5, que refere que os atletas de élite, realizam atribuições mais internas para eventos positivos, do que para eventos negativos, e 6 que refere que os atletas de élite, realizam atribuições mais estáveis e controláveis para eventos positivos, do que para eventos negativos utilizamos um teste t com amostras emparelhadas.

Quadro 4.8 – Análise sobre a existência de egoísmo atribucional

						T	Df	P
		Média	Desvio-Padrão	Intervalo de Confiança da Diferença (95%)				
				Superior	Inferior			
Par 1	Internalidade Positiva – Internalidade Negativa	0,220	1,001	,058	,382	2,68	148	,008
Par 2	Estabilidade Positiva – Estabilidade Negativa	1,690	1,275	1,484	1,897	16,18	148	,000
Par 3	Globalidade Positiva – Globalidade Negativa	0,553	1,258	,350	,757	5,37	148	,000
Par 4	Controlabilidade Positiva – Controlabilidade Negativa	-0,754	1,178	-,944	-,563	-7,80	148	,000
Par 5	Intencionalidade Positiva – Intencionalidade Negativa	-2,434	1,693	-2,708	-2,159	-17,55	148	,000

Ao analisarmos os resultados obtidos encontramos diferenças significativas em todas as dimensões estudadas (internalidade, estabilidade, globalidade, controlabilidade e intencionalidade). Assim, os resultados encontrados demonstram que os atletas de élite realizam não só atribuições mais internas, em eventos positivos do que em eventos negativos ($T = 2,68$; $p < .01$), como também mais estáveis ($T = 16,18$; $p < .001$) e mais controláveis ($T=-7,80$; $p<.001$), bem como mais globais ($T = 5,37$; $p < .001$) e mais intencionais ($T = -17,55$; $p < .001$).

Podemos assim concluir que as hipóteses 5 e 6 são ambas suportadas pelos resultados obtidos no estudo. Os resultados deste estudo apoiam a existência do egoísmo atribuicional, em atletas de élite. Pode-se também concluir que os dados apoiam a hipótese de que este enviezamento se verifica não só na dimensão de internalidade, mas também nas dimensões de estabilidade e controlabalidade. Para as dimensões de globalidade e de intencionalidade, relativas às quais não tinham sido realizados nenhuns pressupostos, os resultados também apontam para a existência de semelhante enviezamento, ou seja os atletas tendem a realizar atribuições mais controláveis e mais globais para eventos positivos do que para eventos negativos.

Finalmente para testar a hipótese 7, que refere que existem diferenças, em termos do enviezamento denominado egoísmo atribucional em função da nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada foi utilizada uma ANOVA multivariada (no anexo 4 apresentamos o quadro contendo os índices desta análise).

Os resultados obtidos apontam para a existência de um efeito secundário significativo decorrente dos três factores (nacionalidade, género e tipo de modalidade) na dimensão da controlabilidade ($F = 6{,}07$; $p < .05$). No gráfico 4.8 ilustramos o sentido deste efeito de interacção dos três factores.

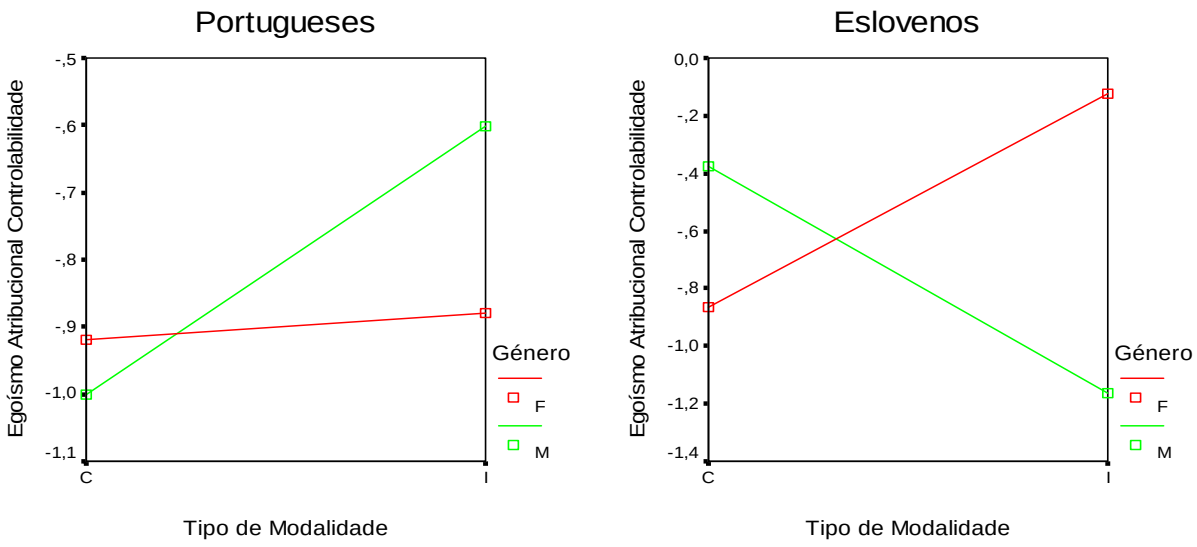


Gráfico 4.8 – Interacção entre nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada, para dimensão da controlabilidade em termos de egoísmo atribucional

Ao analisarmos os resultados obtidos na dimensão da controlabilidade em termos de egoísmo atribucional observamos que, entre os atletas portugueses os atletas

masculinos, praticantes de modalidades individuais, apresentam valores mais baixos de egoísmo atribuicional relativamente à controlabilidade do que os atletas que praticam modalidades colectivas de ambos os géneros e do que as atletas femininas, praticantes de modalidades individuais. Entre os atletas eslovenos os atletas masculinos, praticantes de desportos individuais, apresentam valores de egoísmo atribucional maior do que as atletas femininas praticantes do mesmo tipo de modalidade e, do que os atletas masculinos praticantes de modalidades colectivas.

De seguida, encontramos efeitos secundários significativos decorrentes da interacção de dois dos três factores incluídos na análise. Assim, reportando-nos à interacção género e tipo de modalidade praticada, verificámos a existência de um efeito significativo na dimensão da globalidade ($F = 7,02$; $p < .01$). Este efeito está ilustrado no gráfico 4.9.

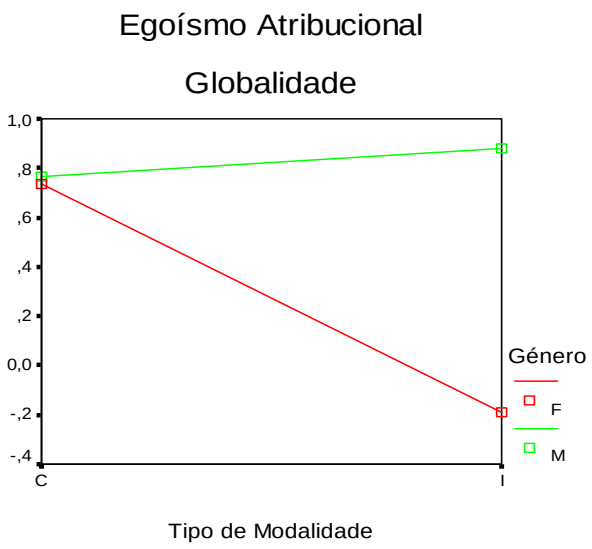


Gráfico 4.9 – Interacção entre género e tipo de modalidade, para a dimensão da globalidade em termos de egoísmo atribucional

Os resultados mostram que as atletas femininas, praticantes de desportos individuais não apresentam nas suas atribuições maior assunção dos seus resultados positivos como mais globais relativamente aos seus resultados positivos, neste aspecto diferenciam-se dos atletas masculinos praticantes de desportos individuais que potenciam o egoísmo atribucional face às modalidades colectivas. Nas

modalidades colectivas, ambos os géneros apresentam o enviezamento realizando atribuições mais globais para os eventos positivos do que para os eventos negativos.

Foram ainda encontrados dois efeitos principais: do género sobre a dimensão da internalidade ($F= 7,11$; $p< 0.01$), e da nacionalidade sobre a dimensão da estabilidade ($F= 14,14$, $p< 0.001$)

Os resultados obtidos relativamente ao género na dimensão da internalidade demonstram que, enquanto os homens apresentam o enviezamento denominado egoísmo atribucional, relativamente às mulheres não se encontraram valores significativos que possam afirmar que as mulheres realiza atribuições mais internas para os seus resultados positivos do que para os seus resultados negativos.

Relativamente aos resultados obtidos relativamente à nacionalidade na dimensão da estabilidade mostram que os atletas eslovenos apresentam níveis elevados de egoísmo atribucional do que os atletas portugueses.

Devido às implicações teóricas que derivam de não terem sido encontradas relações entre a auto-estima e nenhumas das dimensões do estilo atribucional em eventos negativos, pareceu-nos relevante analisar também a relação entre a auto-estima e as dimensões do estilo atribucional em termos de egoísmo atribucional. O quadro 4.9 apresentam os coeficientes de correlação entre estas variáveis.

Quadro 4.9 – Correlações entre auto-estima e dimensões do estilo atribucional (n=149)

		R	p
Coeficiente de Correlação de Pearson	Internalidade	,219(**)	,007
	Estabilidade	,221(**)	,007
	Globalidade	,233(**)	,004
	Controlabilidade	-,173(*)	,035
	Intencionalidade	-,154	,061

Analisando os resultados obtidos podemos afirmar que existem correlações significativas entre a auto-estima e as várias dimensões do estilo atribucional relativamente ao egoísmo atribucional. Foram encontradas correlações significativas entre a auto-estima e a dimensão da controlabilidade, e correlações muito significativas entre a auto-estima e as dimensões da internalidade, estabilidade e globalidade.

Estes resultados põem em causa alguns dos pressupostos enunciados por Weiner na sua teoria de 1986, segundo os quais apenas a dimensão da internalidade estaria directamente relacionada com a auto-estima. Os resultados apoiam também a ideia de que o padrão de egoísmo atribucional tem uma função protectora da auto-estima, tal como sugerido por vários autores (Biddle, Hanrahan & Sellars, 2001; Santamaria & Furst, 1995; Weiss et al, 1990).

4.4 Discussão de resultados

A aceitação das hipóteses 1 e 2 veio fornecer apoio aos pressupostos levantados por Biddle (1994) e Duda e Allison (1987), que sugeriam a necessidade de se analisar os factores culturais nas investigações sobre atribuições. Os resultados obtidos na nossa investigação apoiam a noção de que a nacionalidade é um factor relevantes em termos de análise das atribuições realizadas por atletas de élite, constituindo-se até como mais relevantes do que outros factores bem identificados na literatura como o género e o tipo de modalidade praticada. Assim, verificamos que a nacionalidade se constitui como o factor que apresenta as maiores diferenças existindo diferenças significativas entre atletas portugueses e atletas eslovenos nas dimensões de internalidade e estabilidade em eventos positivos e internalidade, estabilidade e globalidade em eventos negativos. Os resultados apresentam diferenças entre atletas portugueses e eslovenos nas dimensões de internalidade e estabilidade em eventos positivos, e internalidade, estabilidade e globalidade em eventos negativos.

O padrão de resultados obtidos revela também que encontramos resultados bastante significativos quando analisamos a dimensão da internalidade. Além de encontrarmos uma interacção entre os três factores (nacionalidade, género e tipo de modalidade praticada) tanto para eventos positivos como para eventos negativos. Esta interacção está também presente na dimensão da controlabilidade em eventos negativos. Foram encontradas efeitos significativos da interacção de 2 dos factores em várias dimensões: assim, na dimensão da estabilidade em eventos positivos foi encontrado um efeito de interacção entre nacionalidade e género; na dimensão da intencionalidade em eventos negativos um efeito de interacção entre nacionalidade e

tipo de modalidade praticada; e nas dimensões da controbalidade em eventos positivos e da globalidade em eventos negativos um efeito de interacção entre género e tipo de modalidade praticada.

A análise da interação entre nacionalidade e género, mostra que são os atletas masculinos eslovenos que apresentam um nível mais baixo de estabilidade em eventos positivos, relativamente aos outros grupos de atletas, o que é um resultado que contraria os resultados obtidos na maior parte das investigações (ex. Anshel 1994; Biddle, 1993; Carron 1980, 1984; Vallerand, 1994; Zientik & Breakwell, 1988) sobre género, que pressupõe um efeito contrário. O facto de apenas os atletas eslovenos apresentarem este padrão de resultados pode ser o resultado de algum efeito específico a nível de cultura desportiva.

Por outro lado, os resultados obtidos na dimensão da intencionalidade em eventos negativos mostram uma interacção entre nacionalidade e tipo de modalidade praticada existindo uma grande diferença entre atletas eslovenos praticantes de modalidades colectivas e praticantes de modalidades individuais, com estes últimos a apresentem resultados bastante mais intencionais, estes resultados podem provir de uma estratégia de desvalorização dos eventos negativos, de forma a diminuirem as consequências negativas que daí poderiam advir em termos de diminuição de auto-estima, auto-confiança, bem como de estruturação de expectativas de sucesso futuro.

Finalmente, a análise da interacção entre género e tipo de modalidade praticada mostra que na dimensão de globalidade em eventos negativos o grupo que se destaca são as atletas femininas praticantes de desportos individuais, que apresenta atribuições mais globais em eventos negativos do que os restantes grupo. Dos poucos estudos que analisaram a globalidade no contexto desportivo apenas o de Seligman e colaboradores (1990) apresentou resultados na mesma linha. No entanto, o nosso estudo apenas fornece apoio parcial às conclusões de Seligman e colaboradores visto que os pressupostos destes autores sobre a maior estabilidade em eventos negativos apresentados pelas mulheres não se verificaram no nosso estudo.

Também quando analisamos a controlabilidade verificamos que, apenas nas modalidades individuais os atletas masculinos apresentam um maior nível de controlabilidade do que as atletas femininas. O que, aliás, é uma inversão dos resultados obtidos nas modalidades colectivas.

Quando analisamos os resultados obtidos em função do género, concluimos que apenas a internalidade em eventos negativos constituiu uma diferença entre os

resultados obtidos atletas masculinos e atletas femininos, esta diferença que ocorre tanto com atletas praticantes de modalidades colectivos portugueses como eslovenos, como atletas praticantes de modalidades individuais eslovenos, apenas não ocorrendo entre atletas masculinos e femininos portugueses que praticam modalidades individuais. Assim, um pressuposto de Tenenbaum e Furst (1985, 1986), segundo o qual os homens realizariam atribuições mais internas para os seus resultados negativos não foi apoiado pelos resultados obtidos no nosso estudo, visto que, como acima referido, os resultados obtidos revelam exactamente o oposto. Os estudos do nosso estudo contrariam também um outro resultado relevante dos estudos de Seligman e colaboradores (1990) que referiam que as atletas femininas apresentavam um estilo atribucional mais pessimista (ou seja, mais interno, estável e global perante resultados negativos) do que os atletas masculinos, visto que os resultados obtidos no nosso estudo apenas apoiam a noção de que as mulheres apresentam um estilo atribucional mais interno do que os homens perante resultados negativos.

O facto de não terem sido encontradas diferenças devido ao género em eventos positivos em termos de efeitos principais situam os resultados obtidos no nosso estudo na linha dos resultados encontrados numa série de investigações em contexto desportivo (Biddle & Hill, 1992; McAuley e Duncan, 1989; Robinson e Howe, 1989; Rudisill, 1988a e b) em que não foram encontradas diferenças entre géneros relativamente às atribuições realizadas relativamente a sucessos. Este padrão de resultados contraria o que vários autores (Anshel 1994; Biddle, 1993; Carron 1980, 1984; Vallerand, 1994; Zientik & Breakwell, 1988) classificaram como “modéstia atribucional” das mulheres, ou seja que as mulheres atribuem os seus sucessos a causas menos internas e estáveis do que os homens. Também podemos afirmar que os resultados do nosso estudo contrariam a hipótese proposta por Riordan e colaboradores (1985) de que esta modéstia atribucional ocorria essencialmente na dimensão da estabilidade, neste caso podemos mesmo afirmar que os resultados obtidos com atletas eslovenos evidenciam exactamente o oposto, ou seja, as atletas femininas apresentavam maior internalidade.

Por outro lado os resultados encontrados no nosso estudo também contrariam a explicação oferecida por Morgan e colaboradores para o facto de não terem encontrado diferenças entre géneros em termos de atribuições realizadas relativamente a sucessos e insucessos, segundo a qual uma atleta feminina que atribua os insucessos internamente teria menos probabilidade de se manter na prática

desportiva. Os resultados do nosso estudo referem mostram que exactamente a única diferença encontrada, entre géneros em termos de efeitos principais, é a formulação de atribuições mais internas por parte das atletas femininas, o que é particularmente relevante já que analisámos o estilo atribucional. Por outro lado, o facto de termos investigado uma população com uma grande experiência e nível competitivo revela que esta suposta "filtragem" que seria efectuada não ocorre de forma tão directa como as autoras sugerem.

Quando analisamos o padrão de resultados obtidos em conjunto relativamente a atribuições realizadas para eventos positivos e para eventos positivos, podemos afirmar que se encontram em consonância com a explicação oferecida por Dabrowska (1993b), de que o padrão atribucional das mulheres (causas internas, mais instáveis, controláveis e não intencionais em eventos negativos) apresenta-se como vantajoso para a manutenção dos níveis motivacionais e para o aumento de expectativas de sucesso futuro. Os resultados estão também em consonância com dois estudos de Fonseca (1993, 1995) com futebolistas, em que os atletas masculinos tendiam a dissociar-se dos seus resultados negativos mais do que as atletas femininas.

Ao analisarmos os resultados obtidos em função do tipo de modalidade praticada, podemos afirmar que, os resultados encontrados estão em linha com os encontrados por Tenenbaum e Furst (1985, 1986), que referiam que os atletas praticantes de modalidades individuais atribuiam mais internamente os seus resultados positivos e negativos do que os atletas praticantes de modalidades individuais. No nosso estudo a única excepção a este padrão ocorreu com as atletas femininas portuguesas tanto para eventos positivos como para eventos negativos, como está acima referido.

No que respeita à auto-estima, a inexistência de diferenças significativas encontrada no nosso estudo está em linha com grande parte da investigação em contexto desportivo, que apontam para o facto de existir um efeito de tecto na auto-estima dos atletas, quando analisamos atletas neste grau de competição. Este efeito de topo foi focado por vários autores (Fox, 2000; Kamal *et al.*, 1995; Marsh et *al.*, 1995).

Resultados algo mais inesperados ressaltam da análise das correlações entre as dimensões do estilo atribucional e a auto-estima. Se quando analisamos os resultados obtidos nas dimensões do estilo atribucional em eventos positivos, verificamos que estes estão em linha com o que foi encontrado por Hanraham e colaboradores (1989),

no estudo de validação da SASS, existindo uma total coincidência entre ambos os estudos, não só em termos das dimensões que apresentam correlações (internalidade, estabilidade, controlabilidade e intencionalidade), mas também relativente a ter sido a dimensão da internalidade a que apresenta uma maior correlação com a auto-estima. No entanto, no estudo realizado por Hanrahan e colaboradores (1989) tinham sido encontradas várias correlações negativas significativas nas dimensões de internalidade, estabilidade e globalidade para eventos negativos, o que não ocorreu no nosso estudo. Já Neves (2001), num estudo com a SASS, tinha encontrado um padrão de resultados similares aos do nosso estudo, mas relativamente à auto-confiança, referindo que as atribuições realizadas para os resultados positivos são mais importantes para a auto-confiança do que as realizadas para resultados negativos.

O facto da correlação mais forte encontrada ter sido entre internalidade e auto-estima representa algum apoio para os pressupostos da teoria de Weiner (1985), no que concerne à ideia da dimensão da internalidade estar directamente ligada à auto-estima. No entanto os resultados obtidos neste e noutros estudos (ex. Hanraham *et al.*, 1989) que encontraram correlações significativas entre auto-estima e outras dimensões do estilo atribucional como a estabilidade e controlabilidade fornecem suporte à ideia que também estas dimensões estão directamente ligadas à auto-estima.

Relativamente à existência de egoísmo atribucional entre os atletas de élite podemos afirmar que os resultados obtidos no nosso estudo fornecem um forte apoio a esta hipótese. Será necessário referir, que devido a tendência de atletas de níveis competitivos superiores apresentarem maior nível de internalidade, estabilidade e de controlabilidade na explicação de eventos positivos relativamente a eventos negativos seria natural encontrar este enviezamente entre atletas de élite relativgamente ao estilo atribucional, visto que uma série de estudos anteriores (Fonseca 1993a; Tenenbaum e Furst, 1985) já tinham estabecido que os atletas com uma maior auto-percepção de competência consideravam as causas dos seus resultados como mais internas, estáveis e controláveis do que os seus colegas. É de referir ainda que os resultados deste estudo são consistentes com os encontrados em outros estudos realizados com a SASS realizados por Hanrahan e colaboradores (1989; 1990) e Fonseca (1993b, 1995) em que os resultados encontrados referem a

diferenciação em termos de atribuições realizadas para eventos positivos e negativos quando lidamos com atletas com maior experiência e nível competitivo

Como foi referido anteriormente os dados obtidos também apoiam a hipótese de que este enviezamento se verifica não só na dimensão de internalidade, como sugerido por alguns autores (ex. Hewstone, 1989; Vallerand, 1994), mas também nas dimensões de estabilidade e controlabalidade, como sugerido por vários estudos (Grove et al., 1991; Hanrahan et al., 1989; Mark et al., 1984; Weiss et al., 1990). É importante referir que o facto de os resultados do nosso estudo terem ainda mostrado um enviezamento similar relativamente às dimensões de globalidade e de intencionalidade, dimensões essas muito menos investigadas na literatura relativamente a este enviezamento, vem suportar a noção de que o egoísmo atribucional é um enviezamento que consiste nas pessoas assumirem maior responsabilidade pelos seus resultados positivos face aos seus resultados negativos, ou seja tendem a dissociar-se dos seus insucessos, tal como sugerido por Biddle e colaboradores (2001).

Assim, os resultados deste estudo ao indicarem a tendência para a atribuição de causas mais internas, instáveis, globais, controláveis e intencionais para eventos positivos vêm apoiar a explicação de que os atletas efectuam este enviezamento atribucional de forma a manterem os seus padrões de auto-estima, visto que a atribuição feita a causas mais internas, estáveis, controláveis e intencionais em situações de sucesso, está associada à experienciação de emoções de confiança e competência por parte dos atletas. Da mesma forma, nas situações negativas, uma atribuição a factores internos, instáveis, não intencionais mas controláveis poderá, de acordo com os pressupostos de Weiner (1985), gerar expectativas de obtenção de um resultado diferente (de sucesso) no futuro. Todavia, apenas as atribuições realizadas em eventos positivos apresentaram uma relação com a auto-estima, o que implica que não se pode concluir que, numa amostra de atletas de élite se encontrem relações entre auto-estima e atribuições realizadas para eventos negativos. Esta conclusão contraria o pressuposto de Weiner relativamente à relação entre às atribuições realizadas para eventos negativos e auto-estima.

No entanto, em contexto desportivo existe algum apoio para a nocção que é conferida aprovação social aos indivíduos que elaboram atribuições internas em eventos negativos (Biddle, 1993, Weiner, 1995). Pode-se falar assim da existência de uma certa indefinição, por parte dos atletas, entre a necessidade de manter a sua auto-

estima perante situações de insucesso desportivo, desresponsabilisando-se e atenuando os efeitos nefastos do fracasso no sentimento de competência, além de confirmar as suas expectativas e a influência exercida pelo meio para que "assumam os seus erros" e, neste caso, atribuam os seus insucessos a causas internas e controláveis. No entanto, ambas as estratégias visam atingir o mesmo efeito, a manutenção da estrutura das suas crenças, a aquisição ou manutenção da auto-estima e de uma imagem elevada perante os outros (Biddle *et al.*, 2001).

Assim, é importante também referir que a auto-estima se apresenta como um factor importante quando analisamos o egoísmo atribucional. Os resultados obtidos apontam para a existência de correlações positivas entre a auto-estima e quatro dimensões do estilo atribucional em termos de egoísmo atribucional. Estas correlações ocorrem nas dimensões da internalidade, estabilidade, globalidade e controlabilidade, ou seja, quanto maior a auto-estima, maior o nível de egoísmo atribucional nas dimensões acima referidas.

Os resultados obtidos, no seu conjunto, reforçam a ideia de que o egoísmo atribucional é um dos elementos que mais influenciam o processo de atribuição causal, quando analisamos este nível competitivo.

Quando começamos a analisar os factores que influenciam o egoísmo atribucional podemos retirar algumas conclusões interessantes. Dois dos resultados significativos apontam para a inexistência de egoísmo atribucional entre as atletas femininas. Assim, quando analisamos os resultados obtidos na dimensão da internalidade encontramos resultados significativos em termos de efeitos principais na dimensão da internalidade devido ao género, estes resultados revelam que apenas os atletas masculinos apresentam egoísmo atribucional, enquanto que as atletas femininas não apresentam diferenças de internalidade entre as atribuições que realizam para eventos positivos ou negativos. Também existe também um efeito de interacção significativo entre dois factores (género e tipo de modalidade praticada) na dimensão da globalidade, em que os resultados evidenciam que as atletas femininas praticantes de desportos individuais não apresentam egoísmo atribucional. Este padrão de resultados parece dar algum apoio à noção de "modéstia atribucional" feminina sugerido por vários autores (Anshel, 1994; Biddle, 1993; Carron 1980, 1984; Vallerand, 1994; Zientik & Breakwell, 1988), no entanto os restantes resultados obtidos demonstram que esta referida módestia atribucional só parece ocorrem em situações particulares, particularmente em modalidades individuais não

apresentando o carácter global sugerido pelos autores, visto que, por exemplo, mesmo nesse tipo de modalidade os resultados obtidos não demonstram a existência desse padrão na dimensão da estabilidade.

Os resultados obtidos demonstram também um efeito principal da nacionalidade sobre a dimensão de estabilidade, com os atletas eslovenos apresentam um nível de enviezamento bastante superiores aos dos atletas portugueses. Esta diferença pode ter reflexos importantes na estrutura futura de expectativas de sucesso, visto que a teoria atribucional da motivação e emoção de Weiner (1985) e vários estudos (Rudisill, 1988, 1989; Seligman *et al.*, 1990; Singer & McCaughan, 1978) referem que atribuições estáveis em eventos positivos e atribuições mais instáveis em eventos negativos contribuem para um aumento das expectativas de sucesso futuro. Ou seja, a existência de egoísmo atribucional na dimensão da internalidade pode constituir-se como uma vantagem estruturação de expectativas de sucesso com os consequentes efeitos de ganhos motivacionais e aumento de auto-confiança. Deste ponto de vista, os atletas eslovenos estariam em melhor posição para estruturarem expectativas de sucesso futuro e manterem os níveis motivacionais do que os atletas portugueses.

O nosso estudo focou-se sobre o estudo atribucional e as suas relações com a a auto-estima, tomando algumas das questões identificadas por Biddle (1994) como essenciais de desenvolver maior investigação em contexto desportivo. Este autor expressando o seu desapontamento com a perspectiva demasiado limitada da investigação atribucional em contexto desportivo refere a falta de investigação relativamente ao egoísmo atribucional sobre a sua natureza a extensão no contexto desportivo., sobre as diferenças em termos de atribuições realizadas por atletas de modalidades individuais e atletas praticantes de modalidades colectivas, sobre a natureza e a importância do estilo atribucional, sobre as influências culturais relativamente as atribuições, como algumas destas questões essenciais.

Todas estas questões que foram analisadas no nosso estudo conferem apoio às sugestões de Biddle (1994), visto que as áreas identificadas como essenciais para serem mais investigadas apresentaram resultados bastante relevantes no nosso estudo. Os resultados do estudo revelam a importância de se incluirem a nacionalidade, ou outros factores susceptíveis de influenciar a cultura desportiva na qual é formado o atleta, entre os factores analisados quando nos debruçamos sobre o estilo atribucional. Não só a nacionalidade se revelou um factor com maior impacto sobre o estilo atribucional do que outros factores mais estudados na literatura, como o género ou o tipo de modalidade praticada, como se revelou um factor potenciador dos outros. O estudo relevou também a existência de egoísmo atribucional de forma bastante alargadas entre os atletas de élite, tendo este enviezamente sido constatado em todas as dimensões do estilo atribucional. Também relativamente ao tipo de modalidade praticada encontramos resultados que apoiam a ideia de que atletas que praticam modalidades colectivas apresentam algumas diferenças em termos de estilo atribucional relativamente ao atletas que praticam modalidades individuais.

O padrão de resultados que obtivemos põem em relevo a importância de analisarmos a interacção entre os vários factores de uma forma tão atenta como os factores isoladamente. As interacções registadas, particularmente as obtidas entre género e tipo de modalidade praticada ajudam a compreender as razões de tantos resultados discrepantes em investigações anteriores. Em algumas destas investigações apenas foram utilizados atletas de modalidades individuais, outras apenas de modalidades colectivas, tendo, por vezes, existido uma generalização dos resultados para todos os atletas, tal como referido por Biddle (1994). Ao compararmos os resultados de estudos que se focam apenas em atletas individuais,

com os de estudos em participam apenas atletas de modalidades colectivas, ou ainda com estudos em que a amostra é composta por atletas de ambas as modalidades é importante ter presente que os padrões de estilo atribucional podem ser diferentes. Isto é particularmente notório na dimensão da internalidade, em que (como já afirmavam Tenenbaum e Furst, 1985; 1986) os atletas de modalidades individuais realizam atribuições mais internas, tanto em eventos positivos como em eventos negativos do que os atletas de modalidades colectivas. Esta diferença pode ser explicada com o menor número de factores percebidos que podem influenciar os desempenhos de atletas de modalidades individuais. Assim, ao revermos a investigação realizada até hoje será importante organizá-la em termos da amostra utilizada, utilizando uma maior restrição na leitura dos resultados e das consequências destes.

A auto-estima dos atletas que composeram a amostra do nosso estudo apresenta-se bastante elevada (5,15), bastante mais elevada do que a da amostra de Marsh (1994) quando aferiu as qualidades psicométricas do questionário, que se cifrou em 4,72. Estes resultados demonstram que a auto-estima que apresentam atletas de élite é superior à da população e do que atletas de níveis competitivos mais baixos. Fox (2000) afirma que uma alta auto-estima está associada a um leque de características positivas tais como independência, liderança, adaptabilidade e resiliência ao stress (Wylie, 1989). Uma alta auto-estima está associada com a escolha, persistência e sucesso num conjunto de comportamentos relacionados com desempenho e saúde. Uma baixa auto-estima acompanha, muitas vezes, a doença mental e disfunções como a depressão, a ansiedade e fobias (Baumeister, 1993).

É de realçar, também, que no estudo de Marsh foram encontradas diferenças significativas em 9 das 11 escalas que compunham o PSDQ, entre homens e mulheres, incluindo a escala de auto-estima. Em cada um destes casos, as mulheres apresentavam um auto-conceito físico significativamente mais baixo do que os homens, no caso da auto-estima 4,85 para os homens e 4,46 para as mulheres. No entanto, no nosso estudo não existe qualquer diferença significativa nesta escala entre atletas masculinos e atletas femininas (5,14 e 5,18 respectivamente). Os resultados do nosso estudo apontam para que o alto nível competitivo surja como nivelador das auto-percepções, colmatando alguns dos factores que contribuem para este desequílibrio de auto-estima em outros contextos, como a comparação social, tal como sugerido por Deaux e Emswiller (1977). Assim, o padrão de sucesso no

desempenho com o consequente reforço da auto-estima, bem como o mesmo reforço resultante da comparação social seria equivalente para ambos os géneros, o que por sua vez nos levaria a prever que no contexto desportivo, ao mesmo nível competitivo deve corresponder o mesmo nível de auto-estima para ambos os géneros. No entanto, há que tomar em atenção que Marsh (1996) salienta que a utilidade das medidas de auto-conceito físico não é prever desempenhos em testes ou provas de actividade física, mas sim reflectir as auto-percepções e auto-avaliações físicas dos indivíduos, o que restringe as conclusões que possamos formular sobre o efeito destes padrões de auto-estima em resultados futuros.

Relativamente à escala utilizada para medir o estilo atribucional podemos afirmar que a SASS se mostrou como um instrumento relevante e funcional a ser utilizado com populações de atletas de élite. O modelo pentadimensional, proposto na SASS por Hanrahan e colaboradores (1989), baseado na teoria atribucional da motivação e emoção de Weiner (1985, 1986) mostrou-se adequado, tendo cada uma das dimensões se mostrado relevante na explicação dos resultados obtidos. Além das cinco dimensões utilizadas se mostrarem relevantes, também a maior fraqueza apontada à escala, a falta de estudos que analisassem a sua utilização com atletas de élite, bem como atletas de diferentes modalidades começa a ser colmatada. Ademais, a utilização da forma reduzida da escala mostrou-se a mais adequada a este tipo de população, devido ao menor tempo dispendido no seu preenchimento, questão se coloca como essencial nesta população.

Se analisarmos os pressupostos em que se baseia a escala verificamos se confirmam as várias premissas indicadas. Os resultados encontrados apoiam a premissa defendida por Ickes (1980) e Tenenbaum e colaboradores (1984) de que é necessário contemplar atribuições diferenciadas para eventos positivos e para eventos negativos, visto que a disposição dos sujeitos é diferenciada, alterando, assim, o tipo de justificações oferecidas.

Também relativamente ao número de dimensões medidas relativamente ao estilo atribucional se verificaram as premissas de Hanrahan e colaboradores (1989), particularmente à globalidade e à intencionalidade, dimensões sobre as quais poucas investigações que as utilizem existem em contexto desportivo. Tomados no seu conjunto, podemos também afirmar que os resultados obtidos apoiam a posição de autores como Biddle e Jamieson (1988) e Vallerand e Richer (1988) relativamente a ser necessário realizar uma distinção entre controlabilidade e intencionalidade no

contexto desportivo, visto que estas dimensões cumpriram funções diferenciadas, em diferentes análises estatísticas. Assim, a questão levantada por Weiner (1985) acerca da independência entre as dimensões de intencionalidade e da controlabilidade, parece ultrapassada a partir do momento em que foi possível a instrumentação de ambas as dimensões de uma forma adequada, tal como ocorre na SASS, e não era o caso na CDS que apresentava uma série de problemas de definição da dimensão da controlabilidade. Elig e Frieze (1979). Os resultados obtidos refutam também as críticas de Kelley e Michela (1980) sobre uma sobreposição da dimensão da intencionalidade com a da internalidade. A dimensão da globalidade, que Hanrahan e colaboradores (1989) também incluiram na SASS, apresenta-se como distinta das outras dimensões que compõe o estilo atribucional. Esta dimensão é mais consensual, quando analisamos o estilo atribucional, visto que os autores que defendiam a sua não inclusão quando se trata de análises de atribuições, sugeriam a sua utilização quando se passa a analisar estilo atribucional (McAuley et al., 1992; Prapavessis & Carron, 1988). No nosso estudo a globalidade surge como uma das dimensões em que se distinguem atletas portugueses e eslovenos, existindo também uma interacção entre género e tipo de modalidade em eventos negativos tendo atletas femininas praticantes de modalidades individuais se destacado ao apresentarem atribuições mais globais em eventos negativos. Também em termos de egoísmo atribucional, a dimensão da globalidade apresenta diferenças entre género e tipo de modalidade praticada, com os atletas masculinos e os atletas praticantes de modalidades colectivas a apresentarem maiores níveis de egoísmo atribucional do que as atletas femininas e os atletas praticantes de modalidades individuais.

O único estudo que descreve uma utilização em conjunto do modelo pentadimensional com um instrumento que media a auto-estima foi o estudo de validade de constructo do questionário SASS (Hanrahan et al., 1989), onde a relação encontrada também não foi geral para todas as dimensões. Relativamente aos eventos positivos apenas a dimensão da globalidade não apresentava uma relação, já em eventos negativos apenas foram encontradas relações com a internalidade, estabilidade e globalidade. Um outro estudo (Neves, 2001) que analisava a relação entre estilo atribucional e auto-confiança encontrou apenas relação entre as dimensões da estabilidade e da intencionalidade em eventos positivos com a auto-confiança.

Relativamente ao pressuposto de que as atletas femininas apresentam uma certa "modéstia atribucional" que está presente nos padrões atribucionais femininas, tal como defendido por vários autores (Riordan, Thomas & James, 1985; Tenenbaum & Furst, 1985; Zientek & Breakwell, 1988), o nosso estudo mostra que essa tendência apenas se manifestou na dimensão da internalidade em eventos negativos, com naturais reflexos sobre o egoísmo atribucional na dimensão da internalidade. Assim, como as atletas femininas atribuem mais internamente os seus resultados negativos, não verifica o enviezamento denominado egoísmo atribucional na dimensão da internalidade entre elas. Não encontramos confirmação do padrão de "modéstia atribucional" nas dimensões de estabilidade ou de controlabilidade como sugerido pelos autores acima referidos. Por outro lado, os resultados do estudo não permitem concordar com outros autores (Biddle & Hill, 1992; Bird & Wiliams, 1980; Mark, Mutrie, Brooks & Harris, 1984; Mc Auley & Duncan, 1989; Robinson & Howe, 1989) que referem não terem encontrado diferenças entre as atribuições de homens e mulheres para os seus resultados. No entanto, há que ter em conta que estes estudos referem-se a atribuições, enquanto o nosso estudo analisa o estilo atribucional, o que pode contribuir para perceber as diferenças de resultados encontrados.

Os resultados obtidos, quando analisamos o enviezamento denominado egoísmo atribucional, não só confirma a sua existência em contexto desportivo entre atletas de élite, como estende o âmbito deste enviezamento a todas as dimensões do estilo atribucional. Assim, de acordo com os resultados do nosso estudo, o egoísmo atribucional verificado em atletas de élite consistiria na realização de atribuições, por parte dos atletas, de causas mais internas, estáveis, controláveis, globais e intencionais nos seus resultados positivos face aos seus resultados negativos de forma a que possam percepcionar-se como mais responsáveis pelas suas boas performances, recebendo os ganhos daí resultantes em termos de auto-estima.

Parece ser razoável assumir que seria de esperar encontrar este enviezamento do estilo atribucional a um nível competitivo tão alto, visto que nos referimos a um conjunto de resultados que apresentam significado muito pessoal e significativo para a auto-estima dos atletas e até para a sua tendência para continuarem a praticar desporto a este nível de competição, provavelmente um atleta tende a demonstrar egoísmo atribucional de forma a pensar e sentir que são as suas qualidades, físicas e psicológicas, que produzem os seus melhores resultados, em vez de os atribuirem a algum factor externo, o que lhe permite a manutenção dos níveis motivacionais e de

expectativas de sucesso futuro positivas. Da mesma forma e pelas mesmas razões, um atleta pode tentar evitar assumir a maior parte da sua responsabilidade pelos seus resultados menos conseguidos atribuindo as causas a factores externos, instáveis, incontroláveis, menos globais e menos intencionais. As consequência deste padrão atribucional seriam que estes atletas terem uma maior probabilidade de se manter numa carreira desportiva e de atingir um alto nível competitivo.

A coincidência de resultados em termos da dimensão de globalidade em eventos negativos entre o nosso estudo e os estudos de Seligman e colaboradores (1990), quando ambos apresentam valores mais altos neste dimensão para as atletas femininas, deve-se provavelmente em grande parte ao facto de este último estudo apenas ter sido realizado com atletas de modalidades individuais. Quando no nosso estudo comparamos atletas de modalidades individuais com atletas de modalides colectivas, verificamos que os primeiros apresentam um nível mais elevado de globalidade. Isto deve-se aos atletas de modalidades individuais serem susceptíveis de apresentar uma maior responsabilização do atletas pelos seus desempenhos, sendo susceptíveis de implicarem uma maior generalização dos resultados obtidos a outras áreas da vivência do atleta.

Se tivermos em conta as conclusões de Peterson e Seligman (1987) que referiam que os atletas que realizavam atribuições mais internas, estáveis e globais para resultados negativos tendiam a viver menos tempo, podemos temer que a esperança de vida dos atletas portugueses não seja tão longa como a dos atletas eslovenos, já que os atletas portugueses realizaram, neste estudo, atribuições mais estáveis e globais, apesar de menos internas. Mais relevante para o contexto desportivo, os resultados dos estudos de vários autores (Prapavessis & Carron, 1988; Rettew e Reivich, 1995; Seligman et al., 1990) que referem que os atletas ou equipes que apresentam um estilo atribucional mais interno, estável e global para resultados negativos tendem a render menos do que os seus colegas, o que implicaria que os atletas eslovenos apresentariam, à partida, um estilo atribucional mais ajustado do que os atletas portugueses. No entanto, convem tomar em conta um estudo realizado por Thomas e colaboradores (1996) que, ao tentar encontrar os mesmos resultados de Seligman e colaboradores, num estudo realizado na NBA, não encontraram diferenças de rendimento consoante o estilo atribucional dos atletas, o que os autores atribuiram ao alto nível de competição, o que se pode constituir como um contributo

importante na análise dos resultados do nosso estudo, já que este foi realizado com atletas de élite.

Relativamente à dimensão da internalidade, uma outra possível explicação para a inconsistência verificada é oferecida por Biddle e colaboradores (2001), quando referem que esta pode ser mais susceptível da acção de influências motivacionais, assentando no pressuposto de que, sendo perfeitamente natural procurar continuadamente as causas que possam explicar aceitavelmente os resultados, os resultados desta busca podem depender, em grande medida do local onde se procura, tornando-se, mais fácil a ocorrência de uma maior variabilidade nesta dimensão, o que conferiria a esta dimensão um aspecto estruturante para as restantes dimensões do estilo atribucional.

A abrangência do enviezamento verificada reforça a necessidade de se reflectir sobre a inclusão de retreino atribucional como um dos elementos fundamentais da preparação psicólogica de um atleta de élite. Esta atenção que deve ser prestada aos aspectos atribucionais, provavelmente deve ser tida em conta desde os escalões de formação. Assim, visto que, segundo a opinião expressa por vários autores (Biddle, Hanrahan & Sellars, 2001; Biddle & Hill, 1992; Fox, 1998; Marsh, 1996) a intenção de se manter no desporto pode estar relacionada com a forma como os atletas são capazes de manter os seus níveis de auto-estima, sendo de prever que a intenção de drop-out esteja relacionada com a capacidade de desenvolver egoísmo atribucional em termos de desporto, pode-se afirmar que a importância prática do estudo desta relação está relacionada com a noção de que quanto melhor se perceber como interagem os diversos processos psicólogicos no treino competitivo, e na situação de competição, mais facilmente se pode, melhorar as competências que optimizam o caminho para o sucesso do atleta e gerir os índices de satisfação do atleta com o seu desempenho, de modo a que este não abandone a prática desportiva e progrida, como acontece muitas vezes, em alturas-chave do desenvolvimento desportivo (por exemplo na adolescência).

Durante a realização do estudo encontramos algumas dificuldades na aplicação dos questionários. Uma destas dificuldades foi a impossibilidade de realizar todas as aplicações presencialmente, no caso dos atletas portugueses, estas deveriam ter sido sempre presencial, no entanto, nem sempre foi possível manter este procedimento. Quando os questionários eram levados para serem preenchidos pelo atleta, a taxa de retorno era bastante mais reduzida.

Um dos problemas que mais se salientou foi a duração de preechimento dos questionários (cerca de 25 minutos), sendo este um aspecto que os atletas referiram com bastante frequência. O problema deriva, essencialmente, do tempo dispendido no preenchimento da SASS, apesar das versões da SASS adaptadas para a Eslovénia e Portugal serem adaptações da versão reduzida da SASS, a duração do preenchimento deste questionário ainda constituia a maioria do tempo dispendido pelos atletas a lidarem com os instrumentos do estudo, levando a algumas reclamações por parte dos atletas, particularmente junto da amostra de atletas portugueses. Este problema já tinha sido identificado por Hanrahan e colaboradores (1989, 1990), tendo estado inclusive na base do desenvolvimento das versões reduzidas do questionário. No entanto, dada a natureza do estilo atribucional, será sempre necessário um questionário que seja composto de vários itens para cada dimensão que se pretende avaliar, o que se traduz numa maior morosidade no preenchimento dos questionários.

Para uma melhor compreensão dos resultados e do impacte que tem a denominada “cultura desportiva” sobre os padrões atribucionais dos atletas de élite, seria importante que outros intervenientes no contexto desportivo, como treinadores, dirigentes, árbitros e talvez mesmo jornalistas. Já Biddle (1994) referia como um ponto prioritário a ser investigado, o papel das atribuições realizadas por espectadores, treinadores e árbitros. Assim, como sugestão para futuros estudos devem analisar mais profundamente a importância que a cultura desportiva pode assumir, quais os mecanismos que a constituem, de que forma esta influencia as crenças dos atletas e as suas expectivas de sucesso futuro, quais são os seus agentes (treinadores, dirigentes, comunicação social, público), como é formada e como é pode ser alterada.

Outra sugestão para trabalhos futuros passa por estudo que nos permitam perceber se o retreino atribucional será susceptível de influenciar os atletas, em particular os portugueses, no sentido de constituirem padrões de estilo atribucional mais adequados à estruturação de expectativas de sucesso futuras, bem como para gerir e manter os níveis de auto-estima num nível que permita o sucesso futuro em competições. E ainda, se aceitarmos o ponto de vista expresso por alguns autores (Biddle et al., 2001; Fonseca, 1999) de que a gestão e o treino do estilo atribucional são das variáveis que mais peso têm no processo de manutenção da prática desportiva e na gestão, tanto dos sucessos como dos insucessos que os acompanham,

não só no percurso desportivo, mas na vida em geral podemos concluir que os benefícios deste retreino atribucional se generalizam para outras áreas da vida do atleta.

Abramson, L. Y., Seligman, M. E. P., & Teasdale, J. D. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulation. *Journal of Abnormal Psychology, 87*, 49-74.

Almeida, A. P. (1995). *A relação entre auto-conceito físico e aptidão física: Estudo comparativo entre atletas e não-atletas dos treze aos quinze anos.* Tese de mestrado não publicada. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física.

Almeida, A. P., Maia, J. A., & Fontoura, J. M. (1995). Auto-conceito físico: Estudo da sua expressão diferencial em atletas e não atletas. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol.5, pp. 425-435). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Ames, C. (1978). Children´s achievement attributions and self-reinforcement: Effects of self-concept and competitive reward structure. *Journal of Educational Psychology, 70*, 345-355.

Anderson, C. A. & Arnoult, L. H. (1985). Attributional style and everyday problems in living: Depression, loneliness and shyness. *Social Cognition, 3*, 16-35.

Anderson, C. A., Jennings, D. L., & Arnoult, L. H. (1988). Validity and utility of the attributional style construct at a moderate level of specificity. *Journal of Personality and Social Psychology, 55* (6), 979-990.

Anshel, M. H. (1987). Psychological inventories used in sport psychology research. *Sport Psychologist, 1*, 331-349.

Anshel, M. H. (1994). *Sport psychology: From theory to practice* (2nd ed.). Scottsdale, AZ: Gorsuch Scarisbrick.

Arkin, R. M., & Baumgardner, A.H. (1985). Self-handicapping. In J.H. Harvey & G. Weary (Eds.), *Attribution: Basic issues and applications*. Orlando, FL: Academic Press.

Arndt, W. B. (1974). *Theories of personality*. New York: MacMillan.

Baumeister, R. F. (1994). Self-esteem. In V.S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of Human Behavior* (Vol. 4, pp. 83-87). New York: Wiley.

Baillie, P. H. F. & Ogilvie, B. C. (1996). Working with elite athletes. In J. L. Van Raalte & Brewer, B. W. (Eds.), *Exploring sport and exercise psychology* (pp. 335-354). Washington, DC: American Psychological Association.

Berger, B. G. & McInman, A. (1993). Exercise and the quality of life. In R. Singer, M. Murphey & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 729-760). New York: MacMillan.

Berndt, T. J. & Burgy, L. (1996). Social self-concept. In B. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept: Developmental, social and clinical considerations* (pp. 171-209). New York: Wiley.

Biddle, S. J. H. (1993). Attributional research and sport psychology. In R.N. Singer, M. Murphey & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 437-464). New York: MacMillan.

Biddle, S. J. H. (1994). Motivation and participation in exercise and sport. In S. Serpa, J. Alves & V. Pataco (Eds.), *International perspectives on sport and exercise psychology* (pp. 103-126). Morgantown, WV: Fitness Information Technology, Inc.

Biddle, S. J. H. & Hanrahan, S. (1998). Attributions and attributional style. In J.L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 3-19). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Biddle, S. J. H. & Hill, A. B. (1992). Attributions for objective outcome and subjective appraisal of performance: Their relationship with emotional reactions in sport. *British Journal of Social Psychology, 31*, 215-226.

Biddle, S. J. H. & Jamieson, K. I. (1988). Attributional dimensions: Conceptual clarification and moderator variables. *International Journal of Sport Psychology, 19,* 47-59.

Biddle, S. J. H., Hanrahan, S., & Sellars, C. (2001). Attributions: Past, present and future. In R. Singer, H. Hausenblas & C. Janelle (Eds.), *Handbook of Sport Psychology* (2ª Ed.), (pp. 444-471). New York: John Wiley & Sons.

Bird, A. M. & Williams, J. M. (1980). A developmental-attributional analysis of sex role stereotypes for sport performance. *Developmental Psychology, 16*, 319-322.

Blucker, J. A. & Hershberger, E. (1983). Causal attribution theory and the female athlete: What conclusion can we draw? *Journal of Sport Psychology, 5*, 353-360.

Bracken, B. A. (1992). *Multidimensional Self-Concept Scale.* Austin, TX: Pro-ed.

Brawley, L. R. (1984). Attributions as social cognitions: Contemporary perspectives in sport. In W.F. Straub & J.M. Williams (Eds.), *Cognitive sport psychology* (pp. 212-229). Champaign, IL: Human Kinetics.

Brawley, L. R. & Roberts, G. C. (1984). Attributions in sport: Research foundations, characteristics and limitations. In J. Silva & R. Weinberg (Eds.), *Psychological foundations of sport* (pp. 197-213). Champaign, IL: Human Kinetics.

Bukowski, W. M. & Moore, D. (1980). Winners' and losers' attributions for success and failure in a series of athletic events. *Journal of Sport Psychology, 2*, 195-210.

Byrne, B. M. (1984). The general/academic self-concept nomological network: A review of construct validation research. *Review of Educational Research, 54*, 427-456.

Byrne, B. M., & Shavelson, R. (1996). On the structure of social self-concept for pre, early and late adolescents. A test of the Shavelson, Hufner, and Stanton (1976) model. *Journal of Personality and Social Psychology, 70*, 599-613.

Carron, A. C. (1980). *Social psychology of sport.* Ithaca, New York: Mouvement.

Carron, A. C. (1984). Attributing causes to success and failure. *Australian Journal of Science and Medicine in Sport, 16*, 11-15.

Chandler, T. A. & Spies, C. J. (1984). Semantic differential placement of attributions and dimensions in four different groups. *Journal of Educational Psychology, 76* (6), 1119-1127.

Chase, L. (1991). *Physical self-perceptions and activity involvement in the older population.* Arizona State University, Tempe, AZ.

Chase, L. A., & Corbin, C. B. (1995). Development of the Physical Self-Perception Profile for older adults and prediction of activity involvement. *Medicine and Science in Sport and Exercise*, *27*, (Suppl.), S42.

Combs, A., & Snygg, D. (1959). *Individual behaviour.* New York: Harper.

Coopersmith, S. (1967). *The antecedents of self-esteem.* San Francisco: Freeman.

Corr, P. J. & Gray, J. A. (1996). Structure and validity of the Attributional Style Questionnaire: A cross-sample comparison. *Journal of Psychology*, *130*, 645-657.

Correia, M. L. (1989). *Crianças que repetem o ano na escola primária: Como se auto-percepcionam e auto-avaliam.* Tese de mestrado não publicada. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Coyne, J. C. & Gotlib, I. H. (1983). The role of cognition in depression: A critical appraisal. *Psychological Bulletin*, *94*, 472-505.

Cutrona, C. E., Russel, D., & Jones, R. D. (1985). Cross-situational consistency in causal attributions: Does attributional style exist? *Journal of Personality and Social Psychology, 36*, 1043-1058.

Dabrowska, H. (1993a). Attribution patterns of the outcome and their function in male and female athletes. *Biology of Sport, 10* (2), 119-122.

Dabrowska, H. (1993b). Emotional-cognitive mechanisms of functioning of men and women in sports. *Biology of Sport, 10* (4), 267-273.

Deaux, K. (1976). Sex: A perspective on the attribution process. In J. Harvey, W. J. Ickes & R. F. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (Vol.1, pp. 335-352). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Deaux, K. (1984). From individual differences to social categories: Analysis of a decade's research on gender. *American Psychologist,* 39, 105-116.

Deaux, K. & Emswiller, T. (1974). Explanations of successful performance based on sex-linked tasks: What is skill for the male is luck for the female. *Journal of Personality and Social Psychology, 29*, 80-85.

Deaux, K. & Farris, E. (1977). Attributing causes for one´s own performance: The effects of sex, norms and outcome. *Journal of Research in Personality, 11*, 59-72

Diener, C. & Dweck, C. S. (1978). An analysis of learned helplessness: Continuous changes in performance, strategy, and achievement cognitions following failures. *Journal of Personality and Social Psychology, 36*, 451-462.

Dowd, E. T., Lawson, G. W., & Petosa, R. (1986). Attributional styles of alcoholics. *International Journal of Addictions, 21*, 589-593.

Dweck, C. S. & Elliot, E. (1984). Achievement motivation. In H. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology (4th ed.), Vol. 4: Socialization, personality and social development* (pp. 643-691). New York: John Wiley & Sons.

Elig, T. W. & Frieze, I. H. (1979). Measuring causal attributions for success and failure. *Journal of Personality and Social Psychology, 37*, 621-634.

Epstein, S. (1973). The self-concept revisited or a theory of a theory. *American Psychologist, 28*, 405-416.

Faria, F. & Silva, S. (2000). Efeitos do exercício físico na promoção do auto-conceito. *Psychologica, 25*, 25-43.

Faria, L. & Fontaine, A. M. (1990). Avaliação do conceito de si próprio em adolescentes: Adaptação do SDQ I de Marsh à população portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica, 6*, 97-105.

Feather, N. T. & Tiggeman, M. (1984). A balanced measure of attributional style. *Australian Journal of Psychology, 36*, 267-283.

Feather, N. T. (1983). Some correlates of attributional style: Depressive symptoms, self-esteem, and protestant ethic values. *Personality and Social Psychology Bulletin, 9* (1), 125-135.

Ferreira, J. P. L. (1997). *A influência de variáveis biossociais e de aptidão física na evolução do auto-conceito/imagem corporal em jovens entre os 14/16 e os 17/19 anos de idade com e sem sucesso escolar*. Tese de mestrado não publicada. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

Fincham, F. D, Diener, C. I., & Hokoda, A. (1987). Attributional style and learned helplessness: Relationship to the use of causal schemata and depressive symptoms in children. *British Journal of Social Psychology, 26,* 1-7.

Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (1984). *Social Cognition.* Reading, MA: Addison-Wesley.

Fleming, J. S. & Courtney, B. E. (1984). The dimensionality of self-esteem: Hierarchical facet model for revised measurement scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 46* (2), 404-421.

Fonseca, A. M. (1992). *A versão portuguesa da Causal Dimension Scale II: Escala de Dimensões Causais II (CDSIIp).* Trabalho não publicado. Universidade do Porto, Fa culdade de Ciências do Desporto e da Educação Física.

Fonseca, A. M. (1993). Atribuições causais no futebol. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira & A. Paula-Brito (Eds.). *Psicologia do desporto: Uma perspectiva integrada (Actas do 8th World Congress of Sport Psychology) (pp. 352-355).* Lisboa: ISSP, Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva, Faculdade de Motricidade Humana.

Fonseca, A. M. (1996). As atribuições causais em contextos desportivos. In J. Cruz (Ed.), *Manual de psicologia do desporto* (pp. 333-359). Braga: SHO, Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda.

Fonseca, A. M. (1999). *Atribuições em contexto de actividade física ou desportiva: Perspectivas, relações, implicações* (Dissertação apresentada às provas de Doutoramento do Ramo de Ciências do Desporto). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.

Fonseca, A. M. & Coelho, E. (1998). Percepção das causas dos resultados: Um estudo com praticantes de atletismo de alto nível. In A. Marques, A. Prista & A. Faria-Júnior (Eds.), *Educação Física: Contexto e Inovação* (vol.2, pp 413-421). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física & Universidade Pedagógica de Maputo, Faculdade de Ciências da Educação Física e Desporto.

Fonseca, A. M. & Maia, J. A. (1994). Avaliação das propriedades psicométricas de um instrumento psicológico, a CDSIIp, a partir da abordagem do LISREL. In L. S. Almeida & I. S. Ribeiro (Org.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol. II, pp. 35-42). Braga:

Fonseca, A. M. & Maia, J. A. (1995). Escala de Dimensões Causais II (CDSIIp). In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Provas psicológicas em Portugal* (pp. 102-124). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Fontaine, A. M. (1991). Desenvolvimento do conceito de si próprio e realização escolar na adolescência. *Psychologica, 5*, 13-31.

Fox, K. R. (1988). The self-esteem complex and youth fitness. *Quest, 40*, 230-246.

Fox, K. R. (1990). *The Physical Self-Perception Profile Manual.* DeKalb, IL: Office for Health Promotion, Northern Illinois University.

Fox, K. R. (1997). The physical self and processes in self-esteem development. In K.R. Fox (Ed.), *The physical self: From motivation to well-being* (pp. 27-58). Champaign, IL: Human Kinetics.

Fox, K. R. (1998). Advances in the measurement of the physical self. In J.L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 295-310). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Fox, K. R. (2000). Self-Esteem, self-perceptions and exercise. *International Journal of Sport Psychology*, *31*, 228-240.

Fox, K. R. & Corbin, C. B. (1989). The Physical Self-Perception Profile: Development and preliminary validation. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 11*, 408-430.

Fox, K. R., & Dirkin, G. R. (1992). Psychosocial predictors and outcomes of exercise in patients attending multidisciplinary obesity treatment. *International Journal of Obesity*, *16*, (Suppl. 1), 84.

Frieze, I. H. (1981). Children´s attributions for success and failure. In S. Brehm, S. Kassin & F. Gibbons (Eds), *Developmental social psychology* (pp. 57-71). New York: Oxford University Press.

Furst, D. M. (1989). Attributional consistency and subjetive perceptions of sucess. *Perceptual and Motor Skills, 69*, 529-530.

Garcia-Marques, L. (1991). Heider: o protótipo das origens... do estudo da atribuição. *Psicologia, VIII* (1), 161-165.

Gill, D. L. (1993). Competitiveness and competitive orientation in sport. In R. Singer, M. Murphy & L.K. Tennant (Eds.), *Handbook of research on sport psychology* (pp. 314-327). New York: MacMillan.

Gill, D. L., Ruder, M. K. & Gross, J. B. (1982). Open-ended attributions in team competition. *Journal of Sport Psychology, 4*, 159-169.

Goldstein, B. I., Abela, J. R. Z., Buchanan, G. M., & Seligman, M. E. P. (2000). Attributional style and life events: A diathesis-stress theory of alcohol consumption. *Psychological Reports, 87 (3)*, 949-955.

Graham, T. R. & Crocker, P. R. E. (1996). Measuring causal attributions: The reliability of the Revised Causal Dimension Scale (CDS2) for physical active adolescents. *Journal of Applied Sport Psychology, 8* (suppl.), S71.

Greendorfer, S. L. (1983). A challenge for sociocultural sport studies. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance, 54*, 18-20.

Grove, J. R. & Pargman, D. (1986). Relationships among success/failure, attributions and performance expectancies in competitive situations. In L. V. Velden & J. H. Humphrey (Eds.), *Psychology and sociology of sport: Current selected research I* (pp. 85-95). New York: AMS Press.

Grove, J. R, Hanrahan, S. J., & McInman, A. (1991). Success/failure bias in attributions across involvement categories in sport. *Personality and Social Psychology Bulletin, 17*, 93-97.

Grove, J. R., Hanrahan, S. J., & Stewart, R. M. L. (1990). Attributions for rapid or slow recovery from sports injuries. *Canadian Journal of Sports Sciences*, *15* (2), 107-114.

Grove, J. R. & Pargman, D. (1986). Attributions and performance during competition. *Journal of Sport Psychology, 8,* 129-134.

Guallar, A., Balaguer, I. & Garcia-Merita, M. L. (1993). A review of the theoretical basis in the study of attribution in sport. In S. Serpa, J. Alves & V. Ferreira (Eds), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto* (pp. 840-846). Lisboa: International Society of Sport Psychology, Faculdade de Motricidade Humana.

Guilherme, J. F. (2002). *Auto-conceito e resultados desportivos.* Monografia de licenciatura não publicada. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Hale, B. D. (1993). Explanatory style as a predictor of academic and athletic achievement in college athletes. *Journal of Sport Behavior, 16 (2),* 63-75.

Hanrahan, S. (1994). Attributional style, intrinsic motivation, and achievement goal orientations. In M. Audiffren & G. Minvielle (Eds), *Psychologie des pratiques physiques et sportives* (pp.303-304). Université de Poitiers : Presses de L'UFR APS.

Hanrahan, S. J., Grove, J. R., & Hattie, J. A. (1989). Development of a questionnaire measure of sport-related attributional style. *International Journal of Sport Psychology*, *20*, 114-134.

Hanrahan, S. & Grove, J. (1989). Intrinsic motivation and attributional style in sport: Does a relationship exist? In C.K. Giam, K.K. Chook & K.C. Teh (Eds.), *Proceedings of the VII World Congress of Sport Psychology* (pp.51-52). Singapura: Singapura Sports Council.

Hanrahan, S. J. & Grove, J. R. (1990a). Further examination of the psychometric properties of the sport attributional style scale. *Journal of Sport Behavior*, *13* (4), 183-193.

Hanrahan, S. J. & Grove, J. R. (1990b). A short form of the Sport Attributional Style Scale. *Australian Journal of Science and Medicine in Sport, 22*, 97-101.

Hanrahan, S. (1993). Attributional style, intrinsic motivation and achievement goal orientations. In S. Serpa, J. Alves & V. Ferreira (Eds), *Actas do VIII Congresso Mundial de Psicologia do Desporto* (pp. 846-850). Lisboa: ISSP, FMH.

Harter, S. (1982). The Perceived Competence Scale for children. *Child Development, 53*, 87-97.

Harter, S. (1983). Developmental perspectives on the self-esteem. In E.M. Hetherington (Ed.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality and social development* (vol. 4, pp 275-385). New York: John Wiley and Sons.

Harter, S. (1985). Competence as dimensions of self-avaluation: Toward a comprehensive model of self-worth. In R.L. Leahy (Ed.). *The development of the self* (pp. 55-122). New York: Academic Press.

Harter, S. (1988). *Manual for the Self-Perception Profile for Adolescents*. Denver, CO: University of Denver.

Harter, S. (1996). Historical roots of contemporary issues involving self-concept. In B.A. Bracken (Ed.), *Handbook of self*-concept (pp. 1-37). New York: Wiley.

Harter, S. (1998). The development of self-representations. In N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Social, emotional and, personality development.* (vol.3, pp. 553-618). New York: Wiley.

Harvey, J. H. & Weary, G. (1984). Current issues in attribution theory and research. *Annual Review of Psychology, 35*, 427-459.

Hattie, J. (1992). *Self-concept.* Hillsdale, NJ: Erlbaum

Haywood, K.M. (1993). *Life span motor development*. Champaign, IL: Human Kinetics.

Heider, F. (1944). Social perception and phenomenal causality. *Psychological Review, 51,* 358-374.

Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations.* New York: Wiley.

Hewstone, M. (1989). *Causal attribution: From cognitive processes to collective beliefs.* Oxford, England: Blackwell.

Hewstone, M. & Fincham, F. (1996). Attribution theory and research: Back issues and applications. In M. Hewstone, W. Stroebe & G. M. Stephenson (Eds.), *Introduction to social psychology: A european perspective* (2nd ed., pp.167-204). Oxford: Blackwell Publishers.

Ickes, W. & Layden, M.A. (1978). Attributional Styles. In J. H. Harvey, W. J. Ickes & R. F. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (vol.2, pp.119-152). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Ickes, W. (1988). Attributional styles and the self-concept. L. Y. Abramson (Ed.), *Social cognition and clinical psychology: A synthesis* (pp. 67-95). New York: Guilford Press.

Iso-Ahola, S. E. (1975). A test of the attribution theory of success and failure with little league baseball players. *Mouvement, 9,* 323-337.

Iso-Ahola, S. E. (1977). Immediate attributional effects of success and failure in the field: Testing some laboratory hypotheses. *European Journal of Social Psychology, 7,* 275-296.

Iso-Ahola, S. E. & Roberts, G. C.(1977). Causal attributions following success and failure at an achievement motor task. *Research Quarterly, 48,* 541-549.

Jackson, S. & Marsh, H. W. (1986). Athletic or antisocial: The female sport experience. *Journal of Sport Psychology, 8*, 198-211.

James, W. (1963). *The principles of psychology.* New York: Holt, Rinehart & Winston (Original work published 1890).

Jones, E. E. & Davies, K. E. (1965). From acts to dispositions: The attribution process in person perception. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 2, pp. 219-266). London: Academic Press.

Kamal, A. F., Blais, C., & Kelly, P. (1995). Self-esteem attributional components of athletes versus nonathletes. *International Journal of Sport Psychology, 26,* 189-195.

Kelley, H. H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.), *Nebraska symposium on motivation (Vol. 15, pp. 192-440).* Lincoln: University of Nebraska Press.

Kelley, H. H. (1972). Causal schemata and the attribution process. In E. E. Jones, D. E. Kanouse, H. H. Kelley, R. E. Nisbett, S. Valins, & B. Weiner (Eds.). *Attribution: Perceiving the causes of behaviour* (pp. 1-26). Morristown, NJ: General Learning Press.

Kelley, H. H. (1973). The processes of causal attribution. *American Psychologist, 28,* 107-128.

Kelley, H. H. & Michela, J. (1980). Attribution theory and research. *Annual Review of Psychology, 31*, 457-501.

Kimiecik, J. C. & Duda, J. L. (1995). Self-serving attributions among children in a competitive sport setting: Some theoretical and methodological considerations. *Journal of Sport Behavior, 8* (2), 78-91.

Kretschmer, E. (1925). *Physique and character.* New York: Harcourt Brace.

Lau, R. R. & Russel, D. (1980). Attributions in the sports page. *Journal of Personality and Social Psychology, 39* (1), 29-38.

Leith, L. M. & Prapavessis, H. (1989). Attributions of causality and dimensionality associated with sport outcomes in objectively evaluated and subjectively evaluated sports. *International Journal of Sport Psychology, 20* (3), 224-234.

LeUnes, A. D., Wolf, P., Ripper, N., & Anding, K. (1990). Classic references in Journal of Sport Psychology, 1979-1987. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 12*, 74-81.

Maehr, M. L. & Nicholls, J. G. (1980). Culture and achievement motivation: A second look. In N. Warren (Ed.), *Studies in cross-cultural psychology* (Vol. 2, pp. 221-267). New York: Academic Press.

Maia, J. A. R., Almeida, A. P., & Fontoura, J. M. (1995). Adaptação portuguesa da Escala de Auto-Conceito Físico (PSDQ): Um estudo de análise factorial confirmatória. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida & M. Simões (Eds.). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (vol. 5, pp. 443-450). Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses.

Mark, M. M., Mutrie, N., Brooks, D. R., & Harris, D. V. (1984). Causal attributions of winners and losers in individual competitive sports: Towards a reformulation of the self-serving bias. *Journal of Sport Psychology, 6*, 184-196.

Markus, H. (1977). Self-schemata and processing information about the self. *Journal of Personality and Social Psychology, 35*, 63-78.

Marsh, H. W. (1993). The multidimensional structure of physical fitness: Invariance over gender and age. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 64*, 256-273.

Marsh, H. W. (1994). Sport motivation orientations: Beware of jingle-jangle fallacies. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 16* (4), 365-379.

Marsh, H. W. (1996). Construct validity of Physical Self-Description Questionnaire responses: Relations to external criteria. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 18*, 111-131.

Marsh, H. W. (1997). The measurement of physical self-concept: A construct validation approach. In K. R. Fox (Ed.), *The physical self: From motivation to well-being* (pp. 27-58). Champaign, IL: Human Kinetics.

Marsh, H. W. (2000). *A multidimensional physical self-concept: A construct validity approach to theory, measurement and research.* Paper presented at the 10th World Congress on Sport Psychology, Skiathos, Greece.

Marsh, H.W., Barnes, J., Cairns, L., & Tidman, M. (1984). The Self Description Questionnaire (SDQ): Age effects in the structure and level of self-concept for preadolescent children. *Journal of Educational Psychology*, *76*, 940-956.

Marsh, H. W., Byrne, B. M., & Shavelson, R. J. (1988). A multifaceted academic self-concept: Its hierarchical structure and its relation to academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, *80*, 366-380.

Marsh, H. W., & Hattie, J. (1996). Theoretical perspectives on the structure of self-concept. In B.A. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept* (pp. 56-73). New York: Wiley.

Marsh, H. W. & Jackson, S. A. (1986). Multidimensional self-concepts, masculinity and femininity as a function of women´s involvement in athletics. *Sex Roles, 15*, 391-415.

Marsh, H. W., Parker, J. W., & Smith, I. D. (1983). Preadolescent self-concept: Its relation to self-concept as inferred by teachers and to academic ability. *British Journal of Educational Psychology, 53*, 60-78.

Marsh, H. W., & Peart, N. (1988). Competitive and cooperative physical fitness training programs for girls: Effects on physical fitness and on multidimensional self-concepts. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 10,* 390-407.

Marsh, H. W., Perry, C., Horsely, C., & Roche, L. (1994). Multidimensional physical self-concepts of elite athletes: How do they differ from the general population? *Journal of Sport and Exercise Psychology, 17,* 70-83.

Marsh, H. W. & Redmayne, R. S. (1994). A multidimensional physical self-concept and its relation to multiple components of physical fitness. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 16,* 45-55.

Marsh, H. W., Richards, G. & Barnes, J. (1986). Muldimensional self-concepts: A long term follow-up of the effect of participation in an Outward Bound program. *Personality and Social Psychology Bulletin, 12,* 475-492.

Marsh, H. W., Richards, G. E., Johnson, S., Roche, L., & Tremayne, P. (1994). Physical Self Description Questionnaire: Psychometric properties and a multitrait-multimethod analysis of relations to existing instruments. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 16,* 270-305.

Marsh, H. W. & Shavelson, R. J. (1985). Self-concept: Its multifaceted, hierarchical structure. *Educational Psychologist. 20,* 107-125.

McAuley, E. (1985). Success and causality in sport: The influence of perception. *Journal of Sport Psychology, 7,* 13-22.

McAuley, E. & Duncan, T. E. (1989). Causal attributions and affective reactions to disconfirming outcomes in motor performance. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 11,* 187-200.

McAuley, E. & Duncan, T. E. (1990). The causal attribution process in sport and physical activity. In S. Graham & V.S. Folkes (Eds.). *Attribution theory: Applications to achievement, mental health and interpersonal conflict* (pp. 37-52).

Hillsdale, NJ. Erlbaum.

McAuley, E., Duncan, T. E., Russel, D. (1992). Measuring causal attributions: The Revised Causal Attributions Scale (CDS-II). *Personality and Social Psychology Bulletin, 18,* 566-573.

McAuley, E. & Gross, J. B. (1983). Perceptions of causality in sport: An application of the Causal Dimension Scale. *Journal of Sport Psychology, 5,* 72-76.

McAuley, E., Russell, D., & Gross, J. B. (1983). Affective consequences of winning and losing: An attributional analysis. *Journal of Sport Psychology, 5,* 278-287.

McAuley, E., Poag, K., Gleason, A., & Wraith, S. (1990). Attribution from exercise programs: Attributional and affective perspectives. *Journal of Social Behaviour and Personality, 5*, 591-602.

McCormick, R. A., & Taber, J. I. (1988). Attributional style in pathological gamblers in treatment. *Journal of Abnormal Psychology, 97* (3), 368-370.

McGill, J. C., Hall, J. R., Ratliff, W. R., & Moss, R. F (1986). Personality characteristics of professional rodeo cowboys. *Journal of Sport Behavior, 9* (4), 143-151.

Metalski, G. & Abramson, L. (1981). Attributional Style: Toward a framework for conceptualization and assessment. In P. Kendall & S. Hollon (Eds.), *Assessment strategies for cognitive-behavioral interventions* (pp. 13-58). New York: Academic Press.

Mikulincer, M. & Solomon, Z. (1988). Attributional style and combat-related posttraumatic stress disorder. *Journal of Abnormal Psychology, 97 (3),* 308-313.

Mikulincer, M. (1988). Reactance and helplessness following exposure to unsolvable problems: The effects of attributional style. *Journal of Personality and Social Psychology, 54 (4),* 679-686.

Morgan, L. K., Griffin, J. & Heyward, V. H. (1996). Ethnicity, Gender, and Experience Effects on Attributional Dimensions. *Sport Psychologist, 10,* 4-16.

Mutrie, N. & Biddle, S. J. H. (1995). The effects of exercise on mental health in nonclinical populations. In S. J. H. Biddle (Ed.), *European perspectives on exercise and sport psychology* (pp. 50-70). Champaign, IL: Human Kinetics.

Neves, P. (2001). *Estilo atribucional e competência percebida em atletas de diferentes faixas etárias.* Monografia de licenciatura não publicada. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Perry, C. J., & Marsh, H. W. (2000). Listening to self-talk, hearing self-concept. Em M.B. Andersen (Ed.), *Doing sport psychology* (pp. 61-76). Champaign, Illinois: Human Kinetics.

Ommundsen, Y. & Vaglum, P. (1991). The influence of attributional styles on the soccer-related self-esteem and persistence in soccer of young boys. *Medicine Science Sports, 1*, 45-50.

Ostell, A. & Divers, P. (1987). Attributional style, unemployment and mental health. *Journal of Occupational Psychology, 60*, 333-337.

Ostrow, A. C. (1996). *Directory of psychological tests in the sport and exercise sciences* (2nd edition). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Page, A., Ashford, B., Fox, K., & Biddle, S. J. H. (1993). Evidence of cross-cultural validity for the Physical Self-Perception Profile. *Personality Individual Differences, 14*, 585-590.

Peterson, C., Luborsky, L. & Seligman, M. E. P (1983). Attributions and depressive mood shifts. *Journal of Abnormal* Psychology, 92, 96-103.

Peterson, C., Seligman, M. E. P. (1984). Causal Explanations as a risk factor for depression: Theory and Evidence. *Psychological Review, 91 (3)*, 347-374.

Peterson, C., Seligman, M. E. P. (1987). Explanatory style and illness. *Journal of Personality, 55 (2),* 237-265.

Peterson, C., Semmel, A., von Bayer, C., Abramson, L. Y., Metalsky, G. I & Seligman, M. E. P. (1982). The Attributional Style Questionnaire. *Cognitive Therapy and Research, 6,* 287-299.

Peterson, C., Seligman, M. E. P. & Vailant, G. E. (1988). Pessimistic explanatory style is a risk factor for physical illness: A thirty-five-year longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology, 55 (1),* 23-27.

Piers, E. V. (1984). *Piers-Harris Children´s Self-Concept Scale: Revised manual*. Los Angeles: Western Psychological Services.

Piers, E., & Harris, D. (1977). *The Piers-Harris Children´s Self Concept Scale* (2nd Ed.). Nashville, TN : Counselor Recordings and Tests.

Prapavessis, H. & Carron, A. V. (1988). Learned helplessness in sport. *Sport Psychologist, 2,* 189-201.

Reivich, K. (1995). The measurement of explanatory style. In G. M. Buchanan & M. E. P. Seligman (Eds.), *Explanatory style* (pp. 21-55). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Rejeski, W. J. & Brawley, L. R. (1983). Attribution theory in sport: Current status and new perspectives. *Journal of Sport Psychology, 5,* 77-99.

Rethorst, S. & Duda, J. L. (1993). Goal orientations, cognitions and emotions in gymnastics. *Psicologia do desporto: Uma perspectiva integrada (Actas do 8th World Congress of Sport Psychology)* (pp. 352-355). Lisboa: International Society of Sport Psychology, Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva, Faculdade de Motricidade Humana.

Rettew, D. & Reivich, K. (1995). Sports and explanatory style. In G. M. Buchanan & M. E. P. Seligman (Eds.), *Explanatory style* (pp. 173-185). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Riordan, C. A., Thomas, J. S. & James, M. K. (1985). Attribution in one-on-one sports competition: Evidence for self-serving bias and gender differences. *Journal of Sport Behavior, 8*, 42-53.

Roberts, G. C. (1975). Win-loss causal attribution of little league players. *Mouvement, 7*, 315-322.

Roberts, G. C. & Pascuzzi, D. (1979). Causal attributions in sport : Some theoretical implications. *Journal of Sport Psychology, 1*, 203-211.

Robinson, D. W. & Howe, B. L. (1989) Appraisal variable/affect relationships in youth sport. A test of Weiner´s attributional model. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 11*, 431-443.

Rogers (1951). *Client centered therapy.* Boston : Houghton Mifflin.

Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ : Princeton University.

Rosenberg, M. (1986). *Conceiving the self.* Melbourne, FL : Academic Press.

Ross, M. & Fletcher, G. J. O. (1985). Attribution and social perception. In G. Lindsay & E. Aronson (Eds.), *Handbook of social psychology* (3rd edition, vol. 2, pp. 73-122). New York: Laurence Erlbaum Associates.

Rudisill, M. E. (1988). The influence of causal dimensions orientations and perceived competence on adults´ expectations, persistence, performance and the selecion of causal dimensions. *International Journal of Sport Psychology, 19*, 184-198.

Rudisill, M. E.(1988). Sex differences in various cognitive and behavioural parameters in a competitive situation. *International Journal of Sport Psychology, 19 (4),* 296-310.

Rudisill, M. E. (1989). The influence of perceived competence and causal dimensions orientations on expectations, persistence and performance during perceived failure. *Resarch Quarterly for Exercise and Sport, 60*, 166-175.

Russel, D. (1982). The causal dimension scale : A measure of how individuals perceive causes. *Journal of Personality and Social Psychology, 142*, 1137-1145.

Russel, D. & McAuley, E. (1986). Causal attributions, causal dimensions, and affective reactions to success and failure. *Journal of Personality and Social Psychology, 50* (6), 1174-1185.

Russel, D., McAuley, E., & Tarico, V. (1987). Measuring causal attributions for success and failure: A comparison of methodologies for assessing causal dimensions. *Journal of Personality and Social Psychology, 52* (6), 1248-1257.

Santamaria, V. L. & Furst, D. M. (1994). Distace runners´ causal attributions for most sucessful and least sucessful races. *Journal of Sport Behavior, 17* (1), 43-51.

Scanlan, T. K. & Passer, M. W. (1980). The attributional responses of young female athletes after winning, tying and losing. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 51*, 675-684.

Secord, P. F., & Jourard, S. M. (1953). The appraisal of body-cathexis: Body cathexis and the self. *Journal of Consulting Psychology, 17*, 343-347.

Seligman, M. E. P. (1992). *Learned optimism.* NY: Pocket Books.

Seligman, M. E. P., Nolen-Hoekseman, S., Thornton, N., & Thornton, K. M. (1990). Explanatory style as a mechanism of disappointing athletic performance. *Psychological Science, 1 (2),* 143-146.

Shavelson, R. J., & Bolus, R. (1982). Self-concept: The interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology, 74*, 3-17.

Shavelson, R. J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976). Self-concept: Validation if consctruct interpretations. *Review of Educational Research, 46*, 407-411.

Sheldon, W. H. (1942). *The varieties of human physique.* New York: Harcourt.

Singer, R. N. & McCaughan, L. (1978). Motivational effects of attributions expectancy, and achievement motivation during the learning of a novel motor task. *Journal of Motor Behavior, 10*, 245-253.

Smith, T. L. (1986). Self-concepts of youth sport participants and nonparticipants in grades 3 and 6. *Perceptual and Motor Skills, 54*, 1145-1146.

Snodgrass, M. A. (1987). The relationship of differential loneliness, intimacy, and characterological attributional style to duration of loneliness. *Journal of Social Behavior and Personality, 2* (2), 173-186.

Sonstroem, R. J. (1976). The validity of self-perceptions regarding physical and athletic ability. *Medicine and Science in Sports, 8*, 126-132.

Sonstroem, R. J. (1984). Exercise and self-esteem. *Exercise and Sports Science Review, 12*, 123-155.

Sonstroem, R. J., Harlow, L. L., & Josephs, L. (1994). Exercise and self-esteem: Validity of model expansion and exercise associations. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 16*, 29-42.

Sonstroem, R. J., Harlow, L. L., & Salisbury, K. S. (1993). Path analysis of a self-esteem model across a competitive swim season. *Research Quarterly for Exercise and Sport, 64*, 335-342-

Sonstroem, R. J., Speliotis, E. D. & Fava, J. L. (1992). Perceived physical competence in adults: An examination of the Physical Self-Perception Profile. *Journal of Sport and Exercise Psychology, 14*, 207-221.

Spink, K. & Roberts, G. C. (1980). Ambiguity of outcome and causal attributions. *Journal of Sport Psychology, 2* (3), 237-244.

Sweeney, P., Anderson, K. & Bailey, S. (1986). Attributional style and depression: A meta-analytic review. *Journal of Personality and Social Psychology, 50* (5), 974-991.

Tenenbaum, G. & Furst, D. (1985). The relationship between sport achievement responsibility, attribution and related situational variables. *International Journal of Sport Psychology*, *16*, 254-269.

Tenenbaum, G. & Furst, D. (1986). Consistency of attributional responses by individuals and groups differing in gender, perceived ability and expectations for success. *British Journal of Social Psychology, 25* (4), 315-321.

Tenenbaum, G., Furst, D., & Weingarten, G. (1984). Attribution of causality in sports events: Validation of the Wingate Sport Achievement Responsibility Scale. *Journal of Sport Psychology, 6*, 430-439.

Tenenbaum, G. & Weingarten, G. (1983). *External vs. internal attribution in team and individual athletes: Measured by the Wingate Sport Achievement Responsibility Inventory*. Comunicação apresentada no 5th Annual Meeting of the European Federation of Sport Psychology.

Thomas, G. (1996). Learned helplessness and basketball playoff performance. *Journal of Sport Behavior, 19 (4),* 347-353.

Tiggemann, M., Winefield, A. H. Winefield, H. R., & Goldney, R. D. (1991). The stability of attributional style and its relation to psychological distress. *British Journal of Clinical Psychology, 30*, 247-255.

Vala, J. (1991). O que há de novo num texto velho – a propósito do artigo de Heider: "Social perception and phenomenal causality". *Psicologia, VIII* (1), 157-159.

Vallerand, R. J. (1987). Antecedents of self-related affects in sport: Preliminary evidence on the intuitive-reflective appraisal model. *Journal of Sport Psychology, 9,* 161-182.

Vallerand, R. J. (1994). Les attributions en psychologie sociale. In R.J. Vallerand (Ed.), *Les fondaments de la* psychologie sociale (pp. 259-326). Québéc: Gaetan Morin Éditeur.

Vallerand, R. J. & Blanchard, C. M. (2000). The study of emotion in sport and exercise: Historical, definitional and conceptual perspectives. In Y. L. Hanin (Ed.), *Emotions in sport* (pp.3-37). Champaign, IL: Human Kinetics.

Vallerand, R. J. & Richer, F. (1988). On the use of the Causal Dimension Scale in a field setting: A test with confirmatory factor analysis in success in failure situations. *Journal of Personality and Social Psychology,* 54 (4), 704-712.

Van Raalte, J. (1994). Sport performance attributions: A special case of self-serving bias? *Australian Journal of Science and Medicine in Sport, 26,* 45-48.

Vaz Serra, A. (1986). A importância do auto-conceito. *Psiquiatria Clínica, 7* (2), 57-66.

Vaz Serra, A. (1988). Atribuição e Auto-conceito. *Psychologica, 1,* 127-141.

Vaz Serra, A., Firmino, H., & Matos, A. P. (1986). Auto-conceito e locus de controlo. *Psiquiatria Clínica, 8* (3), 143-146.

Vlachopoulos, S., Biddle, S., & Fox, K. (1997). Determinants of emotion in children´s physical activity: A test of goal perspectives and attribution theories. *Pediatric Exercise Science, 9,* 65-79.

Weiner, B. (1979). A theory of motivation for some classroom experiences. *Journal of Educational Psychology, 71*, 3-25.

Weiner, B. (1980). *Human motivation.* New York: Holt, Rinehart & Winston.

Weiner, B. (1983). Some methodological pitfalls in attributional research. *Journal of Educational Psychology, 75*, 530-543.

Weiner, B. (1985a). An attributional theory of achievement motivation and emotion. *Psychological Review, 92* (4), 548-573.

Weiner, B. (1985b). "Spontaneous" causal thinking. *Psychological Bulletin, 97* (1), 74-84.

Weiner, B. (1986). An attributional theory of motivation and emotion. New York: Springer-Velag.

Weiner, B. (1992). *Human motivation: Metaphors, theories, and* research (2nd ed). Newbury Park: Sage Publications.

Weiner, B. (1995). *Judgements of responsibility.* New York: Guilford Press.

Weiner, B., Frieze, I. H., Kukla, A., Reed, L., Rest, S., & Rosenbaum, R. M. (1972). Perceiving the causes of success and failure. In E. E. Jones, D. E. Kanouse, H. H. Kelley, R. E. Nisbett, S. Valins & B. Weiner (Eds.), *Attribution: Perceiving the causes of behaviour* (pp. 95-120). Morristown, NJ: General Learning Press.

Weiss, M. R. (1987). Self-esteem and achievement in children´s sport and physical activity. In D. Gould & M. R. Weiss (Eds.), *Advances in pediatric sport sciences* (vol.2, pp. 87-119). Champaign, IL: Human Kinetics.

Weiss, M. R., McAuley, E., Ebbeck, V., & Wiese, D. M. (1990). Self-esteem and causal attributions for children's physical and social competence in sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology, 12*, 21-36.

Wells, L. E, & Marwell, G. (1976). *Self-esteem, its conceptualization and measurement (vol. 20).* Sage Library of Social Research.

White, S. A. (1993). The effect of gender and age on causal attribution in softball players. *International Journal of Sport Psychology, 24,* 49-58.

Whitehead, J.R. (1995). A study of children´s physical self-perceptions using an adapted physical self-perception questionnaire. *Pediatric Exercise Science, 7,* 133-152

Willis, J. D. & Campbell, L. F. (1992). *Exercise psychology.* Champaign, IL: Human Kinetics.

Wylie, R. C. (1974). *The self-concept (vol. 1).* Lincoln: University of Nebraska Press.

Wylie, R. C. (1989). *Measures of self-concept.* Lincoln: University of Nebraska Press.

Xenikou, A., Furnham, A. & McCarrey, M. (1997). Attributional style for negative events: A proposition for a more reliable and valid measure of attributional style. *British Journal of Psychology, 88,* 53-69.

Yamamoto, Y. (1983). A study on causal attribution for coaching. *Japanese Journal of Sport Psychology, 10,* 36-42.

Zientik, C. E. C. & Breakwell, G. M. (1988). Attributions made in ignorance of performance outcome. *International nnJournal of Sport Psychology, 19,* 38-46.